

CADERNO DE FORMAÇÃO 38

MÉTODO DE TRABALHO DE BASE E ORGANIZAÇÃO POPULAR

Setor de Formação - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra



EXPEDIENTE

O Caderno de Formação nº 38: ***“Método de trabalho de base e organização popular”***, é uma publicação do Setor de Formação - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Diagramação: Secretaria Nacional MST

Pedidos:

Secretaria Nacional - Setor de Formação
secgeral@mst.org.br

1ª edição - outubro de 2009

SUMÁRIO

Introdução	7
I. Sobre a Metodologia Popular: Princípios do trabalho popular	11
- <i>Ranulfo Peloso</i>	
II. A Retomada do Trabalho de Base	23
- <i>Ranulfo Peloso</i>	
III. Como fazer o Trabalho de Base	47
- <i>Ranulfo Peloso</i>	
IV. A Luta e a Organização Popular	53
- <i>Ranulfo Peloso</i>	
V. A Luta Popular	61
- <i>Ranulfo Peloso</i>	
VI. O Poder Popular	67
- <i>Ranulfo Peloso</i>	
VII. Resgatar o Espírito de Militância	77
- <i>Ranulfo Peloso</i>	
VIII. Trabalho de Base e Abrangência do Método	85
- <i>Ademar Bogo</i>	
IX. Método de Planejamento	105
- <i>Ademar Bogo</i>	

X. Como Fazer uma Reunião-----	113
- <i>Ademar Bogo</i>	
XI. O papel da formação no trabalho de base -----	121
- <i>Ademar Bogo</i>	
XII. Os vícios e desvios político-organizativos:	
origens, implicações e mecanismos para combatê-los -----	131
- <i>Adelar João Pizetta</i>	
XIII. A Mística: parte da vida e da luta -----	148
- <i>Ademar Bogo</i>	

**MÉTODO DE TRABALHO DE BASE
E ORGANIZAÇÃO POPULAR**



INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que praticamente separou dois aspectos que devem – do nosso ponto de vista – ser uma unidade dialética: teoria e prática. Referimo-nos à separação entre os que pensam, dirigem, e os que fazem, executam. A separação entre o trabalho intelectual e o trabalho braçal. Não podemos repetir essa prática nas organizações que buscam a transformação dessa sociedade.

Buscando cada vez mais a superação dessa dicotomia, é que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, sempre tem se preocupado em articular as duas esferas. Por isso o estudo é fundamental. A apropriação do conhecimento científico, das experiências históricas, das estratégias de lutas, dos métodos de trabalho e direção, de organização e também de formação política são condições essenciais, para o avanço da organização em que os seus partícipes se transformam em sujeitos políticos com capacidade de pensar, elaborar e fazer.

Foi com essa preocupação que vários companheiros foram elaborando subsídios metodológicos em diferentes momentos, e que agora organizamos nesse Caderno de Formação, a fim de que os militantes possam levar adiante as tarefas organizativas e sigam se formando no processo. Daí a importância do método, do jeito, da maneira como se faz, como se aprende fazer – fazendo.

É importante ressaltar que vários dos subsídios que constam nessa publicação, foram redigidos há algum tempo para dar conta de desafios específicos, numa realidade determinada. Por isso, nunca podem ser interpretados como receita, como algo que se aplica mecanicamente em toda a realidade. No entanto, servem como exemplos de experiências, de práticas que foram reais em determinadas organizações e que podem servir de orientações, de auxílio para que, em outros momentos e realidades se possa continuar elaborando e implementando um método organizativo e de Trabalho de Base que dê conta dos desafios que precisam ser superados.

Portanto, todo o exposto neste Caderno de Formação deve servir de guia, de estímulo, de experiência e referência a partir do

que já se construiu. A realidade está em permanente movimento e nos coloca novas questões que precisamos interpretar e enfrentar, para avançar no processo de luta pela emancipação da classe trabalhadora. Um dos grandes desafios é o **como fazer?**

Por isso, o **método** deve ser um instrumento (não uma receita) que nos auxilie a dirigir melhor; a fazer planejamentos coerentes com a realidade e os objetivos; a delegar responsabilidades e tarefas que possam forjar novos militantes; a coordenar reuniões produtivas, participativas; a desenvolver a mística com motivação revolucionária; a superar vícios e desvios organizativos que afetam a coletividade; a compreender com mais profundidade a importância e a necessidade do trabalho de base para o fortalecimento da organização; a discutir questões relacionadas ao exercício do poder e a necessidade de construir o poder popular, por intermédio da luta permanente de todos os trabalhadores envolvidos nos processos de organização da classe.

Oxalá os subsídios que agora chegam até você, possam contribuir no Trabalho de Base, despertar a criatividade e fortalecer nossa prática para que ela seja mais eficiente nesses momentos complexos e difíceis da luta pela Reforma Agrária, isto é, da luta de classes em nosso país. É mais um instrumento para auxiliar os nossos processos de reflexão sobre a prática, do balanço crítico que está em curso em nossa organização, buscando superar deficiências e limites, contribuindo com o salto de qualidade orgânico que o MST precisa dar nesse atual contexto da luta de classes, acumulando e aumentando nossa força social.

Sabemos que a força de qualquer organização é construída de forma coletiva e tem a ver com muitos fatores a partir de uma realidade determinada, concreta. Dentre esses fatores podemos destacar a questão da formação da consciência, da organicidade de seus membros e da capacidade de mobilização e lutas – as verdadeiras parceiras das transformações.

A força do povo está na sua organização e na sua luta. Mas, a força também reside na clareza dos seus objetivos, tanto imediatos como estratégicos, pois, é em função deles que se constrói a estrutura orgânica, se define as táticas e estratégias de lutas, os quais, funcionam como orientadores dos processos de formação que no interior da organização se desenvolve.

Podemos ainda dizer que a força também está nos valores humanistas e socialistas que a organização cultiva e propaga; Está nos princípios éticos e morais revolucionários; está na afetividade e

solidariedade com outros setores e movimentos sociais, na capacidade de alianças com outras forças populares em luta. Mas, todo esse acúmulo de forças deve ir sendo construído tanto do ponto de vista da elaboração teórica como do ponto de vista prático, sempre vinculando os dois aspectos do mesmo processo.

É preciso ter a convicção de que a classe trabalhadora pode ser “arquiteta de seu destino”. Para tanto, terá que decidir e tomar o rumo da história em suas mãos. Se as circunstâncias nesse momento são adversas e vivemos um refluxo no movimento das massas, devemos dar a nossa contribuição para que as condições históricas melhorem e nos preparemos para o ascenso do movimento de massas, com possibilidades efetivas de levar adiante as mudanças e transformações necessárias para a libertação dos trabalhadores. Como já disse um dos grandes mestres do operariado mundial: “*A emancipação da classe operária será obra da própria classe, ou, não haverá emancipação*”.

Bom estudo e bom Trabalho de Base a todos e todas.

São Paulo, setembro de 2009.



I.

SOBRE A METODOLOGIA POPULAR

- Ranulfo Peloso -

PRINCÍPIOS DO TRABALHO POPULAR*

Apresentação

Gostaria de iniciar dizendo que nem sempre cabe uma palestra sobre método. O que ensina a gente é fazer coisas e ler. O fundamental é fazer, é lançar-se numa prática e ir aprendendo-reaprendendo, criando-criando, com o povo. Isso é que ensina a gente. Mas, ajuda muito *bater um papo* com quem tem prática, com quem já teve prática e com quem tem uma fundamentação teórica, à propósito da experiência. Nesse olhar uma assessoria tem sentido. Mas, **o indispensável é fazer**. Assim a gente vai tendo a sensação agradável de estar descobrindo as coisas com o povo.

Tenho evitado escrever algo que não tenha feito. Nem carta sei fazer se não tiver algo importante para conversar. Meus livros são sempre relatórios, embora relatórios teóricos, feitos a partir da prática. Quem pretende trabalhar com esses relatórios deve estar disposto a recriar o que fiz, a refazer e não só copiar, a reinventar as coisas. Os elementos que vamos refletir são **princípios válidos** para quem **trabalha com o povo**, quem está metido com alfabetização de adultos ou participa de algum tipo de pastoral ou trabalho popular.

1. Ninguém está no só no mundo

O primeiro princípio é **ninguém está só no mundo**. Enquanto educadore(a)s devemos estar muito convencido(a)s de uma coisa que é óbvia: ninguém está só no mundo. Parece uma constatação besta - constatação é aquilo que ninguém precisa pesquisar. Mas, é preciso ver que implicações se tira da constatação. O importante não é fazer uma constatação. Fazer constatação é fácil, basta estar vivo. O importante é **encarnar** essa constatação com um bando de **conseqüências**, de implicações.

A primeira conseqüência, sobretudo no campo da educação, é que, se ninguém está só, é porque os seres **humanos estão no mundo com outros seres**. E estar com outros significa

* Esta reprodução adaptada tem como base a publicação PARA TRABALHAR COM O POVO editada pelo Centro de Capacitação da Juventude, Vila Alpina, Zona Leste de São Paulo, SP, 1983.

necessariamente **respeitar nos outros o direito de dizer a palavra**. Aí, começa o *embananamento* para quem tem uma posição nada humilde, quem pensa que conhece a verdade toda. Para elas só tem um jeito – **fazer a cabeça de quem não tem a verdade**.

2. Saber ouvir

A implicação profunda e rigorosa que surge quando encarno que não estou só é exatamente **o direito e o dever de respeitar em você o direito de você dizer a palavra**. Isso significa então, que é **preciso também saber ouvir**. Na medida, em que eu parto do reconhecimento do teu direito de dizer a palavra, quando eu falo porque te ouvi, eu faço mais do que falar a ti, eu falo contigo. Mas, **falar a ti só se converte no falar contigo, se eu te escuto**. No Brasil tá cheio de gente falando prá gente, mas não com a gente. Faz 500 anos que o povo brasileiro leva porrete. Tudo isso tem a ver com o trabalho do educador(a): Numa posição autoritária, é evidente que o **educador(a) fala ao povo, fala ao estudante**.

O terrível é ver um montão de gente se proclamando de esquerda e continuar falando ao povo e não com o povo numa contradição extraordinária com a própria posição de esquerda. Porque o correto da direita é falar ao povo, enquanto o correto da esquerda é falar com o povo. Esse trequinho é a primeira conclusão que a gente tira quando percebe que não está só no mundo.

Quando a gente encarna e vive este não estar só no mundo está falando da **metodologia popular**. Esse modo de ver e de tratar é muito mais que um método – **é uma concepção de mundo. É uma pedagogia**. Pedagogia e não um método cheio de técnicas. A gente sabe muito mais as coisas quando aprendemos o significado dessa pedagogia do que quando se aplica uma técnica. As técnicas só se encarnam quando o princípio é respeitado.

Se o educador está disposto a viver com o educando uma experiência na qual o educando diz sua palavra ao educador e não apenas escuta a palavra do educador, a educação se autentica, tendo no educando um criador de sua aprendizagem. Esse é um princípio fundamental.

Uma segunda consequência do falar a e do falar com é que eu só falo com na medida em que escuto também. E eu só escuto na medida em que eu respeito, inclusive o que fala me contradizendo. Se a gente só escuta o que concorda com a gente... é exatamente o que está aí no poder. Quer dizer, *desde que vocês aceitem as regras do jogo, a abertura prossegue*. Se o povo brasileiro concordar que a *abertura, a democracia* deve ser assim, ela existe, senão... Gosto muito de anedotas, inclusive as anedotas chamada *feias* que são tão bonitas.

Quando era moço, me contaram uma estória que se deu com Henry Ford. Henry Ford reuniu seus técnicos e assessores e disse: *vamos aqui discutir o modelo novo dos carros Ford*. Então, os técnicos começaram: *Sr. Henry, vamos dar um jeito de acabar com esses carros só pretos e feios; vamos tacar o carro marrom, verde, azul, mudar o estilo, fazer um negócio mais dinâmico*. Quando deu 17 h o Henry Ford falou: *agora em tenho um negócio. Vamos fazer o seguinte: amanhã, a gente se reúne aqui às cinco horas, para decidir esse negócio*. No outro dia, às 16h45 os assessores estavam todos na sala. Às 16,50 h, a secretária de Ford entrou na sala e falou: *senhores, o Sr. Ford não pode vir a essa reunião, mas pede que os senhores se reúnam; diz também que concorda com os senhores, desde que seja preta a cor dos carros*.

Eu falo contigo quando sou capaz de te escutar. E se sou capaz, eu falo a ti. No falar a e no falar sobre (que significa falar em torno), falo a ti sobre a situação tal. Se me convenci desse falar com, desse escutar, meu trabalho vai partir sempre das condições concretas em que o povo está. Meu trabalho vai partir dos níveis, das maneiras e formas como o povo se compreende na realidade e nunca da maneira como eu entendo a realidade.

3. Desmontar a visão mágica

Parto de um exemplo concreto. Quando tinha 7 anos, já não acreditava que a miséria era punição de Deus. Isso faz muito tempo. Mas, vamos admitir que eu chegue para trabalhar, numa certa área cujo nível de repressão, opressão, espoliação do povo é tão grande que a comunidade, até por necessidade de sobrevivência coletiva, se afogue numa visão alienada do mundo. Nessa visão, *Deus é o responsável* por toda aquela miséria. Nesse nível de consciência, de percepção da realidade é preciso, *acreditar que*

Deus é o responsável. Sendo Deus o *responsável* o problema passa a ter *causa superior*. É melhor acreditar que é Deus do que acreditar que não é, porque aí não se tem a obrigação de brigar, arriscando-se a morrer...

Esta é uma realidade que existe. Não se sabe como é que os **jovens de esquerda não percebem esse treco!** Então, não é possível chegar a uma área como essa e fazer um discurso sobre a **luta de classe**. Não dá mesmo! É uma absoluta inconsistência teórico-científica. Fazer um troço desse, é ignorância da ciência. Um dia, vai chegar o negócio da classe. Mas, será impossível enquanto não desmontar a visão mágica, a compreensão mágica. Se houvesse a possibilidade da participação ativa, da prática política imediata, essa visão se acabaria. Porém, é sempre uma **violência** você querer esquecer que a comunidade ainda não tem a possibilidade de um engajamento imediato.

O que tem acontecido é a gente falar à comunidade e não com a comunidade. Você faz um discurso brabo, danado. E o resultado desse discurso? Cria mais medo; mete mais medo na cabeça da população. Quer dizer, o que a gente tem a fazer é partir exatamente do **nível que a massa** está. Diante desse fato, há duas possibilidades de errar: a) **acomodar-se ao nível da compreensão da comunidade** e passar a dizer que, na verdade, *é Deus mesmo que quer isso*; b) ou arrebentar com Deus e dizer que o culpado é o imperialismo.

Seria uma falta de senso dessa pessoa porque, isso é falta de compreensão do fenômeno humano, da espoliação e das raízes. É engraçado, se fala tanto em dialética e não se é dialético. (Dialética é o processo de conhecimento pelo qual se acerta o caminho, através de um processo de reflexão sobre a realidade ou a prática). O que será que pode acontecer na cabeça das pessoas: *se Deus é um caboclo danado de forte, que criou todo esse treco* o que é que pode gerar na cabeça dessas pessoas se a gente chega e diz que *não é Deus?* Vamos ter que brigar com uma situação feita por um ser tão poderoso como este e, ao mesmo tempo, tão justo. Essa ambigüidade que está aí significa pecado. Então, a gente mete mais sentimento de culpa na cabeça da massa popular.

4. Partir do nível da massa

Antes do golpe militar, lá no Nordeste, fui conversar com um grupo de camponeses. Em poucos minutos eles se calaram e houve um grande silêncio. Até que um deles falou:

- *O senhor me desculpe, mas é o senhor que deve falar e não nós.*
- *Por que? Perguntei eu.*
- *Porque o senhor é o que sabe e nós não sabemos.*
- *Aceito. Eu sei e vocês não sabem! Mas por que é que eu sei e vocês não sabem?*
(Aceitei a posição deles em vez de me sobrepôr à posição deles. Aceitei a posição deles, mas, ao mesmo tempo, indaguei sobre eles)
- *Um deles respondeu:*
- *O senhor sabe porque foi à escola e nós não.*
- *Aceito. Fui à escola e vocês não foram. Mas, por que é que eu fui à escola e vocês não foram?*
- *Ah, foi porque seus pais puderam e os nossos não.*
- *Concordo. Mas por que meus pais puderam e os de vocês não puderam?*
- *Ah, o senhor pôde porque seus pais tinham condição, bom trabalho, bom emprego e os nossos não.*
- *Tá certo. Mas, por que os meus tinham e os de vocês não?*
- *Porque os nossos eram camponeses. Meu avô era camponês, meu pai era camponês, eu sou camponês, meu filho é camponês, meu neto vai ser camponês. (Aí, a concepção fatalista da história!).*
- *O que é ser camponês?*
- *Ah, é não ter nada, é ser explorado.*
- *Mas, o que é que explica isso tudo?*
- *Ah, é Deus! Deus quis que o senhor tivesse e nós não.*
- *Tá certo, concordo. Deus é um cara bacana, é um sujeito poderoso! Agora, eu queria fazer uma pergunta: quem aqui é pai? (Todo mundo era). Olhei para um e disse: Você tem quantos filhos? - Tenho seis, disse ele.*
- *Você seria capaz de botar 5 filhos aqui no trabalho forçado e mandar um prá Capital com comida, hotel, prá ele estudar e ser doutor, e os outros 5 morrendo no porrete e no sol?*
- *Não, não fazia isso não !*

- Então, você que acha que Deus é poderoso, que é pai, ia tirar essa oportunidade de vocês? Será que pode? Houve um silêncio e por fim um falou:

- É não, não é Deus nada! É o patrão!

Seria idiotice minha se eu dissesse que era o patrão imperialista yankee. O cabra ia dizer *o quê, onde mora esse homem?* A transformação social se faz com ciência, com consciência, bom senso, humildade, criatividade e coragem. É trabalhoso, não se faz na marra. **O voluntarismo nunca fez revolução**, em canto nenhum, nem o espontaneísmo. **Transformação social implica em convivência com as massas** populares e não a distância delas.

5. Ninguém sabe tudo ninguém ignora tudo

Um princípio que está ligado ao falar a e falar com é que **ninguém sabe de tudo, nem ninguém ignora tudo**. Isto equivale dizer que, em termos humanos, **não há nem sabedoria absoluta, nem ignorância absoluta**.

Um dia, no Chile, fui discutir com camponeses. Eles estavam inibidos para discutir comigo *por que eu era doutor*. Falei que não era. Peguei um giz, fui ao quadro e propus o seguinte jogo. *Faça uma pergunta a vocês e se vocês não souberem, eu marco um gol. Em seguida, vocês fazem uma pergunta e se eu não souber, vocês marcam um gol. Vou dar o primeiro chute*. De propósito, perguntei um treco difícil, coisa de intelectual: *eu gostaria de saber o que hermenêutica socrática?* Ficaram rindo, não sabiam o que era isso. Marquei um ponto para mim. Na vez deles, alguém fez uma pergunta sobre semeadura. Eu não entendia pipocas! Perdi um ponto. Fiz a segunda: *o que é alienação em Hegel?* Dois a um. Me fizeram uma pergunta sobre praga. Foi uma senhora experiência, com empate de 10 a 10. Convenceram-se, no final do jogo, que de fato, ninguém sabe tudo e ninguém sabe nada.

6. Elitismo e basismo

Mas, essa verdade que aceitamos a nível teórico pelo intelecto (*ninguém sabe tudo e ninguém sabe nada*), a gente precisa viver. Todo mundo aqui sabe que não está só no mundo. Porém, é preciso viver a consequência disso, sobretudo quando dizemos que nossa opção é libertadora. O que é preciso é encarnar esse princípio quando a gente se aproxima da massa popular arrogantemente,

elitistamente, para *salvar a massa inculta, incompetente, incapaz!* Essa é uma postura absurda, até porque não é científica. Há uma sabedoria que se constitui na massa popular, pela prática.

Mas, existe também outro equívoco que chamamos **basismo**: ou você está na base, o dia todo, a noite toda, mora lá, morre lá ou não dá palpite nunca! Isso é conversa fiada, não dá certo! Esse negócio de superestimar a massa popular é um elitismo às avessas. Não há porque fazer isso. Tenho claro que sou intelectual de mão fina. A sociedade burguesa em que me constitui como intelectual não me poderia ter feito diferentemente. Ou a gente é humilde para aceitar uma verdade histórica que é o nosso limite histórico ou, nos suicidamos. E eu não vou me suicidar porque é dentro dessa contradição que me forjo como **um novo tipo de intelectual**. E tenho uma contribuição a dar a massa popular.

O fundamental é que minha contribuição só é válida, na medida em que sou capaz de partir do nível em que a massa está e, portanto, aprender com ela. Se não for assim, a contribuição de nada vale ou é muito pouca. Independente das técnicas, o que vale é o princípio: **estar com o povo e não simplesmente para ele e jamais sobre ele. Isso é o que caracteriza a postura libertadora.**

7. Assumir a ingenuidade do educando

Outro princípio fundamental é a **capacidade** de assumir a ingenuidade do educando, seja universitário ou popular. É comum a gente defrontar-se com ingenuidades, com perguntas que a gente não entende. E não entende porque quem faz a pergunta não consegue fazer. Imaginem que pedagogo seria eu, se ao ouvir uma pergunta mal formulada, desorganizada ou sem sentido, eu respondesse com ironia. Que direito teríamos nós de dizer que somos educadores que pensam em liberdade e respeito? Às vezes, é complicado. Tenho feito assim quando não consigo realmente entender a pergunta: *vou repetir a pergunta; presta atenção pra ver se eu não estou distorcendo o espírito da tua pergunta; se eu distorcer, você me diz*. Então, repito a pergunta reformulando de maneira mais clara como eu penso que entendi. Não raro as pessoas afirmam: *era isso que eu queria perguntar, só que não estava sabendo*. Imaginem se eu dissesse à pessoa *não, você é um idiota!* Com que autoridade? Que sabedoria tenho eu para fazer isso? Ao contrário, é preciso seguir o princípio absolutamente fundamental: ao assumir a posição ingênua do educando, **você supera** essa posição **com ele** e não **sobre ele**.

Se é fundamental **assumir a ingenuidade do educando é absolutamente indispensável assumir a criticidade do educando diante da nossa ingenuidade de educador**. Esse é o outro lado da medalha para o educador auto-suficiente. Para ele *só o educando é ingênuo, o educador nunca é*. No fundo, ingênuo é o educador porque a ingenuidade se caracteriza pela **alienação de si mesmo ao outro**. A alienação se faz pela transferência de si em alguém para o outro: *eu não sou ingênuo, o outro é que é ingênuo*. Transfiro para ele a minha ingenuidade. Só posso criticar, se eu também acredito que também sou ingênuo; porque não há nenhuma absolutização da ingenuidade, nem absolutização da criticidade. O educador que não faz esse jogo dialético, contraditório e dinâmico, não trabalha pela libertação.

8. Educação como ato político

Discutir esses princípios e posturas pedagógicas, tudo isso é política. **A educação é tanto um ato político, quanto um ato político é educativo**. Não é possível negar, de um lado, a politicidade da educação e, do outro, a educabilidade do ato político. Nesse sentido, todo partido é sempre educador. Tudo depende que educação é essa que esse partido faz, depende com quem ele está, a favor de quem está o educador ou a educadora. Se educação é sempre um ato político e a(o) educadore(a)s são seres políticos, importa saber **a favor de quem fazemos política, qual nossa opção**.

Clareada nossa opção, a gente tem que ser coerente. Porque não adianta o **discurso revolucionário com uma prática reacionária**. Não adianta participar, uma semana, de um curso sobre metodologia popular e, em seguida, ir à favela *salvar os favelados* com a nossa ciência, em lugar de aprender com os favelados a ciência deles. **Não é o discurso que diz se a prática é válida; é a prática que diz se o discurso é válido ou não**. Quem julga é sempre a prática, não o discurso. De nada adianta um lindo sermão seguido de uma prática reacionária. De nada adianta uma proposta revolucionária, se nossa prática é pequeno-burguesa. O trabalho concreto exige capacitação em vários campos. Porém, o fundamental é a coerência com nossa opção política. Por causa dela corre-se risco. Educação libertadora ou é aventura permanente ou não é criadora. E **não há criação sem risco**; e o que temos a fazer é reinventar as coisas.

9. A marca do autoritarismo

Nós brasileiros temos que combater, em nós, a marca trágica do autoritarismo que vem dos primórdios do nosso nascimento. **O Brasil foi inventado autoritariamente e autoritariamente continua.** Não é de espantar que a abertura e a democracia se façam de forma autoritária.

Pe. Antônio Vieira, num belo sermão, durante a guerra contra os holandeses, dizia: em nenhum milagre Cristo gastou mais tempo, nem mais trabalho teve do que em curar o endemoniado mudo. E esta tem sido a grande enfermidade do nosso País: o **silêncio ao qual o povo sempre foi submetido.** O que Vieira não disse é que, neste País, quem tem sido mudo é a classe popular, as classes trabalhadoras. Não são mudas porque não fizeram nada. Elas **têm feito sua rebelião constante.** As lutas populares, neste País, têm sido grandiosas! Só que a historiografia oficial, primeiro esconde as lutas, quando conta distorce e, por fim, o poder autoritário faz tudo prá gente esquecer.

Os intelectuais são autoritários, inclusive quando somos de esquerda. Nosso autoritarismo se transformou na nossa arrogância, na sabedoria que a gente fala, nas exigências de leitura que fazemos, no nosso comportamento durante os cursos e seminários. Cita uns 40 livros e manda o aluno ler uns 200 capítulos a mais do que os 40 livros.

10. Reaprender de novo

Se você pretende começar um trabalho com grupos populares, esqueça-se de quase tudo o que lhe ensinaram. Dispasse, fique nu e comece a se vestir de povo. Esqueça-se da falsa sabedoria e comece a reaprender de novo. Aí é que a gente descobre a validade do que já se sabe – ao testar o que a gente sabe com o que o povo está sabendo.

Um grupo de jovens fazia uma experiência de alfabetização numa comunidade de favelados, durante a construção de um barraco. Depois sumiram. Quando reapareceram me disseram: Paulo, a coisa mais formidável que a gente tem pra contar é que, por mais que a gente tivesse lido você e conversado com você, a gente cometeu um erro tremendo. A gente tinha botado na cabeça que o povo queria ser alfabetizado. Como a gente falou que alfabetização era importante, o povo passou seis meses com a gente, falando daquilo por causa da gente. Quando aumentou a intimidade o povo, dando risada, falou “nós nunca quisemos isso”! O grupo

de jovens era um pessoal bacana. Tinha lido tudo meu, tinha discutido comigo um semestre. Eu também fui enrolado pela equipe. O povo queria outra coisa, mas a equipe tinha transferido ao povo a necessidade da alfabetização. Num País de 500 anos de dominação é fácil aceitar a insinuação de um intelectual sobre uma necessidade.

11. Pacientemente impaciente

O educador com a opção libertadora tem que viver pacientemente impaciente. Significa viver a relação entre a impaciência e a paciência. Não é possível viver só impaciente como muita gente, querer a revolução para amanhã. A impaciência se manifesta, por exemplo, na afirmação *as massas já têm o poder, no Brasil: só falta o Governo*. **A impaciência mete na cabeça da gente um desenho da realidade que não existe.** Só pode existir na cabeça de alguém fantasioso, não na realidade econômica, política e social do Brasil. **A impaciência significa a ruptura com a paciência.** Romper com um desses pólos, é romper em favor de um deles.



II.

A RETOMADA DO TRABALHO DE BASE

- Ranulfo Peloso -

ABERTURA

"Achavam-se agrupados e presos à terra por uma raiz comum, como uma moita de bambu. E como esse vegetal, inclinavam-se e dobravam-se. Mas, sobreviviam às maiores tempestades"

Uma marca da organização popular é seu enraizamento na vida da população, animando e organizando os trabalhadores na busca de solução para seus problemas. O antigo e permanente sonho da humanidade de **repartir o pão e o poder**, passa pela **derrubada da velha pirâmide** e a construção de uma sociedade sem dominação. A luta e a organização popular, para romper a **prática** da classe **dominante**, articula-se, desde a base, para estar **presente**, todos os dias, lá onde acontece a **luta pela Vida**. Esse trabalho exige vontade política, dedicação, tempo, pessoas e recursos. Se a *elite manda é porque o povo aprendeu a ficar calado e a obedecer ao chefe de plantão*. O trabalho de base é, então, essa convicção profunda que se dispõe a superar a **cultura autoritária e o personalismo** e contribuir para que o povo seja **protagonista e tome a direção da barca**.

1. Um pouco de história

"Cada um de nós constrói a própria história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz e de ser feliz"

O Brasil nasceu como colônia dos países ricos. Reis e rainhas tornaram-se dono(a)s das terras, das riquezas e da vida das pessoas. Quem resistiu foi perseguido(a) e, muitas vezes, destruído(a). Essa dominação gerou uma cultura autoritária e, no povo, a mentalidade de escravo onde as pessoas se tornam passivas, sempre esperando ordens, de cima e de fora. A resistência popular foi a resposta dos povos indígenas, dos quilombolas, do campesinato e do operariado pela sobrevivência.

A ditadura de Vargas, de 1933 a 1945, para não mudar a cultura autoritária, inventou o populismo. O povo foi ensinado a puxar o saco e a mendigar favores de chefes, em todos os lugares, em vez de lutar por direitos. Aprendeu a ser cliente, encostar-se numa árvore que lhe dê sombra ao invés de se organizar e de andar

com os próprios pés. A resistência popular significou luta e organização para reivindicar direitos. Nos anos 60, mais gente descobriu que podia ser dona do seu nariz e participar. Não aceitaram ser coisa, nem ser usada como massa de manobra. Quiseram ter voz ativa e no seu destino mandar. A cultura popular, a participação popular levando à consciência de ser sujeito fez os trabalhadores pensar também no poder popular. Aí, veio a ditadura militar de 64, prendendo, torturando e matando. Mas, o sonho de ser livre e feliz coletivamente continuou nos bastidores. Durante muitos anos, num paciente trabalho de base, a luta se multiplicou e criou raízes em muitos espaços. No final dos anos 70, o fogo que queimava por baixo, explodiu em movimentos nos quatro cantos do País. Nesses anos de chumbo, muita gente, no campo e na cidade, foi atingida pelo trabalho dedicado de milhares de militantes. Esse esforço teceu uma imensa rede de resistência e de esperança contra a dominação e pelo direito de ter vez e voz e contribuiu para o fim da ditadura militar.

Nos anos 80, o campo popular **reconstruiu suas ferramentas** de luta (sindicatos, partidos, associações) e até **inventou novas formas** de juntar e canalizar a indignação e anseios da **classe trabalhadora** (movimentos, fóruns, entidades). **Esse processo de luta e organização conseguiu recuperar e conquistar muitos direitos. No campo eleitoral, as forças populares disputaram espaços no legislativo e administração pública e, quase elegeu seu candidato à presidência do Brasil.**

Os anos 90 trouxeram grandes **mudanças na economia**, na política e na disputa das idéias, em todo o mundo. A **queda do muro** representou a **nova ofensiva do capitalismo** e revelou muitas **fragilidades na prática socialista**. O ideal da **competição individual**, a qualquer preço, desafiou o projeto e iniciativas da **solidariedade**. Para o campo popular foi um **tempo de derrotas, de sofrimento e de baixas**: teve militante que desanimou, que passou para o outro lado, que perdeu a credibilidade e que ficou sem saber o que fazer. Para o(a)s socialistas a crise serviu como **tempo de avaliação**. Fiéis aos ideais da libertação, perceberam a necessidade de reexaminar a realidade e repensar seus métodos e formas de luta.

A virada do milênio poderia representar uma **oportunidade para a construção do projeto e popular**. Mas, prometendo o primeiro mundo, a elite entregou o país à ganância

internacional do capital e à falência. O Estado abandonou sua função social (educação, saúde, segurança) para servir aos interesses das grandes empresas. O resultado foi uma maior concentração das riquezas, desemprego em massa, violência e miséria da população – a exclusão econômica, política e social.

Em 2002, num acordo silencioso, a população esgotada pelas políticas neo-liberais, a esquerda propondo um grande arco de alianças eleitoral e a direita feliz porque mantinha o controle da situação, elegeram Lula para presidente, depois da quarta tentativa. No início, houve euforia porque a *esperança teria vencido o medo* e um operário na presidência brilhava como um sinal de *que o povo deve e pode desejar o poder*.

A escolha do ministério já assustou muita gente que, sem querer ler a *Carta aos Brasileiros*, preferia considerar **um governo em disputa**. Com seis meses veio a perplexidade – ninguém acreditava no que estava vendo: continuar o projeto da elite dominante de **integrar-se** de forma subordinada à *globalização do mercado capitalista*, seguindo a mesma política econômica e respeitando todos os **contratos** lesivos aos interesses populares (barragens, agronegócio, entrega do patrimônio público. Para o povo políticas compensatórias em vez de políticas sociais (emprego, reforma agrária, saúde, educação). Veio o desânimo para uns e a crença de que tudo isso não passava de um **período de transição** para outros.

Com um ano acabou a desilusão. Era um governo igual aos outros – defendia a **estabilidade do capital**, a mudança dentro da **institucionalidade** e alianças a qualquer preço, desde que garantissem a **governabilidade**. Embora toda essa crise tenha sido um remédio amargo, despertou a militância – agora que ficava *órfã* de um *messias* que não salva, redescobria que o poder não está no governo, nem no estado, mas no próprio povo. Era urgente adotar uma estratégia de **recuo organizado** para recompor e acumular suas forças contra a exploração *com, sem, ou se for o caso, contra o governo*. Para isso, a militância, com redobrado vigor, deveriam alimentar-se da convicção que a solução para a **nação** não pode ser o **conserto do sistema capitalista**, mas a construção do **projeto alternativo e popular**. E que para avanço desse processo de luta e organização popular é urgente a **Retomada do Trabalho de Base**.

2. RETOMAR O TRABALHO DE BASE

“Gente não é boi de carro, pro carro de boi puxar; Gente tem mente que gira, mente que pode girar; Gira a mente do carreiro e a canga pode quebrar”.

Retomar o trabalho de base não é a repetição saudosa de práticas e atividades do passado. Também não é o **basismo** que trata o povo como *menor incompetente* ou elogiando suas ações espontâneas. (*Basismo* é uma forma disfarçada de *autoritarismo* porque mantém a base dependente). Retomar o trabalho de base **é o resgatem de uma estratégia** de um caminho de luta e organização que **envolve os próprios interessados** no conhecimento e solução dos desafios individuais e coletivos.

O Trabalho de Base reafirma **objetivos como:**

1. **Participação massiva dos trabalhadores** - As elites não têm medo de lideranças que se destacam. Para elas é fácil isolar, destruir, “comprar” algumas cabeças que sobressaem. **Multiplicar** militantes e ações é o que mete medo em todos aqueles que se acostumaram com a prática da dominação. Por isso, **multiplicar** combatentes deve invadir todos os espaços da vida (trabalho, política, cultura, religião, lazer) e se tornar uma rede de animação, de resistência e de vitórias. O trabalho de base é condição e sustento do **trabalho de massa**; o trabalho de massa é a expressão e a consequência do **trabalho de base**.
2. **Democratização do poder** - Participar do poder é ser capaz de fazer propostas, de tomar decisões e de repartir responsabilidades para concretizar o sonho da classe oprimida. O trabalho de base, enquanto experiência de **nova convivência** entre pessoas, pode ser escola de participação política. O ato de falar e ouvir, de propor e negociar, de ganhar e perder, de disputar e decidir, de **comandar** e de obedecer, de responsabilizar-se e de cobrar estimula a ambição de ser gente e de ter o poder coletivamente. Uma escola onde se aprende a por **o poder a serviço** da maioria, visando a transformações do País.

3. **Construção socialista** - A finalidade da luta é a realizar o sonho do mundo novo, livre de todas formas de opressão e com a **possibilidade real** de satisfazer os **anseios materiais e espirituais** das pessoas. Isto será possível quando a produção, distribuição e consumo forem feitos de forma solidária. Este projeto implica, desde agora, em **uma nova relação entre os humanos e com a natureza**, sem dominação, sem competição, sem preconceitos e sem destruição.

A finalidade do trabalho de base

A **prática multiplicadora do trabalho de base** que pode se dar nas favelas e nas ocupações de terra, nas fábricas e nas igrejas, nos espaços estatais e fóruns internacionais. Ela se **sustenta** quando mantém os *pés no chão e a cabeça nos sonhos*. Consegue vitórias quando articula as lutas econômicas com a luta política, social, cultural, ... Perdura, em qualquer conjuntura, quando combina *ações de rebeldia* com as *disputas na legalidade*. Sua finalidade permanente é:

- * **anunciar a convivência solidária** como alternativa à ganância, à competição e à dominação. Quanto maior a opressão e a crise, maior a razão para propagar o sonho da *sociedade sem classes*.
- * **Despertar a dignidade** das pessoas e a *confiança nos seus valores e no seu potencial*. A pessoa se torna feliz e *perigosa* quando começa a ser protagonista e **andar com os próprios pés**.
- * **Canalizar a rebeldia popular** contra a injustiça e construir, desde já, a sociedade *de homens novos e mulheres novas* onde a produção, distribuição e consumo sejam orientados pela lógica da solidariedade.
- * **Transformar a realidade** e conseguir vitórias em todos os campos e as dimensões para satisfazer os justos anseios da população

3. O QUE É TRABALHO DE BASE?

*Fé na vida, fé na gente, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais.
Vamos lá fazer o que será.*

A garantia de um projeto depende do **trabalho que lhe dê sustentação**. Isso vale para futebol, campanha eleitoral, trabalho pastoral e para a organização popular. Mas, será que o pensamento ou o objetivo é o mesmo na cabeça do técnico de futebol, do candidato, do agente religioso e da liderança popular?

O que é base?

Base quer dizer fundamento, alicerce, sustentação, início, parte indispensável. Na origem da palavra *base* o significado é *andar sobre os próprios pés*. Na história do Movimento Popular, a palavra base foi juntando vários significados, um completando o outro.

- **base da pirâmide** – nasce de uma análise da sociedade capitalista, dividida em classes, onde a classe trabalhadora produz as riquezas e a classe proprietária (das terras, fábricas, bancos...) se apodera dos frutos do trabalho. Nesse modo de ver quem trabalha é a *base do mundo*. Ao descobrir a *força que têm*, pode *derrubar a velha pirâmide* e organizar uma sociedade sem opressão.
- **comunidade de base** – Nasceu com a experiência da população se mexendo para resolver um problema concreto de um bairro ou localidade (luz, água, asfalto, saúde, festa). Tomou força com as CEBs que levou os cristãos ao compromisso social, a partir da sua fé evangélica.
- **categoria profissional** – Na reconstrução das organizações populares, sobretudo os sindicatos, a palavra base passou a significar o conjunto de pessoas que têm a mesma profissão e os mesmos interesses econômicos, mesmo que não sejam filiados, nem se mobilizem.
- **opção política** – O crescimento da luta popular mostrou que não basta a pessoa trabalhar ou ser explorada para ser militante da transformação social. Base, então, passou a significar a parte do povo que toma consciência da opressão e se engaja num

processo de construção de uma sociedade solidária. Qualquer pessoa, não importa a origem, pode ser base desse projeto político alternativo ao capitalismo.

Base é o povo que produz as riquezas e é explorado e manipulado pelas elites dominantes, em todos os espaços. Significa **começo, sustentação**, algo **indispensável** que não pode faltar. Mas, é, sobretudo, aquela **parte da classe oprimida** que se dispõe a dar **sustentação** a um **processo de mudança**, sempre.

A força do trabalho de base está:

- Na **sustentação de base** - tem **raízes** plantadas na **alma da população** que é a base da sociedade. Por causa desse alicerce sempre renasce e se reproduz. Não é um movimento *para* a classe oprimida. Ao contrário ela precisa **ser parte** e companheira dessa construção superando o vício da dependência e contribuindo com sua disposição, idéias e recursos financeiros.
- **Na crença no povo** – A razão do trabalho de base é ajudar o povo a entender e se comprometer com a vida feliz e solidária. Parte da certeza que **o povo já luta porque precisa sobreviver** e reage contra a exploração, mesmo quando não *fala a linguagem da militância* ou entra em becos que são armadilhas. A história mostra que, apesar de toda miséria e toda contradição, o povo foi a **sementeira permanente** de novas *formas de luta* e de *militantes*.
- Na **clareza** que a organização popular, sendo uma parte, **deve ser uma parte para incluir o todo**. As direções ajudam o povo a entender a realidade e organizar os esforços, no rumo da transformação. No processo, o povo deve assumir-se como sujeito de sua história
- Na **coerência entre o rumo e caminho**. No trabalho de base não pode ter essa de *fazer a cabeça*. A pessoa abraça a causa porque se convence que ela é justa. Então, o jeito de tratar as pessoas deve combinar com a finalidade que queremos atingir. Quer dizer, o método que se pratica deve ser coerente com os objetivos que se prega.

- Na **metodologia multiplicadora**. Cada pessoa convencida compromete-se em mobilizar um novo time de militantes que, por sua vez, vai repartir os esclarecimentos e experiências com outras pessoas, em muitos espaços de luta, de vida e de trabalho.
- No **planejamento das ações** - Na luta popular, como no futebol, o objetivo não é só *chutar a bola*. É preciso avançar e se defender organizadamente, na hora certa e com a pessoa certa. Por isso, marca-se pontos e prazos de chegada; faz-se uma caprichada preparação dos militantes; escolhe-se responsáveis pelas atividades; realiza-se um balanço dos resultados, em cada etapa da luta.
- No **amor pelo povo e pela vida**. O trabalho de base é um trabalho profissional, mas tem um *segredo* que anima a *esperança* da militância e que a alimenta até à doação da própria vida. A **vida, a dignidade, a liberdade das pessoas** e a **fraternidade universal** formam a base dessa paixão que invade sua alma e dá sentido à sua e dedicação. Tal convicção se traduz no respeito ao povo, no carinho aos iniciantes, no cumprimento dos acertos coletivos, na capacidade de tomar iniciativas, na coragem de encarar os desafios e nos gestos de indignação, entusiasmo e celebração. Mas, se expressa, de maneira plena, nas manifestações individuais e coletivas de **companheirismo**.

Eficiência e eficácia do Trabalho de Base

Uma atividade eficiente – bem realizada – pode até gerar a euforia do participativo. Mas, seria uma prática tão autoritária quanto à imposição. Mas, pode tornar-se eficaz – útil – quer dizer, ajuda a pessoas e grupos a serem protagonistas na transformação da realidade. Uma experiência popular é eficaz:

- Quando *anima* e apaixona as pessoas, resgatando sua identidade e dignidade (autoestima) – e a postura de protagonista, gente capaz de andar com os próprios pés.
- Quando mobiliza porque rompe a situação de dormência, fatalismo e a sensação de impotência gerada pela dominação.
- Quando aumenta o grau de consciência e de apropriação dos conteúdos e do método.
- Quanto *capacita*, política e tecnicamente, a militância para atuar sobre realidade através da experimentação direta e permanente.

- Quando qualifica militantes e educadore(a)s à uma *reprodução criativa*, que se assume como parte e se tornam multiplicadore(a)s.
- Quando canaliza as lutas de emancipação para um projeto, alternativo à *inclusão capitalista*, onde *não há lugar para a classe oprimida* e onde o caminho é a competição entre *superiores e inferiores*.

4. COMO FAZER O TRABALHO DE BASE

" Fé na vida, fé na gente, fé no que virá; nós podemos tudo, nós podemos mais".

O **trabalho de base não tem receita** pronta e infalível. Mas, olhando várias experiências, é possível descobrir vários pontos em comum:

1. **Quem começa** - Qualquer pessoa que desperta começa a ficar insatisfeita com a exploração. Essa revolta logo descobre que não basta se queixar das injustiças e que não é possível sozinho acabar com a opressão. *A luta pela começa com as pessoas que se dispõem a entrar num processo coletivo de luta pela transformação.* Para isso, elas precisam ter a convicção que **toda pessoa** têm o dom de ser capaz, que desenvolvem talentos diferentes, podem trocar saberes, mas só a **classe oprimida é capaz de libertar-se** e adota a **postura de respeito** - sempre **com**, nunca **para** ou **sobre** as pessoas.
2. **Onde começar** - *A luta acontece lá onde está a classe oprimida:* na fábrica, bairro, escola, município, nos movimentos. Pode ser um grupo de mulheres, adolescentes, de cultura... Qualquer lugar, na cidade ou no campo; até a prisão já foi lugar onde a militância fez seu posto de luta. O melhor é escolher o grupo ou lugar com condições de espalhar e influenciar outros grupos e lugares. A militância começa o trabalho conforme a realidade permite – às vezes faz um longo caminho de conhecimento e organização, outras vezes começa a partir de um processo de formação e às vezes já entra numa luta concreta. A única atitude imperdoável é não achar o caminho de se *fazer parte*.

3. **O núcleo de militantes** –uma primeira tarefa do Trabalho de Base que não pode faltar é formação de *um time* de pessoas com um mínimo de **compreensão e disposição** para entrar num processo. É bom ter **gente nova de idade e de mentalidade**. Pessoas *novas* estão mais abertas e livres para encarar uma caminhada. A escolha cautelosa é **baseada na confiança** precisa ter algumas **qualidades** fundamentais: pessoas que *não aceitam ser manobradas*, que *vão além do seu interesse individual*, que são *discretas* (não falam dos assuntos para quem não está interessado ou é contra). É esse grupo que deve fazer uma preparação caprichada – pensar o plano de trabalho, os primeiros contatos, os recursos necessários, a escolha do lugar, o tempo de começar, o jeito de aproximação ... É também o coletivo que vai avaliar permanentemente a coerência entre o que foi dito e o que está sendo feito, para retificar o dito ou o feito a partir do objetivo central.

4. **O conhecimento da realidade** - As informações nascem da observação, conversas, visitas, pesquisas. *Conhecer e ser conhecido exige o aprendizado da língua do grupo* para favorecer **a integração e a troca**. A condição é ter a confiança *é se dar com a população*, não ser um “estranho”. Entre as Informações que não podem faltar estão:

- **as que tratam da quantidade** de pessoas, volume da produção, renda, grupos que oprimem a população ou que estão a seu favor;
- **as carências e o potencial da população** - as riquezas e valores econômicos, artísticos e culturais, bem como suas necessidades.
- **as que revelam os desejos, fantasias e projetos das pessoas** - Em geral, os sentimentos movem as pessoas: sentindo-se reconhecidas, também se dispõem a participar;
- **as histórias de resistência** - o ser humano protesta de forma individual ou grupal, escondida ou aberta, espontânea ou organizada, pacífica ou violenta. Talvez o trabalho seja apenas reforçar uma luta já existente. Pois, a militância não *inventa a luta*, ela *descobre pessoas e sinais da luta* e ajuda para que se ampliem, se organizem e obtenham vitórias econômicas, políticas, sociais;

As **informações** sobre a realidade são a **matéria-prima** para o estudo da militância - eles apontam problemas, interesses

comuns e **dicas** para o tipo de ação e de organização. É essencial envolver as pessoas interessadas na coleta dos dados e apreciação dos resultados; elas devem ser as primeiras interessadas em tomar consciência do que está acontecendo.

5. **Fazer ações concretas** – Os dados da realidade podem sugerir propostas concretas de ação. A militância tem que **sacar**: a) o que o povo está a fim de fazer para realizar seus desejos; b) a ação onde o grupo vai participar e não ficar assistindo na platéia c) a ação que está dentro da compreensão, momento e ritmo que o grupo suporta. Pode ser um jogo, festa, celebração, mas, também um protesto, um mutirão, uma disputa política. A militância tem obrigação de sugerir propostas. **Não pode impor** porque ações não assumidas geram acomodação e frustração.

É decisivo que as primeiras ações dêem certo. São as **vitórias** que **animam a vontade de continuar**. *As derrotas, em geral, aumentam o sentimento de fraqueza e de impotência*. Uma ação puxa outra quando é preparada e quando, depois de executada, é avaliada para ver os avanços e recuos. **Fazer ações e refletir sobre elas** tem sido a grande escola onde a militância e o povo se capacita e se forma.

6. **A militância** – O povo foi acostumado a votar em gente que *promete, fala bonito, é estudada e é quietinha*. Mas, a **militância deve ser escolhida por mérito** como reconhecimento de algumas qualidades: a) **sua ligação profunda e permanente com o povo**, sua vida, seus anseios e suas lutas; b) **seu compromisso com a transformação** das pessoas e da sociedade; c) **sua capacidade de fazer propostas justas**, principalmente nos momentos difíceis; d) **seu jeito para organizar o povo**, de democratizar o poder, de compartilhar e de **comandar**. É tarefa da **militância** preparar outros militantes. **A militância que interessa ao trabalho de base é aquela que une seu interesse individual com os interesses do grupo**.
7. **A mística** - O trabalho de base não uma “tática” para atrair o povo. É uma metodologia que nasce da paixão contagiante *contra a injustiça e da ternura pela transformação solidária*. Este **segredo** invade o a mente, a ação e o coração da militância na dor, na dúvida, nas derrotas, assim como na alegria de viver, na disposição para a luta, na esperança sem ilusões, no música, nos símbolos, na beleza, nas celebrações e, sobretudo, no *companheirismo*.

8. **Dirigentes** - Em todo grupo, mesmo quando a pessoas participantes são conscientes, há pessoas que se destacam e se tornam **referências**. Não se deve confundir **direção** com **diretoria**. Diretoria é um mandato que se ganha no **voto**, mesmo se as pessoas não têm preparo nem compromisso com o povo. A referência, mais que privilégio, é uma **tarefa da luta, uma tarefa coletiva** de coordenação das ações para o funcionamento do trabalho. Dentro de um grupo, outras pessoas vão ter outras funções, conforme o momento e a sua competência.

Já houve gente que se aproveitou do **cargo** de dirigente para seu interesse individual. Uma direção popular nunca poderia exercer sua missão de forma autoritária e personalista (como fazem os *coronéis* da elite). Muito menos para dominar a maioria desinformada.

9. **Autonomia** - No trabalho de base os trabalhadores e suas organizações não podem ficar dependentes de uma *assessoria* ou de um *chefe*. Sem independência econômica e política, os trabalhadores se tornam *massa de manobra*. Sem formação política, sem recursos financeiros para as atividades, sem o conhecimento das técnicas - como fazer uma reunião, falar em público, operar uma máquina, fazer um plantio, organizar uma mobilização, administrar recursos, elaborar material pedagógico - a classe oprimida vai continuar de *rabo preso*. (Uma **assessoria militante** e competente contribui na capacitação do(a)s trabalhadore(a)s para que se tornem sujeitos e protagonistas da luta popular). Para ter independência é preciso coragem e condições de **andar com os próprios pés**. Desde o início, os trabalhadores devem ser envolvidos na sustentação de suas atividades e competentes numa tarefa da luta e da organização.

10. **Criação de um movimento** - No trabalho de base toda ação deve virar processo. E um processo que realiza muitas ações, apresenta idéias novas e reúne muitas pessoas, acaba aparecendo. Torna-se esperança para quem é excluído do sistema e preocupação para as elites. O olho d'água, pode virar riacho e até rio. **Conviver com o reconhecimento da sociedade** é o novo desafio do trabalho popular. Como continuar se preocupando com o esclarecimento, a organização e a reprodução de sangue novo para a caminhada?

Com a participação da militância o trabalho de base deve organizar os princípios e valores para a orientação de quem já participa ou venha a participar do grupo. Infelizmente, muita gente ou organização, quando se tornou *importante*, agarrou-se nos cargos ou a fama, esquecendo-se que é no *povo que está a força*. Para evitar esses desvios, os movimentos se previnem renovando, de tempos em tempos, o pessoal que recebe cargos. Outra *vacina* contra o **perigo de corrupção** é exigir que cada militante assuma uma tarefa concreta junto a uma luta direta.

Uma organização popular nasce para juntar pessoas, tornar-se uma ferramenta de luta permanente e ser uma escola de preparação de novo(a)s companheiro(a)s. Uma **organização, em si mesma, nunca pode tornar-se o centro da luta**. O centro da luta é movimento real da classe oprimida na luta para derrotar a opressão e construir uma nova humanidade, criando *novos homens e novas mulheres* com dignidade

- 11. Formação política** - A formação é uma necessidade de quem luta pela vida. Só o entusiasmo e a força são insuficientes para vencer o poder da opressão. A classe oprimida precisa juntar **sua força, pensamento e esperteza** para vencer a dominação. Mais do que ninguém, deve saber como *desmontar* o sistema capitalista e apontar soluções para os problemas do povo. É fácil derrotar quem não estuda, quem não pára para pensar. É triste saber que muitos *estudados* não entram na luta, mas é imperdoável que uma pessoa lutadora não estude, não seja *intelectual*.

Estudar significa *entender o que está acontecendo consigo e com os outros e buscar solução*. Isso exige reflexão sobre a própria experiência e sobre a experiência histórica da classe trabalhadora, *apropriando-se dos conhecimentos acumulados*. Formar-se não é fazer cursos, nem encher a cabeça de informações. É estar capacitado para descobrir respostas para os problemas que afligem o povo, hoje. Assim, formação não quer dizer **despejar conteúdos** sobre a cabeça de pessoas que recebem passivamente. Mas, um processo de *troca entre sujeitos que ensinam e aprendem* os ensinamentos da vida.

A formação deve seguir o nível de compreensão e de compromisso das pessoas - iniciantes, ativistas, militantes e dirigentes. O próprio movimento deve destacar pessoas, com jeito e gosto, que se dediquem à tarefa de organizar e

acompanhar um plano de formação. São muitas as atividades de formação: a preparação, execução e balanço de uma ação, por exemplo. Mas, também os seminários, cursos, debates, viagens, leituras, reuniões, treinamentos, o esforço para contar a própria história e a formulação de propostas. A **formação política** deve vir junto com a **capacitação técnica**: como fazer uma reunião, escrever um relatório, falar em público, administrar uma cooperativa, operar uma máquina, fazer um jornal...

- 12. Evitar o isolamento, articulação** – Os *donos do mundo* nos dividem para continuar reinando. É verdade que não temos a mesma cor, o mesmo lugar de nascimento, a mesma religião, o mesmo sexo, o mesmo time de futebol, nem o mesmo gosto. Mas, ao mesmo tempo que se deve reconhecer e respeitar as diferenças, não pode esquecer os interesses e dificuldades que são comuns e **que nos une**.

Em toda parte, tem gente (organizada ou não) lutando contra a injustiça. O trabalho de base se fortalece quando se liga a pessoas e grupos que vão no mesmo rumo. A **articulação** facilita a troca de experiências e a realização de ações conjuntas. Quando um movimento se acha **dono da verdade**, torna-se arrogante e vira uma *seita* fácil de ser destruída. Mas, a busca de parceria não pode ser a prática de usar as pessoas só na hora do aperto, interessados no que elas podem dar em termos materiais.

Parceria é a descoberta que ninguém pode fazer tudo, não é obrigado a saber tudo e nem pode ser especialista em tudo; é a crença no valor da troca de competências, no poder de fogo da ação conjunta e na soma dos recursos disponíveis. Então, **parceria** não significa abrir mão da própria convicção, nem ser o *braço tarefeiro* de um projeto que não se ajudou a pensar ou que se ajuntou só por interesse de *alguns trocados*. A parceria é a *união de esforços para atingir objetivos que estão na mesma direção*.

- 13. Ocupação do espaço público** – Já foi uma tendência do trabalho popular negar qualquer ligação com o poder público: nem participação, nem colaboração, nem mesmo relação em questões concretas. O movimento caminhava em paralelo como a linha do trem. E tinha razão: o Estado era dirigido por uma ditadura. Hoje, continua propriedade privada da classe dominante. Porém, a luta popular entendeu que o espaço

público pode ser um *espaço de disputa contra a opressão*, quando se tem clareza do projeto popular e se garante a independência dos movimentos populares. Nos momentos de enfraquecimento da resistência popular é necessário ocupar espaços na *institucionalidade*, desde que não se perca o horizonte da *ruptura*.

A disputa de postos na organização do Estado visa abrir espaços de participação popular e garantir direitos devidos a toda a população. A *representação popular* no espaço público estatal, pode facilitar o acesso e o conhecimento da *máquina*. Pode possibilitar formas de pressão na formulação de políticas sociais ou na destinação dos fundos públicos para o conjunto da população. Ajuda também a entender que o Estado, do jeito que está organizado, não serve aos interesses populares: *enquanto os oprimidos não derrotarem a opressão, não haverá um governo realmente popular*. Portanto, participar nos espaços institucionais não pode justificar a lógica das campanhas *eleitoreiras*, nem a perda da autonomia dos movimentos.

14. **Fazer a propaganda** - Quem acredita no que faz, quer que essa idéia se espalhe. *Fazer propaganda é anunciar e repartir com outros as lições que o povo aprendeu na sua experiência de luta*. É falar de seus sonhos e convidar muitos para a mesma **esperança**. Não se pode esconder um *tesouro* que vem de longe, é necessário repassá-lo para as gerações futuras. Fazer propaganda não é a invenção de histórias para impressionar ou iludir alguém. No início do trabalho a propaganda se faz de pessoa a pessoa. Quando a experiência cria raízes e *já pode encarar o sol*, a propaganda pode ser feita de forma aberta: faixas, cartazes, boletins, filmes... Muita gente foi atraída para a luta popular, atingidos pela propaganda.

5. QUALIFICAR O TRABALHO DE BASE

“Se muito vale o já feito ... muito mais temos a fazer”

Quem já faz trabalho de base, não precisa começar do zero. A tarefa, agora, é *amolar a ferramenta* para continuar servindo às suas finalidades. O mundo mudou, a elite se reciclou. Ela agora, usa a tática da sedução e o discurso da competência, esvazia o sentido de *parceria, colaboração, repartição de lucros e até da solidariedade* para quebrar a união da classe trabalhadora. O resultado é conhecido: mais desemprego, luta pela sobrevivência, exclusão social. Por isso, e **sem largar o rumo**, o campo popular precisa descobrir novas formas de fazer a luta e organizar-se, certo que *“nenhum sistema por mais poderoso e cruel, jamais conseguiu durar para sempre, na história”*. É preciso fazer uma grande avaliação. Um tempo de avaliação

O primeiro passo da cura é reconhecer que **existe problema**. A **crise** pode ser a oportunidade de testar as convicções e redirecionar o modo de atuar. Não é verdade que muitas lideranças e organizações, hoje, estão dessintonizadas com suas bases, onde os ***dirigentes estão em FM e o povo em AM?*** A resposta aos desafios não surge de uma cabeça iluminada. Nasce de um balanço do movimento, da leitura rigorosa da conjuntura e da grandeza e disposição da militância.

Que partes devem ser avaliadas?

Vários aspectos do trabalho devem ser examinados. Para facilitar pode-se fazer as seguintes indagações:

- a) ***cadê os resultados?*** A primeira pergunta que se faz quando se entra numa luta é: o que é que eu ganho com isso? Sem sinais ou possibilidades concretas, é difícil mobilizar. O povo quer comida, terra, lazer, renda, reconhecimento. As vantagens que queremos, no futuro, devem estar ligadas com vantagens econômicas, políticas, sociais, culturais, lúdicas...
- b) ***cadê a participação?*** É mais fácil ter platéia e eleitores que gente consciente e sujeito. É preciso sempre examinar se a militância está facilitando o protagonismo dos trabalhadores e o surgimento de novos militantes. Ou se ***se adonaram*** do povo por uma prática paternalista e assistencialista que transforma **companheiro(a)s** em **campanheiro(a)s**.

- c) **cadê a juventude?** O novo, de idade e de mentalidade, em geral, é visto como algo de **aborrecente**. Quem quer inovar, quem não aceita ser manobrado por um dono (mesmo *vestido de povo*), incomoda e ameaça. Quando uma **organização não se renova**, nem se amplia é porque **já começou a caducar**. Existem organizações que em vez de luta pela vida de muitos, se tornou **meio de vida** para alguns. Os **novos atores** têm uma **linguagem e um rosto** que os movimentos tradicionais nem sempre reconhecem. Usam palavras da *onda*, tratam de dimensões como sexualidade, raça, subjetividade, ecologia, cultura, religião, diversão... São temas antigos transformados em formas de luta e mobilização. É claro que sempre será preciso distinguir a rebeldia da simples insatisfação ou *modismo*.
- d) **cadê a competência?** *Agir sobre a realidade é a forma de provar que se pode mudar a realidade*. Quer dizer, junto com o sonho e a garra é preciso **saber fazer**. É deficiência ser técnico e não ser político; mas é desmoralização ser militante político e não saber fazer as coisas. A competência necessária no trabalho de base é a capacidade de desmontar a exploração, onde quer que ela apareça e a capacidade de apresentar propostas, com fundamento, para ajudar na construção da nova sociedade.
- e) **Cadê o rumo?** Em vez de *remendar o velho sistema*, a luta propõe a **transformação** do mundo e das pessoas. Por isso, não se pode *vender a alma* em troca de concessões nos princípios. O sonho de mundo de homens e mulheres orgulhosos de sua dignidade e comprometidos com a convivência universal guia os esforços da luta popular.
- f) **Cadê a disciplina?** A postura *liberal* de dirigentes tem cansado a militância. É chato chegar na hora e esperar por alguém que, sem motivo, vai chegar atrasado. Mas, disciplina não é obediência a uma ordem ou horário: *é o cumprimento dos acertos coletivos*. É convicção que nasce no interior da pessoa, como profundo respeito por si e às pessoas. É um zelo que se treina, todo dia, pensando na própria sobrevivência e no avanço do movimento. Disciplina é realizar, com profissionalismo, as tarefas assumidas; ser fiel ao plano traçado coletivamente; co-responsabilidade política e financeira; respeito a cada companheiro(a), sobretudo aos iniciantes. Disciplina é chegar nas reuniões com propostas fundamentadas, é **cobrar** o combinado e aceitar, com humildade, a **cobrança** merecida.

6. A “ALMA DO TRABALHO DE BASE”

“Temos nossas mentes e nossas mãos cheias de semente do amanhecer e estamos dispostos a semeá-la e a defendê-la para que dê frutos” (Che)

O trabalho de base não é uma “tática” para atrair o povo. Nem um conjunto de técnicas que, se bem aplicadas, podem dar bons resultados. É uma metodologia que vai além de qualquer modelo. *O trabalho de base é uma **paixão** assumida por gente que se entrega por seu tesouro.* É uma paixão indignada contra qualquer injustiça e uma ternura por todos que se dispõem à construção da **solidariedade**. Esse modo apaixonado de crer no povo e de multiplicar invade o coração dos lutadores da causa popular. Esse envolvimento na construção desse **modo de viver sem a marca da dominação** alimenta essa convicção contagiante. Esse jeito de fazer política dá certo porque tem seu alicerce em **convicções**. E isso torna a política uma atividade sensível, comprometida e criativa. Este é o **segredo** que plantado na alma, motiva o militante para dedicar-se à realização do projeto popular, mesmo que custe. A fé na **vida**, o **amor pelo povo**, o sonho da **liberdade** e a **fraternidade universal** formam a força interior que impulsiona o militante, principalmente nos momentos da dor, da dúvida e das derrotas. Mas, está presente na alegria de viver, na disposição para a luta, na esperança sem ilusões, no canto, nos símbolos, na beleza do ambiente, nas celebrações e, sobretudo, no **companheirismo**. São expressões e atitudes, individuais e coletivas, que revelam, desde já, o sabor da convivência solidária que sonhamos para todos.

7. RETOMAR O TRABALHO DE BASE

Gente não é boi de carro, pro carro de boi puxar, gente tem mente que gira, mente que pode girar a mente do carreiro e a canga pode quebrar

1. Uma pessoa se torna *perigosa* quando começa a *andar com os próprios pés*. Em geral, quem está no poder, prefere gente obediente e acomodada porque é fácil manobrar uma população *domesticada*. A finalidade do trabalho de base é despertar a dignidade das pessoas e a confiança nos seus valores e potenciais. É também organizar a rebeldia popular contra a injustiça e para construir a nova convivência entre os humanos, sem exploração, sem discriminações e sem preconceitos.

O grande só é grande, porque nós estamos de joelhos

2. Toda pessoa luta para livrar-se da opressão - ninguém se acostuma com a escravidão. A luta começa lá onde acontece a exploração e a dominação. Às vezes, se diz que *o povo não quer nada*. Mas, o povo não deixa de lutar; procura sempre um jeito de sair do aperto, até quando corre atrás da ilusão: presentes, promessas, salvadores. Mesmo sem ter consciência, o povo guarda no peito uma indignação reprimida. Ninguém luta porque gosta; luta porque se vê obrigado pela necessidade. A classe oprimida luta pela terra, pela comida, moradia, escola, dignidade, diversão, direitos. Luta para livrar-se da opressão, para continuar viva e para ser reconhecida como gente.

Quando a fome dói, qualquer pessoa entra na briga

3. Quem domina tenta calar qualquer sinal de resistência. Para esvaziar a reação popular bate, amedronta, ilude e, sem piedade, calunia, tortura e mata. Às vezes, a pessoa oprimida resiste às *balas de chumbo*, mas é vencida pelas *balas de açúcar*. A classe dominante reprime para deixar as pessoas de joelhos, obedientes e conformadas com a situação. A maioria dos livros e das escolas tenta apagar a memória libertária da classe oprimida espalhando a idéia que o povo brasileiro é *pacífico*. Basta abrir os olhos e ver a história de luta e resistência dos povos indígenas, dos povos negros, da classe camponesa, da classe operária, das mulheres, das pastorais sociais...

Sentindo na vida que pode, o pobre entende que vale;

Depois que a canga sacode, não há patrão que o cale

4. A elite dominante não tem medo de lideranças brilhantes ou *diretorias combativas*. A elite teme o povo consciente e em movimento. Então, a missão da militância é repartir os esclarecimentos com quem permanece escravo, no seu trabalho e na sua mentalidade. Sua tarefa é incentivar a luta popular *espalhando a notícia* que é possível mudar a realidade porque *o trabalho é a mola do mundo*. Esclarecendo que a transformação da sociedade não vem *de cima, nem de fora*. Vem da união de quem descobre a opressão e cria diferentes formas de luta para buscar a VIDA livre e feliz.

Se o boi soubesse a força que tem, ninguém dominava ele

5. Muitas organizações populares conquistam grandes vitórias e depois fraquejam. Ou porque não se atualizam, repetindo o jeito antigo de lutar e se organizar ou porque, em vez de *organização de trabalhadore(a)s*, se tornam um *grupinho de eleitos* e porque se acham *donos* fazem a luta *para* o povo. Mas, parece que a principal razão das derrotas é que certas *diretorias* não acreditam no povo. Como a elite, essas ditas *direções* concentram o poder em suas mãos ou fazem do cargo o seu *meio de vida*. Mas, quem é militante participa, estimula e sugere iniciativas populares. Por isso, está presente nas ações e contribui para que consigam benefícios concretos e permanentes. Uma ação indispensável da militância é a multiplicação de gente nova, de idade e mentalidade, que entre no movimento tornando-se parte protagonista na luta de repartir o pão e o poder.

**A libertação será obra da própria classe oprimida
ou não haverá libertação**

6. Reunião, em si, não é luta. Luta são as ações organizadas da classe oprimida para continuar vivendo, para sair do cativeiro e reafirmar sua dignidade. Luta é o trabalho que se faz nos assentamentos, nas fábricas, nos bairros, nos movimentos por direitos, nas igrejas comprometidas... Luta é o estudo que se faz para entender a razão da luta e conhecer a experiência de outros grupos. A reunião pode ser parte da luta quando avalia as ações, quando prepara o povo para vitórias maiores e quando orienta a luta no rumo da libertação. É por isso que os encontros populares

devem ser momentos de formação, debate, de confraternização, de recordação e celebração dos valores que unem as pessoas lutadoras.

Fazer é a única forma de mostrar que é possível transformar o mundo

7. Só faz trabalho popular quem acredita que a classe oprimida é capaz de pensar a produção, a distribuição e o consumo dos bens, de forma solidária. Para construir esse projeto de sociedade é preciso mobilização e participação consciente da população. É isso que dá sustentação a proposta de transformação social. Para ter vitórias, o trabalho de base precisa crescer e virar um movimento - um *pé na roça e um pé na estrada*. É nesse trabalho, local e geral, que vai aparecendo quem é militante (pelo seu grau de compromisso com a causa popular), quem é base (porque já aderiu ao Movimento) e quem é a massa (o conjunto da população a ser atingida). A direção é uma tarefa da luta e não privilégio de alguns militantes.

É preciso ter os pés no chão e a cabeça nas estrelas

8. O trabalho popular começa no *comtato* com pessoas *insatisfeitas* que estão dispostas a entrar num processo de luta pelo fim do capitalismo e construção de uma sociedade fraterna. Ele cresce quando responde ao interesse das pessoas, partindo da porta que o povo oferece. Fica forte quando realiza experiências simples e envolve as pessoas na solução dos problemas – nem *sobre*, nem *para*, mas *com* as pessoas participantes - inclusive na sustentação financeira das ações. Firma-se quando tem uma organização democrática, com vez e voz para todas as pessoas, conforme a necessidade da luta e conforme sua capacidade e seu gosto pessoal. Torna-se vitorioso quando as pessoas se *apropriam* do processo, quando multiplicam essa prática e quando se articulam com grupos parceiros que seguem no mesmo rumo.

Só a pessoa oprimida pode libertar-se e, ao libertar-se, liberta também seu opressor

9. O trabalho de base propõe uma revolução. E só a classe oprimida pode ter interesse numa revolução, pois, no mundo capitalista, *não há lugar para ela*. A experiência da opressão ensina a classe oprimida várias iniciativas de solidariedade. Além disso, carrega também um potencial produtivo e humano que gera a riqueza

material e espiritual da sociedade. Tomando consciência da injustiça, a classe oprimida pode se organizar e lutar por um mundo onde o ter, o saber e o poder sejam exercidos de forma compartilhada. Sempre consciente que o fim da exploração e a transformação da sociedade não nascem de um acordo com a classe dominante. A história mostra que a elite só entrega as riquezas roubadas e o seu poder de dominação quando é derrotada.

**Os ricos só se entregam quando perdem
e os pobres só ganham quando lutam**

10. A sociedade solidária começa, desde já - em casa, no trabalho, na comunidade, no movimento. É na vida concreta que a militância se exercita a nunca se rebaixar, nem tratar as pessoas como “coisa”. É na luta diária que ela aprende a superar a competição entre *superiores e inferiores* e a criar as condições da igualdade. Por isso, o grande sinal da nova sociedade é o **companheirismo**. O companheirismo é a forma mais perfeita de relacionamento entre as pessoas - *mais forte que os laços de sangue*. É o gesto humano e político que se revela na atenção às pessoas excluídas e desanimadas, no carinho à juventude e às crianças e no respeito a(o) parceira(o) de vida e de caminhada.

**Companheiro ou companheira é o
irmão ou a irmã que a gente escolhe**

11. O trabalho de base, composto de quadros (qualidade) e de massa (quantidade), *é um caminho longo e difícil*. Porque junto com a disposição, da criatividade e da coragem, está presente no povo a mentalidade de escravo que torna o povo acomodado, inseguro e dependente. Muitas pessoas oprimidas fazem de sua cabeça um hotel de patrão (*lambari com cabeça de tubarão*). No trabalho, na família e no movimento repetem as idéias e as práticas da elite; pensam em concentrar a riqueza e o poder em suas mãos e tratam com autoritarismo e desprezo seus companheiro (a)s. Só com a participação nas lutas e a reflexão da história popular é possível vencer a alienação e resgatar a confiança na *força de quem sofre a opressão*.

**Eu acredito que o mundo será melhor quando o menor que
padece acreditar no menor**



III.

COMO FAZER TRABALHO DE BASE

- Ranulfo Peloso -

Base é quem produz riquezas e é explorado e manipulado pelas elites dominantes, em todos os espaços. É começo, alicerce, algo indispensável. É, sobretudo, a parte da classe oprimida que se dispõe a dar *sustentação* a um processo de mudança. Quem trabalha é a base do mundo e, ao descobrir a força que tem, derruba a velha pirâmide e organiza uma sociedade sem opressão.

Trabalho de Base é a ação política transformadora, realizada por militantes de uma organização popular que, conhecendo a realidade de um território, desperta, organiza e acompanha sua população na solução dos problemas do cotidiano e liga essa luta a luta geral contra a opressão.

Qualquer militante que se disponha a entrar num processo de luta pela transformação social pode e deve fazer Trabalho de Base. Para isso, não existem “receitas”. Mas, olhando várias experiências, é possível descobrir vários pontos em comum. Algumas tarefas, por exemplo, aparecem como indispensáveis e permanentes:

3.1. Conhecer os quatro cantos do território

Conhecer é mais do que ter informações, ainda que necessárias. Conhecimento é aproximação, pelo contato direto e cotidiano. Nesse conhecimento da realidade, as informações vêm da observação, conversas, visitas, pesquisas e convivência. Conhecer e ser conhecido é não ser **estranho** – é um exercício que exige cumplicidade e aprendizado da linguagem, para favorecer a integração, a troca e a confiança. Entre as informações algumas são indispensáveis:

- As que tratam do **território**: a geografia, o jeito, a cultura, os costumes, os saberes, a população...
- As que tratam da **economia**: o número de trabalhadores, o tipo de trabalho, o volume da produção, a renda...
- As que mostram **o social e o político**: suas lideranças, personalidades, entidades e organizações a favor e contra o povo...
- As que indicam **carências e potenciais**: a situação social, os valores culturais e artísticos...
- As que revelam **fantasias**, como os sentimentos e os desejos, ainda que pareçam ingênuos ou reproduzidos.
- As que falam da **resistência** - individual, grupal, espontânea, organizada, pacífica, violenta...

3.2. Descobrir sementes de militantes

Mais importante que fazer grandes reuniões a missão da militância é descobrir pessoas insatisfeitas, com disposição para mudanças, que pensam além de sua família, que sejam coerentes entre o que prometem e o que fazem, e sejam discretas. Pessoas que se destacam nesses critérios podem tornar-se **referências**, mais adiante.

3.3. Fazer ações concretas

Os dados da realidade podem sugerir propostas concretas de ação. A militância tem que “sacar” o que o povo está a fim de fazer para realizar seus desejos. A ação a ser feita é aquela onde o grupo participa, que está dentro da compreensão, do momento e ritmo que o grupo suporta – jogo, festa, celebração, protesto, mutirão, disputa política... O povo se mobiliza quando sente que vai perder ou quando pensa que pode ganhar.

A militância tem a obrigação de apresentar propostas. Não pode impor, porque ações não assumidas geram acomodação e frustração. É decisivo que as primeiras ações dêem certo; para isso é necessária uma boa análise das possibilidades de vitória. Na luta, se ganha ou se perde. Mas é a vitória que anima a vontade de continuar. A derrota, logo no começo, aumenta o sentimento de fraqueza e impotência. Uma ação puxa outra, quando é preparada, e, depois de executada, é avaliada para ver os avanços e os recuos. Fazer ações e refletir sobre elas é a “escola” onde militância e povo se qualificam.

3.4. Organizar a base

Organização é ferramenta para juntar pessoas, animar o processo de luta permanente e preparar novos companheiros. A base deve estar organizada em núcleos. Em si mesma, a organização nunca pode tornar-se o centro da luta. O centro da luta é o movimento real da classe oprimida, na luta contra a opressão e construção da sociedade com novos homens e novas mulheres. Quando uma pessoa ou organização se acha mais importante que a luta ou agarra-se aos cargos e à fama, não raro, encontra um “comprador”. Para evitar a corrupção política, financeira e moral, além do cultivo dos princípios, é necessária a renovação da militância. Outra “vacina” é fazer com que cada militante assuma uma tarefa na luta direta.

3.5. Formação política

A formação é uma necessidade da luta pela vida. Não se forma pessoas para lutar; se forma quem já luta. O entusiasmo e a força são insuficientes para vencer o poder da opressão. A classe oprimida precisa juntar sua força e o seu pensamento para vencer a dominação. Precisa saber desmontar o sistema capitalista, descobrir as raízes da exploração e criar respostas para os problemas do povo. Sem formação, a luta mais feroz não passa de uma luta espontânea contra os efeitos da exploração. Cada movimento deve ter um programa de formação, que responda aos diversos níveis de consciência de sua base, militância e direção.

3.6. “Sair” do território

Em toda parte, tem gente, organizada ou não, lutando contra a injustiça. O Trabalho de Base se fortalece quando une a luta imediata de seu território com a luta regional, nacional e internacional. Nessa “saída”, a militância adquire experiência e habilidade; alarga seu horizonte e seus conhecimentos; observa outras pessoas e práticas de outras localidades. É desafiada a elevar seu nível de consciência e o ardor de sua fé socialista.

PLANO ESTRATÉGICO

De forma simples, se pode dizer que uma estratégia é uma estrada que canaliza, dá sentido e coordena as diversas batalhas que fazem uma guerra em prol de uma causa. Assim, uma estratégia precisa ter um **objetivo específico e um objetivo geral** que lhe dão sentido. A organicidade é o instrumento para realizar essa estratégia.

Objetivos do Movimento Popular

1. Construção de um forte movimento nacional de massa, com realidades e rostos regionais, que responda às necessidades concretas e específicas de uma categoria profissional, setor...
2. Produzir quadros militantes dispostos a dirigir o movimento de massa e relacionar a luta econômica com a luta política de transformar, pela raiz, as estruturas da sociedade capitalista.

Tarefas prioritárias da estratégia

- Definição de uma direção que assuma a missão de dirigir o movimento de massa e qualificar militantes que venham a fazer

parte de um instrumento político estratégico da classe trabalhadora.

- Elaboração da mensagem política do Movimento, específica e estratégica, que vá além da conquista ou defesa de direitos;
- **Formulação do plano de lutas de resistência** que **apontem o caráter anticapitalista e socialista do enfrentamento**, a partir das necessidades sentidas e com envolvimento integral das pessoas e atento à **própria base social e organizada, ao governo, às empresas e à opinião pública**,
- **Elaboração do plano de construção nacional que assegure a coesão orgânica e a política do movimento com:**
 1. Garantia da presença do Movimento em **regiões prioritárias** pela forte presença da categoria e do capital, por seu histórico de luta, pela densidade populacional, geografia...
 2. **Construção de um modelo orgânico que mobilize a massa, organize os grupos de base, estructure a militância para atuar na luta de resistência, no espaço institucional ou nas ofensivas de rompimento.**
 3. **Elaboração de um ousado plano de formação política, técnica e cultural que qualifique a militância numa estratégia latino-americana - formação de base, militantes, direções e formação de formadores,**
 4. Estabelecimento do **plano de auto-sustentação** (organização interna, finanças, estruturas) que garanta a vida, as atividades e a reprodução do movimento, com a participação direta da base e sem depender de projetos centralizados;
 5. Preparação ideológica e técnica, em formas de agir e comportar-se para a **defesa da militância e da massa**, evitando sua dispersão, captura ou desmoralização;
 6. Construção de uma **política de alianças** consistente com organizações populares, entidades e pessoas, do campo e da cidade, no nível nacional e internacional – alianças, parcerias e apoios.

7. **Estabelecimento de um sistema ágil e eficaz de comunicação, com a produção de análise própria e regular, que oriente a ação da militância, em todos os níveis.**

IV.

A LUTA E A ORGANIZAÇÃO POPULAR

- Ranulfo Peloso -

Qual a finalidade de nossa luta, hoje? Por que se colocar junto à classe oprimida?

A luta – Ser, ter e poder

1. As pessoas se movem pelo desejo de melhorar, de aperfeiçoar-se, de progredir, de *subir na vida*. É o sonho da **prosperidade**, do progresso, do desenvolvimento. “*Pra frente é que se anda!*”
2. Lutar é empregar todos os esforços para produzir, distribuir e usufruir as riquezas materiais e espirituais. **A luta** é uma **exigência** da condição humana para sobreviver - *Viver é lutar*. A luta entre a semente e seu apodrecimento é um **conflito que produz movimento**, nascimento e crescimento.
3. Homens e mulheres, durante sua existência, lutam para **ter a riqueza**, material e cultural, produzida pela natureza e pelo trabalho humano. O ser humano faz **cultura**: domina a natureza e as leis do desenvolvimento humano e social. É a posse dos bens que garante sua sobrevivência, no presente e, de seus filhos, no futuro, com consciência que o universo é **finito**.
4. As pessoas também buscam formas de **aparecer**, de serem respeitadas como gente e de ver reconhecida sua contribuição individual. Todo mundo quer **ser protagonista** e se sente feliz com o brilho de sua estrela. Quem age e pensa, quem não aceita **ser inferior** e mantém sua dignidade é **protagonista**.
5. Existe em cada pessoa a vontade de **ter poder**, de mandar no próprio nariz, de ser consultada, de participar nas decisões, de **não ser coisificada**. É tão forte essa vontade que muitas pessoas chegam à fantasia de **querer ser onipotentes**, de ser deusas.
6. A **curiosidade** é parte integrante das pessoas. Existe nas pessoas a **ânsia do saber**, de ter o conhecimento sobre si mesmo e dominar o funcionamento da natureza, do ser humano e da sociedade. **Saber tem a ver com saborear**, apreciar a vida e a convivência. O Saber permite **desmontar** e **montar** a realidade para colocá-la à serviço do interesse de pessoas ou de grupos. **Saber tem a ver com saborear**, apreciar a vida e a convivência.
7. A luta dos humanos pela **prosperidade** é indispensável para transformar e desenvolver o mundo. O desenvolvimento da

tecnologia e da consciência é a condição para que haja vida digna para os habitantes do planeta. A **ciência** só é verdadeira quando serve à vida e à liberdade. **A justiça de uma luta** se mede pelos resultados econômicos, sociais e políticos que consegue e pelo grau de dignidade que traz para quem se envolve no processo.

A luta popular - “Nem caridade, nem vingança, LUTA”

1. A luta acontece num mundo dividido em classes. A classe dominante estabeleceu, historicamente, um sistema de opressão. Por esse sistema, a elite continua apoderando-se de toda a riqueza e concentrando, em suas mãos, todo o poder. Para manter sua prosperidade, a minoria exclui pessoas, povos e continentes.
2. A opressão concretiza-se na exploração econômica feita pelo dono da terra, da fábrica, do banco, do comércio e da tecnologia. O dono dos meios de produção compra a força do trabalho e usa para multiplicar suas riquezas. Sem meios de produção quem trabalha depende de um patrão do qual recebe um salário que apenas repõe sua força de trabalho.
3. A opressão dos ricos sobre os pobres é feita pela exploração econômica e se mantém pela dominação política e ideológica. Dominar é tornar-se senhor da outra pessoa, apoderando-se de suas riquezas e de sua mente. Para a classe patronal, a classe trabalhadora não passa de coisa ou mercadoria que serve enquanto dá lucro. Depois pode ser jogada no lixo.
4. O poder político é exercido pela força das armas e pela imposição de leis, conforme o interesse do ditador de plantão. O governo, encarregado de manter a ordem, serve aos donos do capital. Os países pobres e colonizados obedecem às ordens dos países imperialistas. Frente às diversas lutas de libertação, os *senhores* passaram a usar a tática da sedução e da *cooptação*. Nas crises, para esvaziar a resistência, os donos do mundo estimulam as *esmolas*, o assistencialismo social e a *filantropia oficial*.
5. A dominação ideológica se faz pela pregação dos opressores reproduzida no sistema escolar e religioso e na cultura e é divulgada pelos meios de comunicação de massa. A dominação ideológica manipula as informações para anestesiar a

consciência do povo e perpetuar a opressão. *Quem manda na região, manda na religião.*

6. Hoje, qualquer luta é luta de classes - até para ter os mínimos vitais como comida ou a garantia de direitos que já estão na lei. Por isso, organizar a sociedade sem opressão só é possível com *a eliminação da classe dominante*. Não se trata de querer ou gostar: é questão de vida ou morte para a humanidade. A luta de libertação é a legítima reação dos oprimidos como alternativa para construir um mundo sem exclusão.
7. A luta pela prosperidade, para ser eficaz, se organiza como projeto político, alternativo ao projeto da elite. Tal projeto deve despertar a auto-estima do povo e buscar a superação da mentalidade de colônia e os traços culturais de submissão e dependência. Só um povo autodeterminado pode pensar na satisfação de sua gente e relacionar-se com outros povos sem inferioridade e sem arrogância. O projeto popular não pode guiar-se pelo modelo consumista das nações imperialistas. Os recursos são finitos e não interessa aos pobres repetir o mundo dividido em classes, mas adotar um modelo de austeridade para que garanta o básico vital para toda a população.

As formas de luta - “Liberdade, mesmo que custe”

1. A luta pela vida e pela liberdade é um trabalho longo e difícil. Em geral, o povo foi domesticado na *mentalidade de escravo*. Sem auto-estima, acomoda-se e curva-se. Muitos pobres chegam a fazer de sua cabeça um *hotel de patrão – lambari com cabeça de tubarão*. Nos locais de trabalho, na família e no movimento popular reproduzem idéias da elite. Pensam em concentrar riquezas e poder e tratam com *autoritarismo* e desprezo seus companheiros de luta e de classe.
2. Todo mundo luta para livrar-se da opressão porque ninguém se acostuma com a escravidão. Mesmo que não tenha consciência, o povo guarda uma indignação reprimida. A luta começa lá onde acontece a exploração e a dominação. Ninguém luta porque gosta, luta porque se vê obrigado pela necessidade. Luta para continuar vivendo e ser reconhecido como gente.
3. O povo nunca deixou de lutar por sua melhora, para sair do aperto. Às vezes, se diz que *o povo não quer nada*. Basta abrir os olhos e ver o povo batalhando pela saúde, pela comida, pela

beleza, pela terra, pela moradia. Mesmo quando corre atrás da ilusão (presentes, promessas) é o desejo de se livrar da opressão. Só numa caminhada, a classe oprimida vai entender que libertar-se é não ser escravo, é superar a mentalidade de escravo (alienação) que a faz repetir, na vida, o mundo de senhores e escravos.

4. Existem muitas formas de luta: luta individual ou coletiva, espontânea ou organizada, legal ou clandestina, pacífica ou violenta. O jeito de lutar também varia: às vezes, o povo grita ou fica calado; participa ou cruza os braços, canta, chora, reza, enfrenta, recua – mas, é uma luta que não pára. Ela se torna respeitada quanto alcança maior grau de força, de consciência e de organização.
5. Fala-se da luta econômica - sindicatos, cooperativas, associações (por salário, terra, preço), da luta política – partidos (pelo poder de decisão) e a luta social – dos movimentos populares (por condições de vida). Mas, a luta se expressa em todas as dimensões da pessoa: econômica, política, social, cultural, religiosa, lúdica, étnica, racial, sexual, ecológica, etária, etc. As dimensões de classe, gênero, etnia, geração não se negam, se entrecruzam.
6. A opressão tenta calar qualquer sinal de resistência. Para esvaziar a reação popular a elite usa muitos meios - sem piedade, bate, amedronta, ilude, *compra*, calunia, tortura e mata. Sua intenção é deixar o povo de joelhos, obediente e conformado com a situação. A maioria dos livros, jornais e novelas tenta apagar a memória subversiva semeando a idéia que o povo brasileiro é um povo *pacífico*.
7. *Como a fome tem cara de bicho e mentira tem pernas curtas* o trabalho de denúncia e propaganda mostra que é possível vencer a anestesia que aliena a classe oprimida. Normalmente, por medo, quem vive oprimido prefere não entrar num processo de luta organizada. O caminho para despertá-lo é o contato direto, a mobilização, o esclarecimento, a organização e a articulação com outros. Esse trabalho canaliza as iniciativas de rebeldia popular contra a opressão e aponta para uma ordem solidária, sem discriminação e sem exclusão.

A organização popular - “O povo ou luta ou morre”

1. A militância não inventa a luta. Sua tarefa é perceber o movimento social, participar das iniciativas populares e apontar a direção da ruptura e da transformação da sociedade capitalista. A militância contribui para que a luta popular consiga soluções concretas e permanentes. Mas, sabe que a luta transformadora só será feita por ações conscientes e organizadas que visem vencer a opressão. O *estudo* e as *reuniões* servem para avaliar o já feito e *preparar* o povo para ações maiores.
2. Reclamar da situação é talvez a forma mais simples do oprimido manifestar sua insatisfação. Pedir, suplicar são sinais de alguém que sente a exploração, mas não identifica suas raízes. Chega até acreditar na *bondade* do opressor, confundir direito com favor e pedir *compaixão*. Quando perde a esperança, o povo se revolta. Desespera-se porque acha que *sempre foi assim* e que *nada vai mudar*. Sentindo-se impotente diante dos problemas da vida real (fome, humilhação, miséria), parte para a revolta sem causa ou refugia-se em alguma forma de ilusão ou de consolo.
3. A Resistência já é um passo da luta consciente e organizada. O povo resiste porque percebe que é a única saída para continuar vivendo. Ao resistir percebe gente com interesses igual ao seu e gente com interesses contrários. Passa a entender que *uma andorinha só não faz verão* e que *a união faz a força*. Descobre que a injustiça tem causa e culpados. A resistência rompe o sentimento da impotência e inicia a superação da consciência ingênua que só ataca os efeitos dos problemas.
4. Reivindicar, pressionar é a atitude das pessoas que se reconhecem como classe oprimida, enriquecendo a classe dos patrões. Esse sentimento é uma semente que pode tornar-se consciência de classe. Para combater a exploração, de forma permanente, essa classe se organiza em movimentos. Essa organização ajuda à luta quando amplia o número de lutadores, quando promove o esclarecimento de sua base, quando envolve seus participantes como parte nas decisões e tarefas e quando consegue vitórias.
5. A mobilização serve para acumular forças, enfrentar um inimigo, defender a posição conquistada, e fazer a formação de militantes. Conforme o processo educativo, o Movimento pode ser

cooptado pelo sistema dominante e buscar apenas uma reforma da exploração ou perceber que a solução duradoura é romper com a lógica da exploração e buscar a forma solidária de partilhar o pão e o poder.

6. A construção e a conquista do poder político é a condição para organizar a sociedade sem dominação. A *parte* que toma consciência se organiza em um *partido* (legalizado ou não) que é responsável pela elaboração do projeto estratégico de interesse popular. Um partido popular se diferencia dos partidos da ordem porque, mesmo lutando na institucionalidade (onde consegue algumas reformas), tem claro que sua tarefa é reforçar a organização popular para romper com o sistema capitalista e construir o socialismo.
7. Toda forma de luta é importante. As várias formas de luta não formam uma escada onde uma é mais estratégica que a outra. Seu valor mede-se pelo *resultado quantitativo* (econômico) e *qualitativo* (consciência) que rende. A militância, respeitando o nível de consciência popular, ajuda na leitura crítica da realidade social para a superação da *ingenuidade* dos atores e articula os embriões presentes na luta imediata com o projeto estratégico para a construção do novo.



V.

A LUTA POPULAR

- Ranulfo Peloso -

- ROTEIRO PARA DEBATE -

Nos momentos de crise de horizonte e de projeto, não se pode cruzar os braços, nem ficar no **saudosismo** e, muito menos, repetir intermináveis *espaços de lamentação*. Nesse tempo de certa angústia, a missão principal é procurar **novos caminhos** que respondam às inquietações do nosso tempo. O desafio e o cuidado é não cair na tentação das *ondas* ou *becos sem saída* que se apresentam vendendo fáceis soluções.

Entre essas *saídas* estão: a) a busca desesperada de atrair a classe oprimida pelo *discurso radicalizado*; b) o *pragmatismo* que vende até os ideais *por um prato de lentilhas* buscando resultados imediatos e pregando que o ganho concreto é o que interessa; c) a promoção de eventos e de *campanha após campanha*, sem continuidade; d) o agendamento de múltiplos compromissos que preenchem com *atividades* o vazio da qualidade; e) o *refúgio na academia*, por um diploma, justificado como conhecimento e “preparação”; f) a redução da complexidade das respostas a um *método, visto como técnica* ou “receita” que aplicada, realiza milagres.

Seria insensatez: a) negar a necessidade da *agitação e da propaganda*; b) não conseguir *conquistas econômicas*; c) abandonar a promoção de *eventos significativos*; d) condenar a busca do *estudo permanente*; e) ou desprezar a *aplicação de meios* que contribuam na apreensão dos conteúdos e sua aplicação na realidade. Mas, tudo isso só tem sentido quando inserido em um projeto.

Ainda que muitos processos tenham sido vividos, em outros contextos e em outros momentos históricos, é possível extrair dessas experiências, muitas lições que, aplicadas criativamente, podem servir, na hora atual. Foi do resgate dessa prática social acumulada que se elaborou o roteiro a seguir, sabendo que a seqüência dos “passos” varia, se mistura, se completa... sem uma ordem preestabelecida:

- **A luta popular inicia com pessoas** – Entrar na luta é uma iniciativa pessoal porque representa uma **opção de vida** baseada na convicção da *justeza da luta contra toda forma de opressão*. Isso exige das *pessoas que se disponham*, até às últimas conseqüências. O trabalho popular deve visar a *massividade*, mas não é algo que *nasce grande*. Nasce e cresce a partir de *militantes de uma causa* que, sem se anular como gente, cruzam seu projeto pessoal com o projeto coletivo.

- **Núcleo inicial de vanguarda** – Reunir um grupo inicial de vanguarda deve ser uma preocupação básica da militância, embora não se possa pré-determinar etapas. Esse grupo é selecionado por critérios mínimos como clareza de rumo, firmeza ideológica, ousadia, postura democrática, entusiasmo, disposição... Por isso, no começo, é preferível ter *uma pessoa de confiança na região, que muita gente na reunião*. Essas “sementes” de vanguarda, escolhidas entre a gente insatisfeita, disponível, solidária e discreta precisam de qualificação.
- **Aproximar-se da classe trabalhadora** – O fermento só tem sentido, no meio da massa. A militância tem *botar seu corpo numa realidade concreta, com pessoas metidas na produção*. Sua missão é descobrir, organizar e formar gente que se disponha a um processo de transformação, pela raiz, das estruturas da sociedade capitalista. A competência profissional, a formação acadêmica e o modo de inserção não têm fim em si mesmo – podem ser instrumentos de criar confiança e permitir o contato, o diálogo, a caminhada e uma forma de contribuição à luta.
- **Convencer o maior número de pessoas que trabalham** – A missão da militância é atrair e mobilizar muita gente porque *a mudança só se faz com o povo em luta*. O convencimento se faz pela **agitação** (denúncia) em cima de manifestações de exploração e a partir de sinais sentidos de opressão, através de panfletos, comícios, protestos... Mas, é feito, sobretudo, pela **propaganda** (divulgação) das propostas, das lutas, das conquistas e dos valores do projeto socialista para a própria classe oprimida. Isto só se faz com presença, enraizamento e cumplicidade.
- **Organizar Núcleos** – *Ir para a massa* tem como finalidade contatar, reunir e organizar núcleos da classe trabalhadora. Esses núcleos precisam *conhecer os quatro cantos do território*: sua linguagem, potencial, carências, cultura, economia, formas de organização, história de resistência... É a condição para atuar lá onde acontece a exploração e envolver as pessoas interessadas nesse processo partir da *“porta que povo oferece”*. Para que as grandes massas oprimidas cheguem a tomar posição política não é suficiente propaganda e agitação. **A massa precisa fazer a experiência política do enfrentamento**, precisam *fazer ações que resolvam* seus problemas concretos.

- **O trabalho de base** – Trabalho de base é a ação política de militantes de uma organização popular que atua sobre um território. Sua missão é despertar, estimular, organizar, acompanhar e promover ações que resolvam os problemas do cotidiano da classe trabalhadora e fazer a ligação dessa luta com a luta geral contra a opressão. São os núcleos de militantes que ligam essa luta local à luta geral para conseguir as mudanças *radicais*.
- **O Trabalho de base e de massa** – Se tudo que nasce monstro morre cedo, toda iniciativa popular que não cresce, também morre. Por isso, todo trabalho popular precisa ter caráter nacional, que leva em conta realidades e culturas regionais. *A base é o povo que produz as riquezas e é explorado pelas elites, em todos os espaços. Mas, é, sobretudo, a parte da classe oprimida que se dispõe e dar sustentação a um processo de mudança.* O trabalho de base é condição e sustento do *trabalho de massa*; o trabalho de massa é a expressão e a conseqüência do *trabalho de base*. O objetivo do trabalho de base é acolher e qualificar o povo nas lutas cotidianas, mas só tem sentido se fizer parte de um movimento de caráter amplo que vai às ruas para atacar causa dos problemas que afetam o povo.
- **A formação política** – Só entusiasmo e força são insuficientes para vencer a exploração. A classe oprimida precisa juntar sua força com o pensamento e a esperteza para vencer a dominação. Tem que saber *desmontar* o sistema capitalista e apontar soluções para os problemas do povo. *Estudar significa entender o que está acontecendo consigo e com os outros e estar capacitado para descobrir respostas para os problemas que afligem o povo, hoje.* É fácil derrotar quem não estuda ou quem não pensa. É triste ver que muita gente *estudada* não entre na luta, mas é imperdoável a militância não estude, não seja *intelectual*. Estudar não é fazer cursos, nem encher a cabeça de informações na academia. Estudar é analisar a própria experiência e conhecer a experiência histórica da classe trabalhadora, *apropriando-se dos conhecimentos acumulados.*
- **Frente de lutas** – Os interesses comuns e a força do mesmo inimigo devem levar os movimentos da classe oprimida a formar frentes de luta alcançar seus objetivos. A articulação ou aliança é a descoberta que ninguém pode fazer tudo sozinho; é a crença no poder da *união de esforços* para atingir *objetivos* que estão

na *mesma direção*. Essa frente, mais do que pessoas, deve articular práticas de luta que façam a união entre campo-campo, cidade-cidade, cidade-campo, a mais ampla possível, no nível nacional e internacional.

- **Fazer o levante da massa** – Uma revolução explode quando *existe o agravamento, além do comum, da miséria e desespero das classes oprimidas – ‘a base não deseja mais□ viver como antes e ‘o cume já não pode mais□ – e que haja uma intensificação acentuada da atividade das massas*. O indício da revolução é quando há uma rápida elevação do número de pessoas preparadas para a luta política, entre a massa trabalhadora e oprimida que enfraqueça o governo e torne possível a sua substituição. Só a massa pode realizar uma transformação radical.
- **A direção de um Partido** – O objetivo do movimento popular é pensar projetos para setores da sociedade e produzir militantes para uma organização política que tenha um projeto estratégico para todos os setores da sociedade. O partido político tem como finalidade *a constituição de quem trabalha como classe, a derrubada da supremacia burguesa e a conquista do poder político pela classe trabalhadora*. **Sem a direção de um partido político, a luta popular – a luta econômica e social – só reforma e reforça o sistema de dominação**. Mas, esse partido tem que ser de novo tipo. Pois, só uma organização política que conhece, acompanha e estimula processos de luta de movimentos autônomos, será capaz de dirigi-los politicamente e avançar na construção da sociedade socialista.



VI.

O PODER POPULAR

- *Ranulfo Peloso* -

Todo poder nasce do povo e pelo povo deve ser exercido!

Quem se acha dono do povo, em geral, tenta anular o poder da classe trabalhadora. Pela repressão, tenta controlar sua força e pela conformação, tenta *matar a sua alma*. Assim, o povo é ensinado a achar que não tem poder e a ter medo de desejar o poder. Nessa escola ele aprende que *manda quem pode e obedece quem tem juízo*. E que o papel do povo é apenas aceitar o poder imposto pela ordem e a reproduzir esse comportamento na família, no trabalho e na sociedade. Quando o povo não exerce o poder, alguém exerce o poder sobre esse povo domesticado.

A idéia de refletir sobre o poder é descobrir e desmascarar os mecanismos que impedem a classe oprimida de se desenvolver no corpo, na mente e no coração. Ao estudar a pessoa descobre que *se o povo soubesse a força que tem, ninguém dominava ele*. Descobre também que *o grande só é grande porque o povo está de joelho e toda vez que ele se rebaixa ele entrega seu poder*. E que esse *conhecimento liberta* quando ele é entendido, assimilado e aplicado na vida pessoal, na vida social e na luta dos explorados contra os exploradores.

O poder no dia-a-dia

1. Cada pessoa é única: não existem duas pessoas iguais. A pessoa se identifica quando se encontra e se relaciona com outra. Nessa relação cada pessoa afirma sua originalidade e aprende que só existe o eu porque existe o tu. E só existe o nós porque dois seres humanos decidem ou são obrigados a se juntar e a disputar.
2. A pessoa, desde criança, disputa para ser reconhecida. Ela tem necessidade de ser notada, de divulgar suas preferências e de mostrar o seu potencial. Não aceita ser ignorada, colocada à sombra, tratada como estranha ou menosprezada. Para conseguir e garantir seu território a pessoa faz de tudo para aparecer - sente inveja, cobra ciúme, pressiona, esnoba, manipula, se alia, compete, esperneia, briga, fantasia, sonha...
3. Essas iniciativas fazem parte da luta pela sobrevivência, da afirmação de identidade e da auto-estima. É a luta pelo poder. Quando alguém não se impõe ou não briga por sua dignidade, ou já perdeu o ânimo de viver ou é tida como covarde. A fraqueza e a ousadia contribuem na formação do caráter da pessoa. Se não é justo bater, também não é justo apanhar.

4. *Ninguém é uma ilha.* E nessa convivência social a pessoa aprende o exercício do poder. Em uma sociedade, onde *cada um age conforme sua ganância*, vigora a *lei do mais forte*, não se reconhece o valor *das riquezas individuais* e se cria a divisão entre *superiores e inferiores*. Daí surge a dominação de classe, a discriminação de gênero, o preconceito étnico e de idade e toda forma de intolerância cultural.

Tem alguém que não se goste e não quer ser poderosa?

A pessoa precisa ter poder

5. Ter poder faz parte da natureza humana. Só quem tem poder, de forma individual ou coletiva, afirma-se e influi no seu destino e no destino da sociedade. O ato de pensar, de agir e tomar decisões torna a pessoa protagonista e contribui para sua realização pessoal e histórica. Ao contrário, sentir-se impotente é perder a esperança e ser apenas platéia é anular-se. Por isso, a origem do poder está na mão de quem trabalha.
6. Na verdade, toda pessoa gosta de ter poder e se sente feliz com ele. Quanto mais ela nega, mais ela afirma a vontade de ter o poder: *ninguém quer desaparecer – fale mal, mas fale de mim*. Quem diz que não quer o poder é porque já tem o poder e não quer dividi-lo ou é um incompetente. Consciente ou não, mesmo quem *delega* seu poder ou renuncia a postos de comando, está usando um meio de ter e de exercer o poder.

Porque as pessoas têm medo de ter o poder?

É justo ter o poder

7. Ter o poder não é um *pecado*; é uma necessidade e um direito de toda pessoa. Porque toda pessoa nasce *pra brilhar* e *quanto mais estrelas no céu mais a noite fica iluminada*. Para isso, é dada à luz e uma *luz não se esconde, se coloca no alto para que todos a vejam*. Hoje, uma *mensagem revolucionária* é proclamar aos oprimidos: *você é capaz, levanta, toma teu leito, é hora de assumir o comando*.
8. Estranho não é desejar o poder, estranho é insistir no medo de ter o poder. Estranho é nunca se dizer que *todo poder nasce do povo e pelo povo deve ser exercido*. Estranho é reduzir o poder ao mero ritual de apenas eleger representantes, como se alguém

pudesse abrir mão de seu poder. Sem falar que a maioria dos eleitos é comprometida com quem domina as riquezas, as idéias e os postos de decisão.

O povo precisa de representantes? Porque a maioria dos eleitos é da classe rica?

O que é o poder

9. Todas as relações sociais estão impregnadas e implicam em poder porque o poder consiste na possibilidade de decidir sobre sua própria vida e sobre a vida de outro ser humano. O poder é a capacidade de intervenção com fatos que obrigam, circunscrevem, proíbem ou impedem.
10. Quem exerce o poder, hoje, submete e inferioriza os dominados, impõe fatos, exerce o controle, arroga-se o direito ao castigo e à privação de bens reais e simbólicos. Ou seja, tem força, domina. A partir dessa posição de poder julga, sentencia ou perdoo. E ao fazer isso, acumula mais poder.
11. O poder é, então, entendido como poder quando se apropria das riquezas, excluindo a maioria. Por isso, exerce o poder para domínio, controle e direção da vida da maioria e expropriação de seus bens materiais e simbólicos.
12. Poderosa é, então, a pessoa que possui elementos de poder por sua classe, riqueza econômica, social ou cultural, gênero, nacionalidade, sexo, cor da pele, idade, etc.
13. Todos os fatos sociais e culturais são espaços de poder: o trabalho, as atividades vitais, o conhecimento, a sexualidade, os afetos, as qualidades, os bens e posses, o corpo e a subjetividade, o próprio ser humano e suas criações.
14. A posse privada da riqueza, a exclusão e a dependência dos pobres estruturam o poder, desde sua origem, e permitem sua reprodução. Nesse sentido, a classe oprimida tem poder porque o poder sucede no espaço das relações sociais: cada pessoa ao interagir, mesmo sem saber, exerce poder. O mais débil dos oprimidos tem e exerce poder quando se torna espaço de opressão do outro que necessita dele para existir.

Você tem poder? Dê exemplos

O centro do poder

15. O poder que nasce do povo se cristaliza nas instituições civis e estatais e no exercício de direção e domínio de um grupo sobre a sociedade. O poder surge nas relações sociais, mas se encontra e se amplia na reprodução dos sujeitos sociais, que se situam no espaço público e no espaço privado. Mas, o Estado que organiza a sociedade, é a equipe que administra e garante os negócios coletivos da classe dominante.
16. É no Estado, com suas instituições – o executivo, o parlamento, o judiciário, a burocracia, os impostos... e, sobretudo, o poderio militar, onde se concentra o verdadeiro poder. Alguém já falou, sem negar a inteligência, a diplomacia e a negociação, que *o poder reside na boca de um canhão* para dizer que ter poder é ter poder de fogo. Tem poder quem tem produção, rumo, projeto e força.
17. No Brasil, o Estado é propriedade privada da classe burguesa. A luta popular só deve disputar o espaço público estatal se tiver clareza do próprio projeto de poder e conservar sua independência política. O objetivo de ocupar postos na institucionalidade é acumular forças para a transformação social. Só há governo Popular quando o povo toma o Poder de Estado. E para avançar, é preciso romper a cerca, sempre.

Ter o governo é ter o poder?

O poder corrompe?

18. No esforço para superar a cultura do silêncio e a impotência popular, não se pode esquecer as tentações do poder. Às vezes, as pessoas têm medo de ter poder porque observam que na vida cotidiana, um jeito estranho de ter o poder. A história está cheia de exemplos onde o preço para ter mais e ser mais, não teve medida. O poder pode sim corromper.
19. Na sociedade dividida em classes, *os líderes pisam sobre o povo*, usam o poder para submeter e explorar a classe trabalhadora. Certas *lideranças* populares, reproduzem a prática da elite: também concentram o poder, usam métodos autoritários e fazem do *cargo seu meio de vida*. Por isso, ter o poder traz consigo muitos desafios.
20. Além disso, até em organizações populares, quem assume um posto de poder tende a fazer de tudo para *tirar vantagens* da

posição, *continuar* no cargo e, inclusive, *subir mais*. Se for preciso, joga sujo, faz alianças escusas, vende a alma, perde a moral e mancha suas convicções. A *corrupção* - financeira, política e moral - começa quando uma direção se afasta do povo e seus interesses e passa a olhar o *cargo como profissão e o poder como privilégio individual*.

O que fazer para que o poder não corrompa?

O Novo Poder

21. O poder, como auto-afirmação das pessoas e das classes, deveria se definir pelo positivo e não implicar na opressão de ninguém. A esse poder deve aspirar a classe oprimida. Os abusos no uso do poder não podem justificar o medo de querer o poder. Mas, para uma nova sociedade, o poder não deve manter a postura de chefe tradicional, arrogante e distante. Não pode confundir autoridade com autoritarismo.
22. Sem ingenuidade e com firmeza, o desafio permanente do novo estilo de dirigir, será *comordenar* sem autoritarismo, *comduzir* sem manipulação, *commandar* *compartilhando* o poder, cumprir e fazer cumprir os acertos coletivos, acima das vaidades e caprichos individuais. Esse poder ainda é construção; é uma aspiração com algumas experiências, individuais e coletivas, e com alguns elementos desenvolvidos.
23. Nessa construção cabe um novo tipo de democracia baseada na confiança. Tem gente que *nunca foi eleita e nem se considera dirigente*. No entanto, *tem o poder de direção, pois, em período de propaganda ou em período de luta, assumem o trabalho mais difícil, vão a lugares mais expostos e sua atividade é a mais proveitosa. Essa primazia não é o resultado de seus desejos, mas da confiança dos camaradas que a rodeiam em sua inteligência, energia e devotamento*.
24. O novo poder é um aprendizado. Participando de uma ação ou de um grupo a pessoa aprende a ouvir e falar, a concordar e discordar, a disputar e negociar, a ganhar e perder, a fazer e responsabilizar-se, a decidir e executar, a propor e cobrar, a *comandar* e obedecer. Essa prática estimula a ambição de ser gente e de ter o poder coletivamente. Neste processo, cresce e descobre a si mesma, os outros e o mundo e aprende a usar o *poder a serviço* no rumo de uma revolução social.

Dê exemplos de poder compartilhado

Desconstruir o Velho Poder

25. Para transformar pessoas em sujeitos é preciso desmontar os mecanismos que reproduzem a dependência, a impotência e a servidão como elementos do poder que foram estruturados na classe oprimida. Submetidas a essas formas de poder, as pessoas exercem o poder de maneira inconsciente. Para *desconstruir* o poder que estrutura os oprimidos e construir o poder como instrumento da vida solidária, é preciso tomar consciência da dependência vital, da impotência aprendida e da escravidão voluntária.
26. **A dependência vital** – O poder, hoje, é opressivo porque concentra o poder de classe e os poderes nacionais, étnicos, culturais, sexual e os poderes patriarcais. A dependência vital é econômica e como classe social. Mas, há outras formas de dependência: social, jurídica, afetiva, erótica, política... Por isso, é possível substituir uma dependência por outra, como se fosse um mecanismo de reprodução da dependência.
27. **A impotência aprendida** – A impotência é a expropriação da capacidade de poder: a pessoa anula o *eu posso* e desenvolve o *eu posso empoderar os outros*. A impotência aprendida não necessita de um juiz - a pessoa já é a própria polícia de si mesma para autocontrolar-se e autoimpedir-se.
28. **A servidão voluntária** – A classe oprimida é construída como servidora, em uma relação de dominação, sujeita ao domínio da elite, inferiorizada. Esse mecanismo se reproduz inconscientemente, em séculos de história, nas formas de servidão voluntária. Quanto mais autoritárias e mais atrasadas economicamente são as relações de poder, maiores são os traços irracionais desse tipo de servidão.

Fale dos mecanismos usados para deixar os pobres sem poder

A tomada do Poder

29. A classe trabalhadora precisa conquistar o poder de estado se quiser resgatar a riqueza produzida por suas mãos e construir uma sociedade sem exploração. Só com uma força política é possível conquistar o estado, controlar a produção social e garantir qualidade de vida para os habitantes de uma nação.

30. Para tomar o poder é necessário mobilizar muita gente da classe trabalhadora que se disponha a transformar, pela raiz, as estruturas da sociedade capitalista. Portanto, a destruição do poder burguês, o controle do aparelho de estado e a vitória do Poder popular, será um longo e difícil caminho.
31. A transformação, pela raiz, das estruturas da sociedade capitalista não se limita aos momentos decisivos da luta popular. Passa pela elaboração de um projeto, a escolha de uma estratégia de luta pelo poder e a organização das ferramentas que ajudam na conquista do poder.

Afiar as ferramentas para conquistar o poder

32. A tarefa das ferramentas organizativas é despertar o protagonismo popular. No começo, isso é feito através das associações, movimentos, sindicatos... que são *partes do povo que se levantam* contra a injustiça e a opressão e lutam por objetivos imediatos para um grupo ou categoria profissional. Mas, a luta política por uma nova sociedade é maior e mais complexa que a luta econômica da classe trabalhadora contra os patrões e o governo.
33. O movimento popular é a justa reação, espontânea ou organizada, pacífica ou violenta, da classe oprimida contra diferentes formas de injustiças. Essa reação pode ser contra uma exploração econômica, um abuso de poder, uma manipulação ideológica ou um preconceito de cor, sexo, religião, idade.., Mas, a indignação popular é só a semente da luta consciente.
34. *Certos tumultos traduzem um despertar da consciência porque os operários e camponeses perdem sua crença costumeira na perenidade do regime que os oprime; eles começam não a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva e rompem deliberadamente com a submissão servil às autoridades. É mais uma manifestação de desespero e de vingança que de luta.*

A luta sindical

35. O sindicalismo luta para diminuir os efeitos da exploração econômica. O movimento sindical luta por direitos e descobre que a classe patronal explora a classe trabalhadora. Por isso, se organiza para conseguir melhorias nas condições de vida e trabalho. A luta econômica é a luta coletiva dos trabalhadores,

contra os patrões, para vender vantajosamente sua força de trabalho e melhorar suas condições de vida e trabalho.

36. Certas lutas já mostram lampejos de consciência e podem ser um embrião da luta de classes. Até ai ainda não é uma luta socialista, apenas marca o despertar do antagonismo entre trabalhadores e patrões. Ainda não existe a consciência da oposição irreduzível de seus interesses com a ordem política e social existente porque não tem a consciência socialista.
37. A luta econômica não questiona o jeito como está organizada a sociedade dividida em classes. Junta, esclarece, denuncia e combate os efeitos, mas não ataca a raiz do problema. A luta reivindicativa chega a *ensinar o povo a pescar*, mas como busca a conquista dos interesses imediatos, apenas *remenda o sistema* de exploração.

A luta política e o Instrumento político

38. O povo entende a política como processo eleitoral. Só a militância aprende que é preciso um Instrumento Político que formula um projeto político para construir a nova sociedade. O movimento político é formado por pessoas conscientes e dele participam as pessoas que descobrem as raízes da exploração e organizam sua ação para transformar a sociedade capitalista. Sem mudar a sociedade, dividida entre explorados e exploradores, o povo vai continuar oprimido.
39. A organização socialista dirige a luta da classe oprimida, não apenas para obter condições vantajosas na venda da força de trabalho, mas para a abolição da ordem social que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos. Ela representa a classe na relação com empregadores, com todas as classes da sociedade e com o Estado como força política organizada.
40. A militância, metida nos movimentos, aprendeu que junto com *dar o peixe* e matar a fome é *preciso ensinar o povo a pescar* pra sair da dependência e *tomar de volta os rios* que viraram propriedade dos grandes. Por isso, cria um instrumento político para fermentar o movimento de massa e ajudar *o povo a* entender a realidade, *a se levantar* e a transformar a sociedade dividida em classes.
41. O desafio da militância é potencializar o movimento popular para que tenha a energia de construir uma nova proposta com

base intelectual, moral e política. Porque a mudança estrutural do capitalismo não se faz só com pequenas reformas. No entanto, elas são indispensáveis para acumular força, aprendizado e uma consciência política de transformação.

Diga a diferença entre reforma e revolução

Construir, conquistar e tomar o poder

42. Não existe contradição entre ter poder, construir o Poder Popular e a conquista do poder político do Estado se esses esforços implicam em desenvolver territórios e espaços de capa-citação da classe trabalhadora. O exercício de auto-orga-nização, a solução de problemas do cotidiano, o processo de qualificação da militância podem ser exemplos pedagógicos e experiências concretas de um novo poder.
43. Existe uma interdependência entre a conquista do poder de estado e a construção cotidiana do poder popular se o objetivo é sair da lógica e do domínio do capital e promover a participação democrática e a soberania popular. O que não se pode perder é a centralidade do poder concentrado no Estado.

Diga a diferença e a importância de cada ferramenta de organização popular

VII.

RESGATAR O ESPÍRITO DE MILITÂNCIA

- Ranulfo Peloso -

“Acreditar é viver, agora, a esperança; é tornar presente o sonho que ainda não é realidade; é firmar os olhos numa certeza; é encarar o desafio da vida até à vitória, sempre”.

Abertura

O que vence o nosso medo não é a coragem, é a convicção. A convicção é uma porta que só se abre por dentro. É ter uma certeza numa coisa que não se vê. É apaixonar-se por uma causa e ser capaz de doar a vida por ela. Se uma pessoa não abre seu coração, também não entende, nem abre suas mãos. A justeza da luta contra toda forma de opressão é uma convicção que produz posturas, atitudes, comportamentos e valores. Quando as convicções são saboreadas e partilhadas alimentam a mística da militância, mesmo quando experimentados no meio da tensão e da imperfeição.

1. O espírito militante

Um *tarefeiro* cumpre ordens, um *funcionário* trabalha pelo salário, um *mercenário* age para satisfazer seu interesse individual. Já a *militância* popular se move por uma *indignação contra a injustiça* e por uma *entrega apaixonada* para que a classe oprimida se realize como gente e como povo. A *luta é uma questão passional*. A pessoa *amante* não se ensina o que deve fazer para agradar a pessoa amada. Com entusiasmo e ousadia, a pessoa que ama *faz do longe perto* e inventa caminhos para alcançar seus objetivos. Essa paixão une *ação, razão e sentimento* e invade o espaço pessoal, a convivência familiar, a vida de trabalho e a luta da militância. Na permanente busca de coerência entre o dito e o feito, a militância vive suas convicções.

2. Indignação e rebeldia

Uma qualidade da militância *de esquerda* é sua *capacidade de indignar-se contra qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo*. Achar *natural* a submissão, a dependência ou acostumar-se com a situação dos pobres é identificar-se como *direita*, é ficar do lado da opressão. A *rebeldia* não se confunde com *amargura*, nem com a *revolta* que nada faz para mudar. A rebeldia serve para despertar a *auto-estima*, para não se deixar *coisificar*, nem coisificar as outras pessoas e ser o embrião

da consciência crítica que ajuda a *desmontar* a injustiça no compromisso de construção de uma sociedade sem dominação.

3. Sem medo de ser socialista

A militância não tem como centro da luta o inimigo ou a opressão. O que anima a militância é a *certeza* de estar *construindo uma pátria onde não se chore mais, a não ser de contentamento*. É o compromisso com a transformação da sociedade onde a produção, distribuição e consumo se façam de forma partilhada. No capitalismo, baseado na exploração e na competição entre os indivíduos, *não há lugar para os pobres* como protagonistas. O socialismo que coloca o ser humano como centro, possibilita uma relação entre os humanos, sem exploração, e com a natureza, sem destruição. Por isso, os erros e limites das experiências socialistas não negam o sonho, nem invalidam os esforços de tanta gente que entregou sua vida por um mundo de *novos homens e novas mulheres*.

4. Prosperidade e superação

É legítimo o desejo de possuir os bens produzidos pela criatividade humana desde que trabalhe. *Quem não trabalha não deve comer*. Só quem perde a dignidade, perde também a vontade de crescer: ter mais, ser mais, saber mais e *deixar sua marca* no mundo. No capitalismo, a busca da prosperidade vira consumismo: vontade incontrolável de acumular bens que possibilita a dominação. Todo bem material e espiritual tem uma função social, pertence a todos. Mas, a prosperidade só é possível com trabalho, domínio da técnica, crescimento da consciência e austeridade de vida (não ter carência do necessário, mas não ter mais que o necessário) com o básico para todos, pensando nos recursos do planeta e nas gerações futuras.

A militância, dentro de orientações construídas coletivamente, deve tomar iniciativas, criar caminhos, ir além de metas planejadas, manter a busca constante de soluções, sem seguir receitas, pedir licença ou esperar ordens. Esse *espírito de superação* é também um ato da vontade, pois, ao entender o que é necessário fazer, a pessoa se dispõe a fazer o que entendeu, da forma mais aperfeiçoada e profissional, para que a missão do movimento seja cumprida.

5. Espírito de sacrifício

Quem diz luta, diz sacrifício; quem diz sacrífico, diz também morte. Se o grão de trigo não morrer não dá fruto. Sair da exploração não se faz sem conflito e sem rompimento, embora seja necessário evitar os sacrifícios inúteis. Não é o martírio onde as pessoas estão mais preparadas para sofrer e morrer. O sacrifício nasce do enfrentamento da opressão.

As transformações na natureza, nas pessoas e na sociedade não nascem de um acordo. *O novo que se constrói dentro do velho, só aparece quando o velho é destruído. Ninguém luta porque gosta e toda conquista envolve risco. Nada é concedido à classe oprimida por dever de justiça. O direito humano nasce na rua, no confronto - a luta faz a lei. Os subversivos precisam conhecer as manhas e preparar a hora de encarar a fera. Para haver mudança é preciso conspirar e, por isso, na vida individual ou coletiva é inevitável a ruptura. Essas tensões, como dores de parto, antecedem a vitória da vida sobre a morte, sempre. O espírito de sacrifício não impõe pré-condições de conforto, facilidade ou de mordomias individuais.*

6. O amor pelo povo

A militância, *mesmo sob o risco de parecer ridículo, sabe que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor. A classe trabalhadora carrega muitas contradições e reproduz parte da mentalidade dominante. Porém, mais que vítima, o oprimido é um potencial inesgotável de formas de luta e fonte constante de militantes. Porque só a classe oprimida pode ter interesse na libertação na revolução e, ao libertar-se, liberta também seus opressores.*

A militância faz parte do povo que é o sentido e a razão de sua existência, mesmo que aparentemente ele não tenha razão. Por isso, *prefere o risco de ficar com os pobres do que achar que vai acertar sem eles. E como todo artista se mete, lá onde o povo vive, luta, sofre, se alegra e celebra suas crenças. Afastar-se do povo é uma forma de ficar contra o povo. Como não tem sentido o fermento fora da massa, não pode existir militante sem ligação com a base. Militante que se afasta do povo passa a pensar por onde os pés pisam e entra num processo de corrupção, moral, política e ideológica.*

7. O exercício do poder

Numa sociedade dividida em classes, os *líderes pisam sobre o povo*, usam o poder para submeter e explorar a classe trabalhadora. Certas *lideranças*, reproduzindo a prática da elite, também concentram o poder, usam métodos dos grandes prometendo *tirar vantagens para o povo e contrariam os pequenos para não ficar de mal com os ricos e autoridades*. Elas fizeram do seu *cargo seu meio de vida*.

Ficar *à frente*, nunca poderia criar na militância a postura de *chefe*. Da mesma forma, os abusos no uso do poder nunca deveriam ser razão para se ter medo de querer o poder. O *poder* é um instrumento indispensável para organizar a luta e multiplicar militantes. O desafio permanente será *com-ordenar* sem autoritarismo, *comduzir* sem manipulação, *comandar* repartindo o poder e *cumprir os acertos coletivos*, acima das vaidades e caprichos individuais.

8. Combater a alienação

A pessoa que não entende a raiz da injustiça é alienada. O processo de tomada de consciência vem para quebrar toda a forma de alienação permitindo a descoberta do real. A superação da alienação é básica na estratégia para construir o novo, o futuro, a vida, sempre. A participação nos processos de luta e a reflexão, estudo, leituras são caminhos para alimentar a fidelidade à causa popular e buscar as mudanças. Pensar é um exercício que subverte a existência da militância para que ela jamais se acostume com a injustiça ou desanimo na sua luta emancipação. Refletir avalia e desafia a *militância de escritório*, a mesmice, a repetição, a manipulação, os desvios e os vícios.

9. A solidariedade universal

Ninguém é uma ilha – a pessoa se realiza quando se relaciona com outras. A doutrina capitalista *de cada um conforme sua ganância* gera a dominação e a exclusão. Contra a *lei do mais forte*, a militância socialista procura praticar a *solidariedade e igualdade*, reconhecendo a *soma das riquezas individuais*, mas reagindo com a divisão entre *superiores e inferiores*. Por isso, luta contra a dominação de classe, a discriminação de gênero, o preconceito étnico e geracional e todas as formas de intolerância cultural e religiosa.

A solidariedade se manifesta na compaixão (colocar-se no lugar da outra pessoa), na afetividade, no acerto de parceria e no amor incondicional para que a classe oprimida se realize. Ela se expressa melhor *na entrega gratuita* daquilo que se tem de melhor, inclusive a própria vida, para que pessoas e povos realizem o eterno sonho da fraternidade universal. *“Se sentires a dor dos outros como a tua dor, se a injustiça no corpo do oprimido for a injustiça que fere a tua própria pele, se a lágrima que cair do rosto desesperado for a lágrima que você também derrama, se o sonho dos deserdados desta sociedade cruel e sem piedade for o teu sonho de uma terra prometida, então, serás um revolucionário, terás vivido a solidariedade essencial”* (L. Boff)

10. O espírito Multiplicador

Nossos guerreiros a gente planta para dêem novas sementes. Quem tomba na batalha a gente não chora, festeja. Porque sangue de mártir é semente de militantes. É preciso ter orgulho das pessoas que oferecem sua vida para que seu povo viva com dignidade. Mas, com o mesmo ardor, *é necessário recordar a memória* de tanta gente anônima que sustenta o cotidiano da luta e garante o enraizamento do trabalho.

Cada militante, no seu posto, deve realizar um trabalho profissional. Igualmente, deve comprometer-se em mobilizar um time de trabalhadores que, por sua vez, vão repartir os esclarecimentos e experiências com outras pessoas, nos espaços de luta, de vida e de trabalho. Sua missão é despertar a auto-estima adormecida, estimular o protagonismo e convocar para a tarefa *de ser capaz e ser feliz*, coletivamente. Assim, a militância ajuda a tecer *a rede de resistência*, convencida que *a importância de uma árvore se mede pelo número de folhas que renova cada ano e a pessoa pelo número de amigos que consegue reunir. Se a luta não vai sem seus filhos, sua família e sua comunidade, não vai só com seus filhos, sua família e sua comunidade* – um pé na roça e um pé na estrada!

11. O companheirismo

Companheirismo é a forma superior de relacionamento, *maior que os laços de sangue.* É o gesto humano, fraterno e político de quem crê na capacidade das pessoas, sobretudo, a classe oprimida. Companheirismo significa *compartilhar o pão e o poder*, em todos os espaços da vida, com quem se dispõe à mesma caminhada. É não ter vergonha de falar de seus sonhos e limites e ter a certeza de ser acolhido, escutado, entendido, mesmo quando erra ou quando cobra.

As *relações humanas* e a *caridade tradicional* negam o companheirismo porque são mecanismos da dominação para manter a dependência entre quem manda e quem obedece, entre quem doa e o *coitado* que recebe e aumenta nos pobres o sentimento de inferioridade. O companheirismo se revela especialmente na atenção a quem trabalha e ainda não entendeu a razão de lutar; no tempo dedicado a juventude e às *crianças*, no carinho ao povo *excluído*, no ombro solidário a quem está desanimado e no respeito ao *parceiro(a)* de *vida* e de *caminhada*, ajudando-as a *se levantar e andar!*

Na rotina da vida, na insegurança frente aos desafios e na hora do sentimento de impotência, não raro *a corda arrebenta no seu lado mais fraco* que é a relação pessoal com colegas de vida e de equipe. Só quem exercita a *fé na vida, fé na gente, fé no que virá* é capaz de superar a tentação do desânimo, da esperteza, do ciúme, do fuxico, da intriga, do personalismo e afirmar com a vida que *nós podemos tudo, nós podemos mais, vamos lá fazer o que será!*

12. A pedagogia do exemplo

Não basta que seja pura e justa a nossa causa, é necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós. É comum escutar que na prática a teoria é outra, porque sabemos que as palavras explicam, mas são os exemplos que mobilizam. É na prática que militância revela suas convicções. É, no dia a dia, que o discurso se torna força material capaz de realimentar a luta pela vida. É na vida pessoal, no estudo, nas atitudes (de dedicação, entusiasmo, ousadia...), no respeito ao povo, na disciplina como fidelidade aos acertos coletivos, no trabalho produtivo, na participação num posto concreto da luta, na simplicidade de vida, no uso correto dos recursos coletivos... que se concretizam as convicções. Na pedagogia do exemplo, um valor desejado é o espírito de humildade, contrário a toda arrogância, auto-suficiência, submissão ou ingenuidade. Humildade é a simplicidade de alguém que reconhece seus valores e tem clareza sobre seus limites. Por isso, está aberta para respeitar e acolher o novo e o diferente que contribuam com a verdade e o conhecimento.

13. A mística Popular

A mística da causa popular é o segredo que, plantado na alma, torna-se força interior que impulsiona a militância, principalmente nos momentos de dor, de dúvida e de derrotas. Mas, *militante triste é um triste militante.* Por isso, a mística está presente

na alegria de viver, na disposição para a luta, na esperança sem ilusões, no canto, nos símbolos, na beleza do ambiente, nas celebrações. Essa *energia vital* se expressa em gestos e atitudes, individuais e coletivas, que revelam, desde já, o sabor da convivência sonhada para todo o povo.

Assim, a celebração da mística, às vezes, aparece como *indignação* e conflito; em outras, tem a cara do *prazer* e da festa. Mas, deve ser sempre uma experiência marcante que traduz uma convicção profunda, reforça a luta e atrai novos combatentes. É esse *ânimo* interior, *alimento da esperança*, em qualquer conjuntura, que torna as pessoas combativas e carinhosas, abertas e perseverantes, mas, sobretudo, companheiras.

"Você pode até dizer que eu sou um sonhador. Mas não sou o único. Espero que um dia você se junte a nós. Aí, o mundo será como se fosse um."

"J. Lennon"

VIII.

TRABALHO DE BASE E A ABRANGÊNCIA DO MÉTODO¹

- Ademar Bogo -

¹ Texto de Ademar Bogo, escrito em setembro de 2000, com o objetivo de aprofundar a capacitação dos dirigentes do MST.

1 - MÉTODO: definição

O método é a capacidade de se colocar no lugar exato os elementos e requisitos para se construir o caminho que nos leva a um determinado fim. Este fim, podemos compreender como um objetivo imediato ou de longo prazo. Ou se quisermos podemos chamá-los de objetivo tático e objetivo estratégico.

O método somente pode existir em função de um objetivo. Na medida em que se tem o objetivo, necessariamente deve-se buscar um método para implementá-lo. **Por isso quanto mais claro for o objetivo maior facilidade se tem em elaborar o método.**

Neste sentido, não existem métodos bons e métodos ruins o tempo todo, isto porque o método não é um dogma que nunca muda. Os elementos sempre são modificados e alguns são adaptados de acordo com cada objetivo. Ou seja, os elementos são estruturados sobre as contradições concretas. **Há fatores que compõe a estrutura do método que são referencias como: análise, tomada de decisão, definição dos meios a serem utilizados, divisão de tarefas, avaliação.** Estes fatores que compõe a **estrutura do método** variam menos que os **requisitos orgânicos** necessários para implementar o método.

Quando se tem uma organização em funcionamento, geralmente os grandes objetivos estão definidos pelas linhas políticas elaboradas nos encontros e reuniões; de modo que, nunca se parte do nada. As **ações** passam ser os **objetivos táticos** a serem alcançados, por isso os elementos devem ser buscados em cada situação concreta com maior ou menor quantidade dependendo do caráter da ação que se está planejando.

Poderíamos dizer então que **o método se constitui de duas diretrizes básicas e dois eixos** que sustentam a sua aplicação.

1.1 - As diretrizes

a) Política ideológica - Significa sua definição de classe e clareza do rumo que devemos seguir. Isto porque, o método tem o objetivo de nos levar a um determinado lugar ou a um lugar ideologicamente antecipado em nosso planejamento. A ideologia permite acertar na análise e orienta o rumo que devemos seguir para chegar àquele objetivo estabelecido.

b) Técnica organizativa - Nenhum método pode ser abstrato, deve ser profundamente concreto em suas funções técnicas e na prática organizativa. Os métodos somente se desenvolvem e

comprovam sua eficiência na medida que forem aplicados sobre uma determinada realidade para transformá-la. De acordo com esta visão antecipada que se tem do objetivo a ser alcançado.

1.2 - Os dois eixos

Os dois eixos podemos compreendê-los como sendo os sustentadores do peso que “transportam” os elementos que formam o método. São eles:

a) Elementos estruturantes

São as partes constitutivas do método que alinhadas compõe a estrutura do método, como: estudo do problema, domínio da realidade pró e contra o objetivo, decisões políticas do que fazer, definição de objetivos, estabelecimento de metas, análise das conseqüências, checagem permanente do andamento, plano e contra-plano, avaliações, etc.

b) Requisitos orgânicos

É o lado da execução concreta do método. É o que se coloca como fundamental para ser preparado antes de iniciar o primeiro passo. Imagine qual deve ser os requisitos orgânicos para um avião decolar. Os elementos estruturantes, são aqueles que permitem o avião ir até a pista e o plano de vôo. Os requisitos orgânicos são aquilo que garantirão o bom desempenho do avião em seu percurso.

Na checagem feita pelos pilotos, no momento que antecede o início do vôo, se perceberem que algo fundamental não foi providenciado, não podem decolar. Por exemplo, um requisito fundamental é o combustível que já deve ter sido colocado no tanque antes de ir para a pista.

É verdade que na luta de classes, as coisas ao um pouco mais complicadas e dinâmicas do que o vôo de um avião e muitas coisas podem ser arranjadas no caminho, mas os riscos de sofrer uma derrota, pela ação não estar bem preparada é muito grande.

2. O MÉTODO NO MOVIMENTO DAS CONTRADIÇÕES

Todas as coisas se movem. Poderíamos dizer que há dois movimentos, um externo e outro interno. Exemplo, quando uma pedra rola percebe-se seu movimento externo. Quando ela vai envelhecendo e se deteriorando é o movimento interno. Na luta política é assim também. Vejamos alguns aspectos:

2.1. A dialética como movimento

A dialética é o conjunto de contradições que forma o movimento interno que existe em todas as coisas. Nada é estático e tudo se relaciona.

Se tomarmos como referência uma ação que vise alcançar determinado objetivo que seja o de **sensibilizar a sociedade para a reforma agrária**, apontado pela linha política anteriormente elaborada.

Os **elementos estruturantes** centrais para esta ação podem ser: **a análise da realidade agrária e das forças aliadas e inimigas; checagem do momento político; definição do objetivo (sensibilizar a sociedade. A decisão é de fazer uma marcha. Aí então define-se o caráter da marcha, meta a ser alcançada, o trajeto a ser feito e atividades a serem desenvolvidas no percurso.**

Estes elementos estruturantes podem ser ampliados, dependendo do tipo e do caráter da atividade que se pretende desenvolver. Fundamentalmente dependerá do caráter desta atividade para saber quais serão as demais tarefas a serem executadas.

Os **requisitos orgânicos** inicialmente podem ser os aspectos correspondentes a preparação da marcha como: **criação de coordenações e equipes que cuidarão da: preparação da base, busca de alimentos, segurança, infraestrutura, divulgação, busca de apoio, marcar os pontos de parada, carro de som, ambulância, bandeiras etc.** Ou seja, deve-se garantir tudo o que é indispensável para a marcha começar bem.

Mas a realidade política muda mais rapidamente que a realidade material, por isso é preciso prestar atenção nas transformações que vão acontecer no tempo e no cenário onde se desenvolverão as ações.

Quando iniciamos a preparação da marcha, veremos que aparecerão problemas que não estavam previstos. São novos **requisitos orgânicos** que o movimento interno das contradições fez aparecer, que antes não poderiam ser vistos.

Podemos citar como exemplo a prisão de alguns coordenadores. Um dos requisitos será a contratação de advogados e a realização de protestos contra a truculência policial. Mas isso tudo não pode levar a perder de vista o objetivo inicial de fazer a marcha.

Os requisitos orgânicos garantem antecipadamente a eficiência da ação, por isso deve-se prever, com antecedência de prazo, para eles sejam preparados. Cada tarefa assumida por cada equipe ou militante, deve estar concluída no momento previsto.

A correta distribuição de tarefas e a checagem permanente, além de envolver muitos lutadores para assumirem responsabilidades, permitem descentralizar as decisões e ajuda na formação de novas lideranças.

2.2. Movimento interno e as novas tarefas

Dentro de cada requisito, como vimos, há um movimento interno que faz surgir novas tarefas, que não estavam previstas. Tomemos como referência o requisito “propaganda”. No planejamento da equipe não foi previsto que a marcha seria homenageada na câmara de vereadores de um determinado município, porque esta iniciativa foi motivada pela própria marcha. O requisito da propaganda não se esgotou no planejamento feito antecipadamente, apareceram novas tarefas e mais lutadores deverão ser envolvidos. A esperteza política é que leva a interpretar as novas possibilidades que vão surgindo. Elas ampliam o alcance da ação.

Da mesma forma os elementos estruturantes sofrem modificações durante a execução das atividades, tendo em vista as mudanças de conjuntura, ambiente, correlação de forças etc. Assim devemos proceder e prestarmos atenção com todos os demais aspectos.

2.3. Ampliação da área de abrangência da ação

Sendo que o objetivo alcança-se na medida em que o método vai se implementando, é necessário prestar atenção nas demais possibilidades que vão aparecendo no caminho que podem atingir outros espaços não previstos. Logo, o objetivo de “sensibilizar a sociedade para a reforma agrária” ou por qualquer outro objetivo estabelecido, poderá se ampliar na medida em que as circunstâncias não podem ser previstas antes de se apresentarem as condições. Há casos típicos em que por onde passaram marchas dos Sem Terra e da Consulta Popular, que as pessoas despertaram para seus direitos, como o da moradia, por exemplo, e para isto decidiram ocupar uma área urbana para ter onde construir as suas casas. Neste caso o objetivo principal sofreu um acréscimo e foi além da sensibilização, promoveu e encorajou uma ação concreta. Significa que a área de abrangência da ação se ampliou sem ter sido previsto. Como colaborar e fortalecer estas iniciativas é que se tornam novos desafios.

É importante sempre formular perguntas sobre os diferentes aspectos possíveis: que abrangência pode ter esta ação? Que reações podem provocar estas ações?

De acordo com o caráter da ação, os objetivos e o meio com que ela se relaciona, facilmente descobrir-se-ão novas áreas de ações como: despertar novas lutas, ampliar as alianças, elevar o nível de consciência da sociedade, fortalecer mobilizações locais, enfim, podemos estabelecer novos objetivos de abrangência que esta ação pode desenvolver.

2.4. Bloqueios que vão aparecendo

Não são apenas as facilidades que o movimento das contradições revela, mas as também dificuldades se desprendem delas.

No do desenvolvimento das ações, pela lógica do seu próprio movimento interno, irão aparecendo bloqueios, originados pelo próprio movimento contraditório das forças. Os bloqueios são obstáculos que as forças contrárias colocam no caminho para dificultar e impedir o sucesso das ações.

Usando o exemplo da marcha, podemos considerar como bloqueio, a não aceitação das rádios locais a darem divulgação, ou de campanhas contrárias para que ninguém apóie com alimentos e com a própria participação.

Frente ao tipo e caráter de cada bloqueio, deve-se estabelecer uma forma de desbloqueio para que a ação tenha o alcance planejado.

Isto somente será possível fazer se os elementos estruturantes, de análise e domínio da realidade estiverem sempre presentes no decorrer da ação, como os dois eixos de um carro, que estão sempre onde o carro está. Isto porque é normal em meio a uma ação, somente pensar nas coisas práticas e menos nas análises e avaliações.

Em cada esquina há um aliado, mas também um inimigo. Assim como há pessoas que apóiam, há também os que são contra. Os lutadores triunfam mais facilmente quando os bloqueios deixam de ser surpresa.

2.5. Perspectivas novas que se abrem

Este movimento interno existente em cada ação e sempre aponta para as perspectivas novas, tanto positivas como negativas. Não se conseguindo interpretar corretamente as perspectivas que se abrem, pode-se chegar ao esgotamento da ação, perdendo-se

de alcançar o objetivo. Aos poucos, pode-se ir perdendo forças e acabar em nada. Neste caso o movimento regressivo é mais forte que o progressivo.

O término de uma ação deve despertar uma infinidade de outras ações, tanto internamente quanto no raio de influência externa.

Os objetivos por terem este dinamismo interno, apresentam também características utópicas onde jamais as alcançamos na totalidade, mas nos animam a seguir em frente.

É possível se prever o final das ações quando se estabelece o período de luta. Mas sempre ganha mais força o movimento que não estabelece final, mas que vê em cada ponto de chegada, um recomeço para outras ações.

Quanto mais um movimento se fecha em si próprio, menos perspectivas de avanços percebe. A soma das forças aliadas e não a sua divisão, é que enfraquece o inimigo.

3. DESVIOS POLÍTICOS QUE LEVAM A DERROTA

Nas ações concretas geralmente temos a tendência de prender-nos em detalhes e esquecemos o todo, principalmente quando se trata da realidade externa. Isto pode conduzir uma luta com possibilidades de ser vitoriosa á derrota, justamente porque as coisas sempre evoluem e retrocedem no seu movimento interno. Vence quem consegue interpretar e reorientar as táticas a qualquer momento. Vejamos alguns descuidos e desvios que levam á derrota.

3.1. Confundir instrumento e objetivo

Método e organização são instrumentos que se tem para alcançar o objetivo traçado. Quando se quer construir o instrumento, subordinando a ele o objetivo, nem o instrumento nem o objetivo serão alcançados.

Precisa-se de um instrumento forte para se alcançar um objetivo estratégico. Mas o objetivo a ser alcançado sempre deve estar acima do instrumento. O instrumento, como ferramenta, pode ser superado, ampliado ou substituído durante o percurso, enquanto que o objetivo permanece.

Muitos partidos políticos se perderam e fracassaram na história política mundial, por que o objetivo era construir, fortalecer e dar visibilidade ao instrumento e não alcançar o objetivo político. Por esses equívocos não se atingiu, nem um nem outro.

Tanto o objetivo como o instrumento deve servir como referência. O objetivo como referência futura e o instrumento como

referência imediata a quem se deve procurar para alcançar o objetivo estratégico. Sem ele as pessoas descobrirão que jamais poderão chegar onde pensaram chegar.

Este problema, portanto se equaciona assim: temos um objetivo a alcançar, agora necessitamos de um instrumento que nos leve até lá. O instrumento pode ser uma equipe, um setor, um movimento, um partido, uma frente, um exército, ou todos juntos reunidos na mesma intenção.

3.2. Dogmatizar formas organizativas

As formas organizativas geralmente são o resultado das concepções ideológicas que temos. Se as concepções são dogmáticas, as formas organizativas também serão dogmáticas e nem uma nem outra evoluirão.

O materialismo histórico é: movimento, desenvolvimento, criação permanente, por isso não pode ser transformado em dogma. Tudo evolui inclusive as concepções ideológicas, que para se manterem vivas devem ir assimilando os avanços que o movimento das contradições proporciona.

O dogmatismo equivale a uma pessoa idosa, que aprendeu um tipo de dança na juventude. Ao ver os jovens dançarem na atualidade, critica. Por não ter acompanhado o desenvolvimento da inovação dos ritmos, acha que todos os jovens estão errados.

As formas organizativas e os métodos de trabalho de base são como as sementes que só germinam de acordo com o clima e o tempo certo de plantio.

3.3. Confundir unidade com uniformidade

Consegue-se a unidade quando se respeita as opiniões e as submetemos à vontade da maioria, a isto chamamos de **centralismo democrático**, onde todos podem apresentar seus pontos de vista e disputá-los.

Na medida em que se toma a decisão deve prevalecer a vontade da maioria. Mas isto não significa que todos devem pensar igual, ou quem foi derrotado deve renegar as suas idéias. Isto seria um suicídio e cairíamos em uma ditadura, pois pode ser que em determinados aspectos a minoria tivesse razão, mas o momento não possibilitou que estas idéias fossem assimiladas pela maioria. Por isso a unidade é ter o direito de discordar, sem atrapalhar a organização das ações, obedecendo e submetendo-se sempre à vontade da maioria.

A uniformidade seria a proibição de discordar como se tivesse um único caminho para se chegar à verdade.

Por sermos humanos, temos idéias, opiniões, gostos, vontades, temperamentos, emoções, habilidades diferentes. No estratégico, portanto, temos rigidez na unidade; nas táticas temos flexibilidade, para que cada lutador e lutadora desperte em si a capacidade de criar. Na luta de classes a criatividade é a arma principal para derrotar os inimigos e esta luta deve ter muitas formas combinadas.

Se temos unidade em torno dos objetivos estratégicos, e humildade para reconhecer que a vontade da maioria é quem decide, as discordâncias sempre existirão, mas ficarão restritas à questões pontuais que o tempo as supera rapidamente.

3.4. Desvincular democracia de organicidade

Muitos exigem democracia até chegar a algum cargo dentro das instâncias, a partir daí jamais se preocupam com ela. Outros se satisfazem com a democracia dentro das instâncias simplesmente, pois acreditam que se os dirigentes participam, as bases estão representadas.

Preocupar-se com a democracia e não com a organicidade é ser antidemocrático por natureza, pois a organicidade é o elemento fundamental para que as bases possam participar, dando suas opiniões para que as instâncias tenham mais elementos para decidirem questões menores, e as bases possam contribuir na implementação das decisões encaminhadas pelas instâncias.

Organicidade, portanto, é a relação que deve ter uma parte com a outra da mesma organização. Embora as tarefas sejam diferentes, as partes têm a mesma importância, pois sem elas a responsabilidade das tarefas recaem sobre algumas delas. Se fossemos perguntar aos pneus traseiros de um caminhão, qual deles é mais importante, o de dentro ou o de fora? A resposta seria nenhum dos dois. Se um furar o peso cairá em dobro sobre o outro e poderá estourá-lo e interromper a viagem.

3.5. Conduzir o movimento em “linha reta”

Todo movimento de massas na história da humanidade caminhou por ondas. Ou seja, após longos períodos de luta e enfrentamentos, as massas retrocedem como que para recuperar as forças. Não significa que estão abandonando a luta, estão pedindo um tempo para respirar, olhar para frente e retomar a luta com mais força e determinação. Não compreender este dinamismo no movimento de massas é levar a organização ao fracasso.

É preciso saber quando se abrem novas perspectivas de lutas, como está o estado de ânimo das massas, para não empolgar-se e ficar isolados pelo desânimo ou cansaço das mesmas.

Embora se tenha que lutar até o fim para alcançar os objetivos, é preciso saber elaborar as táticas e combinar as formas de luta. Torna-se indispensável para crescer, saber combinar os dois movimentos: de avanço e recuo.

3.6. O princípio de direção coletiva sem preparo intelectual

Toda direção democrática deve funcionar de forma coletiva. Mas a direção para ser coletiva, deve ter domínio de conhecimentos e nível de consciência política elevada. Onde um apenas domina o conhecimento, concentrará também o poder em suas mãos, pois “saber é poder”.

Vendo de outra forma, a organização que ao invés de qualificar as instâncias, qualifica apenas um ou alguns líderes, corre o risco da destruição pelo subjetivismo, oportunismo ou pela repressão. Os ideais revolucionários não podem depender de uma só pessoa para serem defendidos e alcançados. Tudo deve ser obra coletiva mesmo que às vezes as habilidades individuais estejam em destaque.

Formar quadros significa incorporar os lutadores em os todos planos. Dirigir é tomar decisões, por isso é que se torna quase impossível formar quadros fora do espaço onde se tomam as decisões.

O preparo intelectual vem através dos conhecimentos. Não importa como os conhecimentos chegam até nós, importa que os assimilamos. Todo dirigente deve ser autodidata, ou didata de si mesmo. Buscar por conta própria o conhecimento. Daí é que a leitura que faz um dirigente é diferente das leituras que fazem os estudantes universitários. O dirigente estuda o que os problemas exigem, pois a prova que deve prestar é com a construção da história. Se este falhar, seus seguidores perderão o ano e talvez a vida.

3.7. A disciplina como simples obediência às normas

Toda organização deve ter normas, estatutos etc, que são critérios estabelecidos pelo conjunto da organização para serem observados por todos. Mas respeitar normas para provar que a “instituição” funciona é um crime contra a consciência e a criatividade dos seus lutadores. O mesmo ocorre quando as normas são cumpridas por medo de sofrer punição ou castigo.

A observância das normas deve ser consciente. Quem as está cumprindo, assumiu o objetivo a ser alcançado pela organização

como seu, por isso não reclama do sacrifício nem do esforço a mais e voluntário que deve empregar.

A diferença entre uma organização revolucionária e uma seita é fundamentalmente o aspecto do fazer de forma consciente, e o fazer de forma doutrinada. A primeira é dialética, a segunda é sectária.

Para se chegar à disciplina consciente deve-se buscar a formação da consciência. A disciplina neste sentido garantirá o princípio da unidade. Fazer por acreditar é diferente do fazer para cumprir com a obrigação. Após ter-se adquirido a consciência da disciplina não é difícil um lutador do povo manter a disciplina. Daí em diante o faz de forma natural, pois ela já se tornou parte de seu caráter. Difícil neste caso é deixar de ser disciplinado. A preocupação maior é não falhar, não esquecer do compromisso e estar sempre preocupado com a contagem regressiva do tempo em que se realizará a ação.

A disciplina também fortalece a convicção de respeito e do compromisso com os demais membros da organização e da sociedade.

3.8. Ignorar os valores culturais do povo

Existem muitos princípios científicos corretamente aplicados na realidade. Existem verdades já descobertas na convivência social que é perda de tempo discutir se são corretos ou não, e existem valores culturais de um povo ou apenas de grupos sociais, que embora parecendo “infantis” sobrevivem ao longo do tempo.

O materialismo dialético e histórico nada mais é do que a ciência da história em desenvolvimento. Significa dizer que o marxismo é uma ciência inesgotável que se “alimenta” da própria realidade para se desenvolver.

Vendo desta forma, o conhecimento somente será verdadeiro se partir sempre da realidade, buscando extrair dela os próprios elementos para a sua própria transformação. Por tanto, a condição objetiva da realidade não é apenas a parte do desenvolvimento das forças materiais, mas mesmo os elementos subjetivos, se tornam objetivos quando deles depende a transformação da realidade. Por isso o materialismo não é sinônimo de afastamento da cultura, da religião, da arte, da língua e dos costumes. Tudo isto faz parte da vida objetiva da sociedade, elas estarão juntas no processo de transformação.

Pode-se, com o decorrer do tempo ir agregando aspectos científicos, mas isto somente se conseguirá através da elevação do nível de consciência da sociedade.

No trabalho de base é fundamental compreender no que o povo acredita e por que acredita. Respeitar seus símbolos, crenças, valores e buscar através da reflexão dar-lhes novo conteúdo.

3.9. Usar uma linguagem maliciosa e “preconceituosa”

Existem pessoas que no intuito de serem modernos utilizam uma linguagem que dá margem ao preconceito.

Geralmente a classe trabalhadora possui um raciocínio associativo onde vai construindo imagens através das palavras ditas. Se a linguagem for direta, mas preconceituosa, as pessoas tendem a satirizar ou a retraírem-se, estabelecendo-se um bloqueio na participação.

A linguagem tem figuras e segue geralmente uma lógica de sujeito, tempo, e lugar. O exemplo mais típico é o gênero musical que modifica as atitudes das pessoas ao ouvi-las. Se a música é romântica, conduz a um comportamento melancólico, se for emotiva, conduz a um comportamento mais agitado. Ou se tomarmos como referência a música caipira onde o camponês silencia para ouvir a história que a música conta. Como exemplo poderíamos utilizar a letra da música “Chico Mineiro”. –“Fizemos a última viagem” (sujeito: “fizemos”. Tempo “última”) “Foi lá pro sertão de Goiás” (Lugar: “sertão de Goiás”) e assim por diante. Ignorar a questão da linguagem é causar problemas. É violentar a cultura e criar resistências de relacionamento entre os trabalhadores.

3.10. Não saber combinar atividade de direção com ação de massas

É fundamental evitar o assistencialismo no trabalho de massas, isto traz consequências graves para o futuro tanto na fragilidade da organização quanto para inibir o desenvolvimento da consciência política dos trabalhadores. O assistencialismo serve aos líderes personalistas por isso é prejudicial também para se confirmar o método de direção democrático e participativo. Por isso nunca se deve:

- negociar pelas massas
- resolver pelas massas
- decidir pelas massas
- adicalizar pelas massas, são formas de impedir o crescimento político ideológico da organização, e querer transformar o líder em figura mais importante que as instâncias e a própria organização.

4. ELEMENTOS QUE ANTECIPAM AS AÇÕES

Quando vamos definir uma ação, três elementos são fundamentais e devem orientar-nos para mantermos a linha política no caminho correto. Para tanto devemos observar a relação entre:

4.1. Coordenadores e coordenados

Qualquer que seja a atividade de grupo ou de massas, sempre deve haver internamente uma estrutura organizativa que estabeleça a função de cada parte, ou mais propriamente, que cada qual saiba “seu papel” dentro de cada atividade.

Esta estrutura é quem estabelece algumas responsabilidades para que o plano seja concretizado.

Desta forma é que se estabelece uma relação entre “coordenadores e coordenados”. Mesmo que se estabeleça o princípio da direção coletiva, sempre será necessário ter uma estrutura interna que distribua as funções como: coordenação, secretaria, animação etc.. Muitas vezes a tarefa de coordenar já está nas características de cada indivíduo. Pela experiência, a palavra de certas pessoas é como se tivesse mais força e por isso sempre se destaca mais que a dos outros. Logo, além de sabedoria, a tarefa de coordenar é uma arte que nem todos a dominam.

Dentro desta arte de coordenar temos três aspectos fundamentais:

1º Fixar objetivos e orientar sua realização

As coisas não acontecem pela simples vontade das pessoas. É preciso associar a vontade com planejamento. Mas não basta planejar, é preciso saber colocar as forças em movimento para que o planejamento se torne ação. Para se desencadear ações precisa-se orientação e acompanhamento permanente. Coordenar é ajudar a planejar, orientar o plano e vigiar para que as ações não saiam da linha estabelecida. Quando já se deu alguns passos, é preciso parar para avaliar o caminho já percorrido para que todos percebam o que já foi feito. Isto dá confiança e anima as forças em movimento.

2º Elevar o nível de consciência

Há momentos em que as dificuldades aumentam, a motivação diminui, e as pessoas perdem o estímulo para continuar lutando.

Como temos nas mesmas fileiras, coordenadores e coordenados, é preciso que ambos vejam as coisas a partir

do mesmo ponto de vista e comecem a ter as mesmas preocupações com os passos seguintes. Informações precisas e discussões coletivas evitam desavenças e mal entendidos, possibilitando segurança para seguir em frente.

O desenvolvimento da consciência é fundamental para se manter a unidade. Temos naturalmente a **consciência social** formada pela própria convivência da sociedade, mas esta se esgota quando os problemas para serem resolvidos dependem de disputa política. Neste momento é que se faz necessário à **consciência política**, que se manifesta através das formas organizativas, definição das táticas e estratégias para se conseguir transformações mais profundas, com a participação de mais pessoas que estejam além da categoria ou grupo específico.

A capacidade de explicar o que estamos fazendo e porque queremos chegar até determinado lugar, já significa que a consciência está adquirindo um novo conteúdo, isto fará com que o indivíduo passe da categoria de massa para a de lutador do povo e sinta que o projeto lhe pertence. Terá cada vez mais interesse de imprimir neste projeto suas características pessoais. Por isso dizemos que a organização é a imagem e semelhança de seus coordenadores.

3º Entender os limites e resistência das pessoas.

Todas as pessoas possuem qualidades que devem ser compreendidas para serem utilizadas no fortalecimento da luta, e colocá-las em lugares determinados. Mas as pessoas também tem limitações e resistências. Muitas vezes pode-se exigir sacrifício porque não há outro jeito, mas se houver não é justo sacrificar o povo, é preciso que isso seja consciente. Se é possível fazer uma manifestação com maiores condições que favoreçam os participantes, não se deve relaxar e fazer de qualquer jeito.

Há lutadores que possuem dificuldades pessoais e às vezes se afastam para cuidar delas, aparentando que estão abandonando a luta. Na verdade o que está acontecendo é que a distância onde se encontra o lutador e onde queremos que ele chegue, está tão longe, que este não suporta deixar para trás seus familiares, por isso prefere retroceder alguns passos para ficar com os seus, do que estar na linha de frente liderando as ações.

Outros tem habilidades e gosto para fazer algumas atividades, mas os colocamos em lugares impróprios, por isso não rendem como gostariam, e desanimam.

Há pessoas que podem lutar um dia e depois querem voltar para casa. Outros, uma semana; outros um mês; e há os que podem lutar o tempo todo. A questão não está no tempo em que se luta diretamente, mas sim no que cada um pode fazer para sustentar a luta o tempo inteiro. Desta maneira haverá lutadores em todos os lugares, porque a história não é feita apenas em um lugar só ou apenas no caminho por onde passam as marchas.

Quando há muitas pessoas fora da luta ou sem contribuir com ela, o problema não está nas massas desorganizadas, mas naqueles que ainda não aprenderam a motiva-las e organizá-las.

4.2. Consciência para desenvolver ações

Nunca se deve fazer por fazer. Devemos ter claro às razões para fazer conscientemente. É preciso entender que as pessoas que se dispõem a entrar na luta, são mais que simples seres humanos, que possuem mais do que braços e pernas para movimentar. Elas também tem cabeça e acima de tudo possuem sonhos, esperanças e acreditam que serão vencedoras. Por isso buscam na ação as condições fundamentais para alcançar estes objetivos.

A luta sem objetivos é um barco sem destino. Devemos eliminar dentre nós qualquer impulso mesquinho de radicalidade sem causa, para evitar o sacrifícios inúteis.

Encontramos na Arte da Guerra, livro de Sun Tzu muitas orientações para a luta, aqui queremos destacar esta que nos chama atenção. “Os guerreiros habilidosos de antigamente primeiro descobriam a situação dos inimigos, depois faziam planos para lidar com eles. O sucesso é garantido quando o inimigo atacado está nestas condições:

- Forças combatentes fatigadas.
- Suprimentos esgotados.
- O povo cheio de tristeza e amargura.
- Muita gente doente.
- Sem planejamento para o futuro.
- Equipamento em mau estado.

- Soldados sem treinamento.
- Reforços que não chegam.
- A noite cai quando ainda têm muito que caminhar.
- Os soldados estão exaustos.
- Os generais são insolentes e os oficiais desatenciosos.
- Esquecem-se de fazer preparativos.
- Ao avançar, não formam linha de combate, estas não são estáveis.
- São indisciplinados quando percorrem terreno acidentado.
- Existe discórdia entre combatentes e soldados.
- Tornam-se arrogantes quando vencem uma batalha.
- Há desordem nas fileiras, quando movimentam as linhas de combate.
- Os soldados estão cansados e propensos a disputas.
- O exército recebe provisões, mas o povo não come.
- Cada homem move-se por si só – uns vão na frente, outros ficam para trás...”

Portanto é preciso saber profundamente como estão nossas forças e as forças inimigas para desenvolvermos ações que desperdicem menos esforços e evitem sacrifícios além das necessidades.

4.3. Espírito de continuidade

Ter a habilidade de perceber que este movimento interno, que existe em todas as coisas, permanece e se alimenta pela vinculação com a história na busca de construir o futuro. São infinitas gerações anteriores que estão presentes através das pessoas organizadas.

Cada ato é o resultado de um movimento complexo que já se iniciou há muito tempo e tende a continuar reproduzindo-se em diferentes formas.

Esta arte de combinar as forças e aproveitar-se das diferentes contradições para dar-lhes maior qualidade, faz parte do espírito de continuidade na construção da própria história.

5. A ARTE DE DIRIGIR COM EFICIÊNCIA

Dirigir é saber combinar os diferentes meios colocando-os no momento certo a serviço dos objetivos estabelecidos. Esta arte deve levar em consideração diferentes aspectos da realidade.

5.1. Aproveitar as oportunidades

Existem condições que em determinados momentos que não nos deixam agir e devemos recuar. Em outros momentos pelas condições terem sido dadas, precisamos caminhar mais rapidamente para não perdermos a oportunidade.

Os antigos sábios diziam que “querer superar os inteligentes por meio da insensatez é contrário à ordem natural das coisas. Superar os insensatos por meio da inteligência está de acordo com a ordem natural das coisas. Entretanto, superar os inteligentes por meio da inteligência é uma questão de oportunidade”. Destacam que há três caminhos para a oportunidade: Acontecimentos, tendências e condições.

- Acontecimentos – Quando as oportunidades surgem através dos acontecimentos, mas não conseguimos agir, falta-nos **esperteza**.
- Tendências – Quando as oportunidades surgem através das tendências, mas não conseguimos fazer planos, falta-nos **Sabedoria**.
- Condições – Quando as oportunidades surgem através de condições, mas não agimos, falta-nos **Audácia**.
- Esperteza, sabedoria e audácia resumem a tarefa de dirigir aproveitando as oportunidades que a realidade nos oferece.

5.2. Conhecer suficientemente as pessoas

As pessoas reagem de diferentes formas obedecendo a determinados estímulos. Nem sempre o que aparenta ser, é. Existem pessoas que transparecem ser muito respeitadas, mas no fundo possuem um temperamento agressivo. Novamente recorreremos aos sábios, que achavam dentre todas as tarefas a mais árdua esta de entender as pessoas. Sun Tzu sistematizou em sete pontos as orientações para se levar em consideração no conhecimento das pessoas.

- 1 – Fazer-lhes perguntas sobre o que é certo ou errado para observar suas idéias.
- 2 – Esgotar todos os seus argumentos para ver como reagem.
- 3 – Consultá-las sobre estratégias para ver se são perceptivas.

- 4 – Anunciar que está havendo problemas para ver se são corajosas.
- 5 – Embebedá-las para observar sua natureza.
- 6 – Apresentar-lhes perspectivas de ganhos para ver se são modestas.
- 7 – Designar tarefas para serem cumpridas em um prazo específico, para ver se merecem confiança.

De qualquer forma estas questões servem como orientação, quando se tem dúvida de alguém, principalmente neste momento histórico em que as infiltrações dos serviços de informação oficiais são cada vez maiores.

5.3. Treinar a militância

“Fazer os soldados entrarem em um combate sem treinamento é o mesmo que abandoná-los”. “Ensine as pessoas comuns durante sete anos e estas também poderão ir para a guerra”, disse Mao Tse-tung. Ou seja, é preciso empregar tempo na preparação dos quadros e lutadores do povo.

Dirigir é capacitar os militantes para que tenham capacidade de desenvolver as atividades perfeitamente sem cometer graves erros.

É preciso ter a capacidade de, ao mesmo tempo em que multiplicamos conhecimentos, multiplicamos militantes que possam assumir tarefas diversas para o fortalecimento da organização.

5.4. Conhecer profundamente a realidade

Toda direção correta deve ser conduzida das massas para as massas. Mas esta massa se encontra dentro de um espaço geográfico e num tempo determinado. É preciso conhecer os caminhos por onde se anda e quais as dificuldades que encontraremos pela frente.

Não basta confiar apenas nas condições objetivas e subjetivas. A realidade é um emaranhado de condições e surpresas que a cada momento apresenta novas contradições. Além disso, existem outros fatores que dificilmente se consegue medir como: a vontade, o interesse, o grau de rebeldia, a persistência etc. Há pessoas desmotivadas que um simples discurso de um dirigente pode encorajá-las a lutar. Há outros que estão em luta, mas possuem pouca disposição de persistência que pode enganar os dirigentes.

As táticas devem ser determinadas de acordo com as novas condições que se apresentam. Em política, o que deve ser considerado não é apenas a existência de classes, mas fundamentalmente sua disposição de lutar por determinados interesses de classe.

5. 5. Saber ocupar espaços

Na história, ao mesmo tempo que vamos fechando espaços, vamos abrindo outros. Isto porque, em política não existem espaços vazios. É importante saber ocupá-los em todos os sentidos na vida política da sociedade. É preciso sempre compreender que as pessoas são centrais em tudo o que se faz, o que não serve a todos não é uma boa invenção, a não ser que isto tenha um caráter de classe que atenda a maioria.

Há espaços em todas as dimensões para serem ocupados. Quanto mais espaços forem ocupados, mais a organização se amplia.

O método de direção consiste em perceber os espaços a serem ocupados e orientar as bases para que os ocupe.

Para que isto ocorra é fundamental desenvolver na teoria da organização de cada área, o que significa este espaço e traçar os objetivos a serem alcançados. Através desta elaboração teórica se esclarece e ilumina o caminho a ser percorrido.

A teoria da organização deve contemplar todos os aspectos da vida política, social e humana. Cada ser humano carrega dentro de si vontades, paixões e expectativas. A organização política e social deve corresponder a tudo isto para que as pessoas ao participarem sintam-se bem e queiram continuar juntas na construção do projeto.

Para concluir, poderíamos dizer que o método é a competência de planejar a ocupação dos espaços políticos que as oportunidades oferecem.

Deixar de ocupá-los significa perder as oportunidades que a história oferece, e que às vezes pode levar muito tempo para se criarem as mesmas condições propícias para a transformação. É por isso que não acontecem revoluções todos os dias. As que triunfam, sabemos porque as vemos triunfar. As que são derrotadas, nascem fora do momento oportuno, e as que nunca vemos é porque perdeu-se a oportunidade histórica de impulsioná-las ou ainda não nasceram as oportunidades para a sua realização. Dirigir com atenção é a forma correta de perceber as oportunidades, elas estão sempre à beira do caminho que vamos construindo através do método de organização das massas.

Método se formula a partir das condições que a realidade apresenta. Não se pode ir a todo lugar com o mesmo método, pois este é apenas um instrumento que funciona como qualquer outro. Serve para algumas atividades, mas não serve para outras. Por isso,

a qualidade principal de um dirigente é formular métodos de trabalho.

O dogmatismo e o sectarismo não podem fazer parte de uma prática revolucionária, pois elas buscam repetir o tempo todo as mesmas coisas sem perceber as mudanças, fazendo crer que são as únicas verdades existentes, e afastam de si quem pensa diferente.

Da mesma forma, o personalismo, que acredita apenas em si mesmo desconsiderando os demais membros da organização, por mais capacidade que tenha um ser humano levará esta organização a derrota, pois os princípios e os conhecimentos revolucionários são patrimônios coletivos e somente se desenvolvem se coletivamente forem desenvolvidos e aplicados.

Cabe, portanto a cada um fazer a parte que lhes cabe, mas não custa ajudar a fazer a parte que cabe aos outros que possuem mais dificuldades, pois se trata da mesma organização.

Triunfar é apenas uma consequência da eficiência do trabalho de base e do método de direção.

IX. MÉTODO DE PLANEJAMENTO²

- Ademar Bogo -

² Texto de Ademar Bogo elaborado em 1999 para facilitar a elaboração de planejamentos no trabalho de base.

Para simplificar a definição sobre o método, podemos dizer que ele é o caminho que nos leva para um determinado fim estabelecido. Este fim estabelecido podemos chamá-lo de fim estratégico, que significa o objetivo final a ser alcançado a longo prazo.

Não existem métodos permanentes que se possa utilizar sem alteração, a todo momento aparecem novos elementos, tendo em vista que a realidade é dialética, e por isso os métodos não podem ser transplantados mecanicamente. A realidade é dialética e dinâmica. Muitos elementos que usamos em um determinado momento já não se adaptam no momento seguinte, por isso é que uma das principais qualidades de um dirigente é a de saber formular métodos de acordo com a realidade concreta para poder transformá-la. Quanto maior for a capacidade de alguém formular métodos de trabalho, maior será a sua capacidade de intervenção na transformação da realidade.

Podemos destacar alguns elementos, que são fundamentais na formulação dos métodos de planejamento e avançar para fazer exercícios concretos para ilustrarmos nossa discussão. Estes apenas indicam o roteiro básico que devemos seguir.

1. Identificação do problema ou desafio

O ponto de partida sempre é a identificação do problema de forma ainda muito genérica. Por exemplo: estamos em uma reunião e em um determinado momento alguém diz: “*As famílias que estão no acampamento querem ocupar*”. Está colocado o problema. Mas este ainda se manifesta de forma genérica, pois não se avaliou se há condições nem mesmo se estabeleceu quando se deve ocupar.

2. Análise do problema

Após ter sido apresentado o problema, deve-se fazer uma profunda análise, tanto dos aspectos internos que estão motivando a ocupação, quanto dos aspectos externos que envolverão outros elementos que entrarão em contradições com outras forças. Isso tudo determinará se é possível avançar ou recuar. Muitas vezes uma simples ocupação obriga-nos a fazer uma análise de conjuntura nacional para sabermos com clareza se aquela ação cabe naquele momento.

3. A decisão

Após ter analisado profundamente o problema e a realidade que o cerca, levando em consideração todas as forças a favor e contra, vem a tomada de decisão, que visa resolver o problema através de determinada ação. Como está não pode ficar e o fato

específico deve ser visto através do seu **movimento histórico**, tanto do ponto de vista do passado quanto do ponto de vista do futuro. É preciso intervir para não deixar que as alternativas apareçam espontaneamente e sejam feitas sem direção.

Vendo as coisas através do seu **movimento interno**, podemos intervir sobre a realidade para direcionar este mesmo movimento. Por exemplo, uma fruta madura tem seu movimento interno, pois se desenvolveu e amadureceu, agora o movimento interno será naturalmente de deterioração para liberar as sementes. Mas se quisermos podemos intervir e direcionar este movimento, abrindo a fruta e liberando as sementes através da força ou congelando a fruta, atrasando sua deterioração. Assim são com as ações sociais. Precisamos interpretar qual é o movimento interno que existe em cada situação.

4. Planejamento da ação

A partir da análise, observando o movimento da realidade e o rumo que se pretende dar a ela, é obrigatório planejar esta intervenção.

Esta intervenção não pode ser feita de forma isolada, pois como vimos anteriormente, as coisas se desenvolvem a partir do seu movimento interno, por isso elas jamais chegam ao ponto final, por isso sempre devemos iniciar pela definição do objetivo que temos a alcançar, este se coloca para nós, após ter sido estabelecido, como **meta**. Junto com o objetivo político, devemos quantificar a meta, para que ambos sejam **concretos**.

Para que o planejamento seja eficiente é importante seguir os seguintes passos:

1º) Definição dos objetivos

Após termos colocado o problema, analisado o mesmo e tomado a decisão de que devemos intervir na realidade fazendo determinada ação, para que o planejamento seja perfeito, devemos estabelecer um ou alguns objetivos que se queira alcançar, pois estes objetivos nos exigirão os meios ou requisitos para sua realização.

Tomemos como exemplo um assentamento onde haja dezenas de crianças sem escola. Na reunião, provavelmente o problema se apresenta da seguinte forma:

- a) **Problema:** no assentamento Paulo Freire existem 100 crianças sem escola.

b) **Análise do problema:** o INCRA e a prefeitura até o momento não fizeram nada para resolver o problema. Pelo visto neste ano não farão mais nada e por eles as crianças ficam sem estudar, pois educação não faz parte de suas prioridades.

A análise indicará as razões porque não há escola e também o caminho a ser seguido para se conseguir escola.

Imaginemos então que uma das razões que a análise indicará como central, é que não existe escola porque os pais agem do mesmo jeito que o Estado: não veem a educação como prioridade; estão completamente desorganizados e divididos.

c) **Decisão:** A direção decide ela mesma construir a escola e colocar as crianças para estudar. (veja: o movimento interno natural é as crianças ficarem sem escola. A decisão visa intervir na realidade direcionando esse movimento para os rumos que apontam nossos objetivos. No caso de não se ter este objetivo principal, deve-se estabelecê-lo para saber onde queremos chegar). Por isso a decisão já estabelece o que irá ser feito como intervenção principal definindo inclusive a meta: Construiremos uma escola para 100 crianças, em 60 dias e a colocaremos em funcionamento.

d) **Estabelecer os objetivos que queremos alcançar com esta ação.**

Como a análise já apresentou várias razões porque não temos escola no assentamento e a decisão foi a de construir a escola para que as crianças não percam o ano, se torna necessário estabelecer alguns objetivos para que a ação (construção da escola) não fique isolada.

Quais são estes objetivos?

Aqui dependerá da capacidade de quem está planejando, pois estes objetivos já podem ser sistematizados durante a análise anterior.

É importante destacar que quanto mais objetivos forem estabelecidos maior será o número de tarefas que teremos a desenvolver.

Como exemplo podemos destacar alguns objetivos a serem alcançados:

- a) Dar condições de estudo para 100 crianças do assentamento;
- b) Organizar os pais em uma associação.

Estes objetivos devem ser alcançados até o dia estabelecido como meta (já temos a meta, tempo e quantidade definidas). Suponhamos que estamos no mês de janeiro, faltando portanto 2 meses para o primeiro dia de aula.

Logo, é importante perceber que cada item citado nos objetivos, dependem de determinadas tarefas para que sejam alcançados. Por isso os objetivos devem sempre ser concretos.

2º) Requisitos básicos para assegurar o cumprimento das metas

Os requisitos dizem respeito a tudo aquilo que necessitamos ter garantido até o dia 30 de março para que os objetivos da ação se concretizem. No caso específico traçado pelos objetivos anteriores, temos que ter: a) a escola construída e com condições de funcionar; b) a associação dos pais montada para a primeira assembléia. No dia, tudo deve estar no lugar conforme planejado.

Neste sentido, é importante perceber a abrangência dos objetivos, eles é que determinarão o que deverá ser feito.

Os objetivos devem ser tomados em separado e elencados os requisitos que compete a cada um para que seja alcançado até o dia estabelecido.

Objetivo a : Dar condições de estudo para 100 crianças do assentamento.

(O que precisamos garantir antecipadamente para que no dia 30 de março este objetivo se concretize?)

Precisamos ter no dia 30 de março:

- *Escola construída;*
- *Cadeiras e mesas no local;*
- *Quadro negro e giz no local;*
- *Filtro d'água funcionando;*
- *Banheiros funcionando;*
- *Cozinha montada e funcionando com alimentação;*
- *Material didático arranjado;*
- *Professores contratados;*
- *Plano de aula constituído;*
- *Cerimônia de abertura preparada;*

- *Divulgação e articulação feita;*
- *Convites distribuídos;*
- *Alunos matriculados;*
- *Bandeiras do Brasil e do MST no local, l com mastro;*
- *Campainha funcionando;*
- *Salas e ruas ornamentadas;*
- *Avaliações feitas.*

Assim, dependendo do local, pode-se ter necessidade de tantas outras coisas, mas é preciso estar atentos para todas as necessidades, para que no momento da inauguração não venha a faltar nada que possa prejudicar o cumprimento da meta. Estes requisitos portanto, são tudo o que precisa estar garantido no dia da avaliação final.

Estes requisitos após terem sido elencados, necessariamente dependerão de distribuição de tarefas para que possam ser realizados.

3º) Distribuição de Tarefas

Para cada requisito, que devemos ter conseguido no dia do cumprimento da meta, deve ter responsáveis específicos para implementarem. Deve-se constituir uma **Coordenação Geral** que possa ter o controle da situação geral, mas deve-se buscar distribuir o máximo de tarefas para envolver o máximo de pessoas que tenham liberdade de ação em cada área.

Vejamos então alguns exemplos sobre os requisitos:

- Escola construída

Para se cumprir esta tarefa, deve-se relacionar agora tudo o que é necessário para se construir a escola, que dependerá novamente da subdivisão de tarefas dentro da tarefa específica.

O que é necessário garantir para construir a Escola?

- *Fazer uma planta;*
- *Preparar o terreno;*
- *Conseguir materiais (tijolos, areia, cimento, pregos, madeira, telhado, etc...);*
- *Fazer portas e janelas;*
- *Arranjar pedreiros e carpinteiros e assim por diante;*
- *Orçamento para adquirir todo o material e pagar serviços.*

Para cada item destes, que dizem respeito somente a construção da escola, demanda o envolvimento de outras pessoas que possam contribuir para o cumprimento das metas. Por isso deve-se criar subcomissões de acordo com as necessidades apresentadas. Assim um a um os requisitos devem ser planejados e responsabilizar pessoas para executá-los.

Feito isto, toma-se o segundo objetivo (organizar uma associação com os pais dos alunos) e segue-se os mesmos passos distribuindo as tarefas para outras pessoas.

4º) Avaliações Gerais e de cada Equipe

O grupo coordenador deve estabelecer um calendário de avaliação e de acompanhamento periódico para que se saiba avaliar no conjunto como estão as atividades, onde é necessário mais reforço, ou então encaminhar as novas atividades que vão surgindo durante o período de execução das metas específicas.

Cada equipe que assumiu cada um dos requisitos, deve fazer um planejamento específico, com prazos e metas e estabelecer seu próprio calendário de avaliação para saber se todos estão desenvolvendo suas tarefas.

Nisto consiste o Método de Direção. A multiplicação de militantes virá de acordo com a capacidade dos dirigentes distribuírem tarefas. Os que gostam de centralizar, procurarão trabalhar sozinhos e com certeza, não atingirão as metas estabelecidas, pois sempre faltará alguma coisa, tendo em vista a sobrecarga de trabalho, mas como também não avaliarão, não perceberão que tudo poderia ser melhor.

Por isso, o importante aqui não é entender o método, e no exercício do estudo sair na frente demonstrando que sabe fazer tudo; o importante é se dar conta de que é preciso modificar a prática concreta, para se chegar a ter uma prática eficiente, multiplicar enormemente a militância.

Retomando o que Mao Tse-tung disse: *“As qualidades fundamentais de um dirigente é elaborar métodos de trabalho e saber colocar os quadros”*.

Que isto seja nosso propósito, para modificarmos não só os métodos de direção, mas avançarmos no melhoramento da estrutura orgânica de nosso Movimento.



X.

COMO FAZER UMA REUNIÃO³

³ Texto de Ademar Bogo elaborado no ano 2000 para facilitar a realização das reuniões.

É normal nos depararmos com uma situação, em que não sabemos mais como seguir em frente em uma reunião. Isto ocorre por diferentes razões que podem estar na deficiência de preparação, na colocação dos assuntos sem a definição de objetivos claros, ou até mesmo por ser o coordenador de baixa capacidade e não conseguir dinamizar a reunião.

Neste sentido é que se torna importante, sempre que alguém convocar ou coordenar uma reunião, deve, além de preparar-se, convocar outras pessoas para ajuda-lo.

Para que uma reunião alcance êxitos devemos nos propor a entender três aspectos: o que é, como se prepara e como se conduz uma reunião.

1. O QUE É UMA REUNIÃO

A reunião é um momento onde um grupo se encontra para discutir, avaliar e tomar decisões. Isto se quisermos tratar apenas do aspecto racional da organização e do ser humano.

Se quisermos valorizar de fato as pessoas que compõe o grupo e a organização, devemos considerar outras dimensões da vida humana que procuram através da reunião, buscar satisfações para os aspectos que não dizem respeito simplesmente ao lado político, mas também sentimental, emotivo etc.

Muitos militantes e dirigentes acreditam que a reunião se resume na parte do encontro e discussão dos pontos previstos, mas se enganam profundamente. Isto porque, para se fazer uma reunião de duas horas, provavelmente se necessite trabalhar cinco e até dez vez mais na sua preparação. Há estudiosos que afirmam que as razões para uma boa reunião se encontram: 50% no que se faz antes dela começar. Mais um percentual de 30% cabe ao bom coordenador e apenas 20% está sob responsabilidade dos participantes, para que a reunião seja de fato um sucesso.

Poderíamos destacar sete linhas específicas para que se faça uma boa reunião.

- Definir os objetivos da reunião e preparar a pauta
- Convocar antecipadamente os participantes
- Preparar o local que sempre deve ser confortável, de fácil acesso e que cause boa impressão.
- Prever o horário certo de iniciar e de terminar evitando desgastes

- O coordenador deve manter a ordem dos pontos a serem discutidos e dar oportunidade a todos para emitirem sua opinião dentro do prazo estabelecido.
- Encaminhar corretamente as definições com distribuição de tarefas
- Avaliar o desempenho para saber o que se deve melhorar.

2. COMO SE PREPARA UMA REUNIÃO

A reunião para ser bem realizada precisa ser preparada com antecedência. Não basta marcar a data da reunião na agenda e ficar a espera de que chegue o dia e o horário marcado.

Reunir uma equipe de preparação

A equipe de preparação será responsável e a garantia de que a reunião sairá bem feita. Para isto deverá seguir determinados passos.

1º Retomar ou definir os objetivos a serem alcançados com a reunião.

Não podemos entrar em uma reunião sem termos clareza do que queremos alcançar com ela, embora muitas vezes o resultado alcançado seja diferente do que pensamos, mas o importante é chegarmos a um resultado concreto. Poderíamos dizer que temos dois tipos de objetivos em cada reunião: o primeiro podemos chamar de **objetivos gerais** que são amplos e atendem as linhas políticas da organização. O segundo, podemos chamar de **objetivos específicos** que são aqueles determinados pela reunião ou para cada ponto de pauta.

2º Preparar a pauta da reunião.

A pauta nada mais é do que o alinhamento dos pontos que queremos discutir com todos os itens, de preferência com os objetivos a serem alcançados e a metodologia a ser utilizada para se fazer a discussão e aprovação de cada ponto, inclusive com tempo determinado.

Sempre deve-se prever um espaço para que os presentes na reunião possam acrescentar algum assunto que por ventura não se possa adiar. Isto é feito no momento da apresentação da pauta.

3º Definir data, local e as equipes de trabalho

Definido a data, deve-se pensar no local que seja de fácil acesso e tenha condições adequadas para se fazer uma boa

reunião. Não precisa ser um lugar luxuoso, é importante que seja confortável ou pelo menos que tenha as condições mínimas, como: bancos para sentar, sala ou local ventilado, banheiros próximos, luz, se a reunião for à noite, água potável para beber etc.

Visto isto, deve-se pensar nas equipes que irão contribuir para a realização da reunião. Para isto é necessário distribuir tarefas entre todos. Inicia-se pelo estabelecimento das tarefas:

- a) Confecção e distribuição dos convites
- b) Impressão da pauta e demais materiais
- c) Ornamentação e preparação do local
- d) Animação da reunião
- e) Alimentação, hospedagem, lanches no caso da reunião ser prolongada
- f) Segurança para garantir tranquilidade aos participantes.
- g) Recepção e transporte, se necessitar
- h) Contatos com assessorias, se precisar e acompanhá-las
- i) Preparação de pastas e materiais didáticos, se necessitar, dependendo do caráter da reunião se é mais de estudo ou de decisões práticas.
- j) Definição de quem irá coordenar e secretariar a reunião. Nas reuniões rápidas que impossibilita esta preparação, deve-se como primeiro passo, definir quem coordenará a reunião.

Para cada atividade destas citadas ou outras que necessariamente surgirão, deve-se responsabilizar pessoas ou equipes para realizá-las, quanto mais distribuirmos às tarefas, maior será a participação e a capacitação das pessoas envolvidas.

3. COMO REALIZAR UMA REUNIÃO

A reunião como vimos tem diferentes momentos. Podemos dizer que ela já inicia no momento da definição dos objetivos, muito tempo antes das pessoas se encontrarem sentadas em uma sala ou em outro lugar.

A realização da reunião trata-se deste momento do agrupamento das pessoas em um lugar determinado. Para facilitar a explicação deste momento separamos por passos.

1º Recepcionar as pessoas

Geralmente as pessoas não chegam todas no mesmo momento, vão chegando aos poucos. Sendo um grupo conhecido, não há problema, pois as pessoas espontaneamente irão encontrar formas de integrarem-se e utilizar o tempo, enquanto aguardam o início da reunião. Mas se for um grupo de pessoas estranhas ainda não há um relacionamento franco, é natural que fiquem dispersas, por isso é importante que se constitua uma equipe para recepcioná-las e dar atenção antes de iniciar a reunião.

2º Fazer a abertura da reunião

A abertura deve ser uma cerimônia previamente preparada que se adapte ao ambiente e ao número de pessoas que participarão da reunião. Muitos classificam este momento como de mística, ou seja, é uma forma de trazer presente aspectos da realidade e da utopia que todos possam observar e sintonizar os sentidos em busca da unidade e da antecipação dos aspectos estratégicos que queremos alcançar.

A abertura pode seguir a seguinte divisão:

a) Animação inicial e mística

é o momento forte da abertura onde se movem os sentimentos e destaca-se o valor da alegria com o fundamental. Pode-se homenagear lideranças ou mártires, cantar o hino da organização ou o hino Nacional Brasileiro.

b) – Apresentação dos objetivos da reunião

Neste momento é que são apresentados os objetivos da reunião. Se for uma reunião grande, deve-se pensar em compor mesa com diferentes pessoas, possivelmente hajam lideranças de outras organizações que poderiam utilizar a palavra. No caso de ser reuniões pequenas, basta que alguém faça a explicação rápida dos objetivos da reunião.

c) – Apresentação dos presentes

Se na reunião tivermos pessoas que não se conhecem é importante reservar um momento para que todos possam dizer seus nomes, de onde vêm e o que fazem para tranquilizar e também para se criar uma identidade afetiva no grupo.

Se as reuniões são de pessoas conhecidas, pode-se reservar este momento para destacar aspectos das virtudes que cada um tem, do que gosta de fazer, do que fez durante a semana, expressar o que cada um vê no símbolo colocado à frente, declamar poesias espontaneamente, cantar, enfim, destacar qualidades das pessoas. Há grupos que se reúnem há anos e as pessoas não se conhecem e se espantam quando por ventura vêem algum membro despontar em uma atividade, pois ninguém acreditava ou não havia se dado conta destas qualidades escondidas.

3º Preparação e início das discussões

Após ter-se feito esta sessão de abertura, mais prolongada ou menos, de acordo com o caráter da reunião, dá-se início aos encaminhamentos para se fazer às discussões.

a) Apresentação dos pontos a serem discutidos

Isto somente pode acontecer se já tivermos coordenador escolhido e a pauta elaborada. Caso contrário deve-se escolher o coordenador e secretário e alinhar os pontos que serão discutidos.

A forma de apresentar os pontos de pauta, depende da capacidade e iniciativa do coordenador. Pode ser através da leitura dos pontos que estão impressos em uma folha, pode ser através de cartazes ou outras formas, o importante é fazer com que todos entendam o que vai ser discutido.

Aprovar a pauta, prever o tempo para cada ponto, e definir o horário do término da reunião.

O coordenador pode fazer algumas combinações com os presentes ou pedir para que os responsáveis pela segurança o façam, como horários, disciplina, cuidados e demais orientações.

4º Colocação para debate de cada ponto

O coordenador tem a tarefa de apresentar o ponto juntamente com os objetivos que se queira alcançar com esta discussão, estabelecer a forma metodológica da discussão, se será em plenária ou em grupos ou de outras formas. E inicia obedecendo a seguinte ordem.

a) Abre a discussão

Orienta para que as falas sejam feitas por ordem de inscrição limitando o tempo se for necessário.

O coordenador deve ficar atento para anotar as propostas de encaminhamentos que já vão sendo colocadas durante as falas.

b) Colocação e aprovação das propostas

Esgotado o tempo de discussão do ponto específico, o coordenador intervém colocando as propostas de encaminhamentos expressas por quem as colocou. Se são contraditórias, deve pedir para que os respectivos responsáveis esclareçam mais sobre o que significam e, na medida que estiver claro, coloca em aprovação; permanecendo a vontade da maioria. No caso de serem complementares, as propostas, o coordenador deve ter a habilidade de reunir em uma só, e encaminhar.

c) Distribuição das tarefas

Toda discussão deve dirigir-se para encaminhamentos concretos, e estes encaminhamentos exigem definições de atividades que poderão dar início a um novo planejamento ou então a simples execução de uma tarefa encerra o ciclo deste ponto da reunião. Podemos usar como exemplo: se a discussão concluir que se deve fazer uma mobilização de massas, significa que há necessidade de elaborar um plano com detalhes para que a mobilização aconteça, isto pode ser iniciado na reunião como também delegar para um grupo, elaborar o plano para ser discutido em uma próxima reunião. Mas se a discussão encaminhou para o fechamento do assunto, como por exemplo: pagar o aluguel da sede. É somente definir quem irá efetuar o pagamento.

Assim se procede com todos os pontos. Um a um ir sendo eliminado com os encaminhamentos devidos e com a distribuição das tarefas.

5º – Fechamento da reunião

Para encerrar a reunião é importante que o coordenador estabeleça a seguinte ordem para que se tenha possibilidade de saber se a reunião valeu a pena.

a) Solicitar ao secretário que leia as conclusões

O secretário deve retomar os pontos, relatar as conclusões alcançadas e os responsáveis pelas tarefas. A forma de destaque das conclusões o coordenador pode estabelecer se é através de aplausos ou através de uma palavra de ordem etc.

O coordenador deve observar se os objetivos estão sendo atingidos e alertar os participantes para que também observe este aspecto.

b) Avaliar a reunião

Pode-se reservar um breve momento para avaliar a reunião e recolher sugestões para a próxima.

c) Marcar a próxima reunião

Sendo um grupo organizado deve-se prever no caso de não se ter um calendário definido, a data e local da próxima reunião, ou então, alertar que será feito um convite posteriormente para que todos possam voltar a se reunir.

d) Encerrar a reunião

Sempre deve haver o encerramento da reunião. Este deve ser alegre e por isso a pessoa ou equipe encarregada deve assumir o comando de encerrar a reunião. Podendo entregar lembranças para cada participantes, cantar hinos, prever falas e discursos etc.

Uma reunião, na medida em que vai encerrando, é importante que deixe uma sensação de saudade em seus participantes para que sintam vontade de retornar na próxima.

XI.

O PAPEL DA FORMAÇÃO NO TRABALHO DE BASE⁴

⁴ Texto de Ademar Bogo, elaborado em Novembro de 2001 por ocasião da reunião do coletivo nacional de formação em Aracaju, Sergipe.

Trabalho de base é o que se faz na organização e na formação da consciência da militância e da massa. Por sua vez a formação (**forma de ação**) é aquilo que dá forma e consistência ao trabalho de base.

A base faz parte da estrutura que sustenta a organização, ela é quem acumula a força e carrega a consciência da mudança. Nela se firma a direção como complemento.

O rio é um bom exemplo para verificarmos esta relação. Somente a água não faz o rio, ele precisa do leito e das margens para que possam sustentar e canalizar a energia da grande quantidade de “massa” que é a água. A água em movimento, por sua vez, se encarrega de ligar o perto e o distante, o passado e o futuro, em busca do próprio destino.

Assim como as enchentes arrastam e fazem as mudanças inesperadas, quem faz as transformações sociais e políticas são as massas e em movimento.

O rio perfeito é aquele que tem água corrente; o leito e as margens consistentes, que não se deformam com a passagem das águas, caso contrário ele deixa de ser rio e transforma-se em uma lagoa, deixando escapar a água para todos os lados.

Portanto, as águas do rio, mesmo sendo massa “inconsciente”, têm causa. Seu objetivo é chegar ao mar. Alimenta suas intenções com a força da velocidade das águas.

Este trajeto somente será possível se houver combinação íntima de esforços entre as margens e a água ou a base e a massa. Se a função da água é carregar a causa para chegar ao mar, a função das margens e do leito é dirigir e sustentar o peso da responsabilidade desta causa, evitando que as águas se dispersem e se desviem do destino. Por isso a importância que tem as águas para formar o rio, também tem as margens e o leito. Sem as margens não existe rio, embora haja enormes quantidades de água. Onde há muita água, mas as margens são frágeis, ela se dispersa e o rio perde a forma e a identidade.

É importante compreender que, a massa como as águas do rio sempre aparecem, dá para ver seu volume e beleza. A base como as margens do rio, aparecem em parte, mas todos sabem que elas estão ali, por isso o rio é que o rio tem forma e a organização também. Quando as águas baixam demais, por alguma razão, as margens aparecem, ficam ociosas e secando ao sol. Perdem sua função, pois lhes falta a água para conduzir. Nelas nascem ervas ou simplesmente desbarrancam deformando a maneira de ser.

As águas perdem a força quando as margens do rio ocupam seu lugar, é o que se chama de “assoreamento” causado pela erosão. Aí as águas desaparecem, e o rio perde sua força, vira areia. Sinal que em uma organização a base não pode tomar o lugar das massas. Quando a base aparece demais é porque a massa está indo embora e acontece o “assoreamento” político, a organização perde a sua força.

As margens e o leito do rio orientam, estimulam, animam para que as águas andem mais rápido nas cachoeiras e, organizam seu descanso, na formação dos remansos.

Mas há um detalhe misterioso nesta relação, pois quem faz as margens são as águas em movimento, corroendo as barrancas quando precisam de mais espaço e buscam os declíveis quando querem andar mais rápido. Se as águas não se movem para rasgar a terra, e com sua força fazer as margens, elas jamais se formarão. Nesta relação, uma parte dá forma á outra e o resultado deste esforço combinado é o rio corrente e vitorioso. Há lugares que o rio fica mais estreito, é o egoísmo das margens que espremam as águas roubando-lhes a liberdade.

No trabalho de base, ao mesmo tempo em que a base organiza, estimula e dá forma ao movimento de massas, se forma a si próprio. As massas por terem a consciência menos desenvolvida vêm as coisas com simplicidade. Encontram respostas imediatas para tudo, como as águas que buscam os declíveis, sem saber que às vezes precisarão dar grandes voltas para avançar alguns poucos metros. Mas o segredo está em que elas dão muitas voltas, mas jamais aceitam voltar atrás.

Esta relação é que vamos tentar compreender para orientar o papel da formação da consciência no trabalho de base.

1. A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

O objetivo principal da formação política ideológica é elevar o nível de consciência das pessoas que se relacionam através de intenções comuns que se transformam em causa política estratégica.

Antes de entrar em uma organização, o ser social tem sua consciência formada pelas relações sociais outrora estabelecidas. Se as relações sociais se deram também através da prática política, a consciência terá um desenvolvimento baseado nessas relações. Se o ser social teve as suas relações sociais estabelecidas e norteadas pelas necessidades imediatas, terá a consciência desenvolvida pela mediação das coisas mediatas.

O mundo da análise estratégica é diferente do mundo da análise das necessidades imediatas. Enquanto o primeiro investiga as razões que provocam as causas dos problemas, o segundo se apega às suas conseqüências.

A formação que possibilita fazer análises profundas da realidade eleva a consciência para o nível superior. A visão imediata apenas, mantém a consciência no nível inferior.

Ambos os níveis estão presentes quando se desenvolve a luta de classes por um movimento de massas. Um movimento de massas não pode ser de quadros, ou só de pessoas conscientes, porque as massas têm por natureza a consciência limitada, desenvolvida até o nível inferior, com vislumbres de consciência do nível superior alcançada pelos militantes que se dedicaram também ao estudo.

Por esta visão é que se torna necessário compreender a idéia de Ernesto Che Guevara, que denomina os quadros de “*coluna vertebral*” da organização. De acordo com a proporção de massa que tem o corpo, deve haver uma estrutura resistente em forma de coluna vertebral para poder movê-la. Dentro do movimento de massas é preciso ter uma estrutura que garanta sua sustentação, a qual chamamos de organização de massa, sendo a aglutinação da militância que serve de base, ou coluna vertebral da mesma.

A função da consciência no seu nível superior é formular reivindicações de longo alcance e colocar as forças na direção de alcançá-las. A consciência no seu nível inferior, conduz para reivindicações de curto alcance.

O papel da formação é mergulhar no nível inferior da consciência das massas e a partir daí elevá-la para o nível superior através das formas de consciência que estão relacionadas com temas ou áreas do conhecimento e da prática.

As formas de consciência são múltiplas e nunca se esgotam. Quanto mais evolui a consciência das pessoas, mais elas sentem a necessidade do conhecimento. O conhecimento é o alimento do nível superior de consciência.

A má formação do nível superior da consciência se localiza no desenvolvimento desmesurado das formas de consciência. Por exemplo, um militante político, que compõe a base da organização, com alta capacidade de análise do capitalismo e do imperialismo, compreende a relação de exploração entre as classes e luta ferrenhamente para alcançar novas conquistas, mas é altamente indisciplinado. Significa que a consciência em sua forma política está bem desenvolvida, mas o mesmo não se pode dizer da forma

de consciência disciplinar. O mesmo pode ocorrer com um trabalhador Sem Terra que entrega a própria vida para defender a vida de sua família, mas em sua roça joga veneno matando milhares de vidas que estão no solo. É sinal que a sua consciência ecológica está subdesenvolvida.

Nas formas de consciência subdesenvolvidas é que se localizam os vícios e os desvios que a formação como ação política e reflexiva deve buscar compreender para ajudar o militante a compreender-se e a esforçar-se para eliminá-los. Esta descoberta deve nos levar a relativizar os planos de formação para que não se tornem “dogmas”. Nem sempre os mesmos conteúdos e os mesmos métodos são úteis para turmas diferentes. É preciso descobrir quais os temas importantes para aquele momento, para desenvolver as formas de consciência que estão sendo necessárias para impulsionar o avanço da organização.

Uma questão nos intriga. Porque as pessoas têm dificuldade em organizar a cooperação nos assentamentos, se é tão fácil de organizá-la na indústria?

A cooperação na agricultura é diferente da cooperação na indústria, porque diferentes são os meios que motivam a sua organização. Na indústria, o meio é o salário e não o produto, por isso o operário se aliena facilmente do produto que ele mesmo produz. Na agricultura é diferente; o trabalhador recebe segundo a quantidade de produto ou o equivalente a parte da produção, o produto está vinculado ao seu produtor que ele pode, dependendo do nível de cooperação, produzir sozinho. Logo, o mesmo produto pode ser produzido individualmente e comercializado em separado. Então a cooperação na agricultura depende não apenas do incentivo material, mas também da elevação da forma de consciência correspondente à cooperação. A consciência e a estrutura que se monta para desenvolver a cooperação, são dois elementos que definem se ela terá vida longa ou não.

Para que a massa abrace a cooperação, os quadros precisam tê-la estampada em sua consciência. A massa, pela confiança, abraça o militante antes de abraçar a cooperação. A formação precisa saber quais são os desafios do movimento de massas para atuar no desenvolvimento das consciências.

As relações sociais fazem parte do trabalho de base. Por relações sociais entendemos todas as necessidades materiais e espirituais que tem um ser humano. O trabalho de base eficiente é aquele em que faz o indivíduo se sentir bem com as relações que

estabelece na coletividade. O indivíduo deve sentir que está em um processo de reconstrução e depende das mãos dos outros para edificar essa obra em si. Por isso, formar é como cultivar. Então a formação não pode confundir-se com apenas cursos. Os momentos de convivência nos cursos devem se aproximar ao máximo da realidade de onde vêm e para onde deverão voltar os militantes, caso contrário é como substituir a ciência pela ficção. Por isso os cursos são organização, teoria, trabalho e convivência. Caso contrário o princípio prática-teoria-prática, jamais será entendido.

A boa formação depende do preparo e da compreensão dos formadores. Estes devem além de entender de conteúdos filosóficos, históricos, políticos, ideológicos, mística, ética, valores etc. devem entender de sensibilidade e serem altamente generosos com aqueles que ignoram por não conhecer.

A ignorância é uma epidemia que se prolifera rapidamente em nosso tempo, mas mesmo assim o ignorante merece respeito e atenção, pois os seres políticos da revolução, serão extraídos deste material destruído pelas influências culturais do império.

O formador é um ser altamente qualificado para dirigir a organização. Ele tem o poder de unificar ou de dividir; de estruturar ou desorganizar; de compreender ou complicar. Ele forma a consciência da base que sustenta a organização, pintando as idéias com a cor que lhes parecer mais agradável. Se a formação não causa nenhuma reação é porque está sendo mal desenvolvida e desligada da vida e das necessidades. Não descobriu ainda os desafios da organização e não se propôs a resolvê-los.

Os que se dedicam exclusivamente a esta tarefa devem ser de alta confiança e gozar de alta estima da organização. Assemelha-se ao jardineiro que tem a liberdade de podar corretamente os galhos para dar força á árvore, ou podá-la pelo tronco, tirando-lhe toda a força, a beleza e a identidade.

2. QUAL É ENTÃO O PAPEL DA FORMAÇÃO?

No trabalho de base, retomando nossa simbologia inicial, é primeiro verificar qual é a quantidade de água e que tamanho deve ter o leito, para saber onde colocar as margens que conduzirão a água que formará o rio.

A base não se constitui apenas quando elegemos os membros das instâncias, (coordenação estadual e direção estadual), se assim fosse, a organização seria uma verdadeira burocracia em decadência. Nem a força e nem o poder estão nas instâncias, elas

apenas tem a tarefa de representar a organização. A sua força está na BASE e na quantidade de MASSA que têm organizada. Complementa-se com a justeza das táticas que desenvolve e na estratégia que persegue. Alimenta-se da mística e da motivação interna e externa de viver pela causa. Protege-se pela aceitação e leveza estética que atai apoios e envolve as pessoas pela beleza, alegria e satisfação.

A força e o poder no caso do MST, estão nos setores e nos núcleos que retalham a massa para poder instituir a base que são os coordenadores e representantes de setores que temos na quantidade necessária. As famílias são a água, os coordenadores de núcleo são as margens que recebem consistência, se a formação elevar seu nível de consciência, caso contrário, a água se dispersa e o movimento deixa de ser rio e vira lago.

Podemos ter as instâncias bem montadas e em pleno funcionamento, mas se estas instâncias não se tornarem base vinculadas com as massas, serão apenas uma burocracia eficiente.

Por isso é que, a **“formação” não é um setor ou uma estrutura**. É decisão política e prática organizativa que visa elevar o nível de consciência, desenvolvendo suas formas que a organização achar conveniente.

Os dirigentes precisam ser formadores de consciência, pois é sempre mais produtivo dirigir um grupo de trabalhadores esclarecidos do que um grupo de ignorantes. Os esclarecidos se dirigem (quando as ocasiões exigem) por conta própria, os ignorantes dependem de ordem. Quem tem vocação para mandar, gosta de estar rodeado de ignorantes; quem gosta de coordenar aproxima-se e investe na elevação da consciência de muitos militantes para que estes mobilizem e organizem as massas.

A militância é o fator que determina a qualidade de uma organização de massas. Não basta ter massa, é preciso ter base na proporção pelo menos de dez por um. O que não é muito. Poderíamos estabelecer que, para as 500 mil famílias que temos assentadas sob nossa influência, deveríamos ter 50 mil militantes altamente qualificados; isso daria apenas um militante para cada núcleo de 10 famílias. No futuro teríamos que ter um militante para cada 10 pessoas, ou seja, para 2,5 milhão de pessoas, 250 mil militantes comporiam a base de sustentação do MST, esta proporção se manteria de acordo com o crescimento da organização.

O programa de formação visa formar a curto prazo, 23 mil militantes e integrá-los através de tarefas de coordenação dos

núcleos. Esta é a tarefa que deve ser desenvolvida pelos 460 formadores e organizadores que nossa linha política estabeleceu.

É preciso dizer algumas coisas sobre esta atividade. Em vários lugares existem dúvidas sobre este programa. Não sabemos se por dificuldades de entendimento ou se por medo de que o programa venha a estabelecer uma filosofia de trabalho organizativo diferente do até aqui desenvolvido.

Quando falamos da “revolução cultural”, estamos dizendo que a cultura é tudo aquilo que fazemos em qualquer área de atividade humana, seja na produção, na educação ou na prática política. Por isso uma das primeiras coisas que devemos fazer é uma revolução nas idéias. Não existe apenas uma forma de se fazer às coisas. Principalmente quando o inimigo ataca observando mais as intenções do que as ações que desenvolvemos. Então não é porque até aqui tivemos um estilo de trabalho com as massas e com a base que seja suficiente para enfrentarmos os próximos desafios.

O momento político em que vivemos, mudou de natureza e por isso a natureza de nossa organização deve modificar-se rapidamente se quisermos marcar a história com nossas impressões digitais e sermos reconhecidos pelos nossos descendentes. Este é o papel da formação neste momento; compreender e implementar as mudanças.

É ajudar a entender as mudanças e provocar a intervenção sobre elas de forma qualificada. Por isso ela deve:

- a) Ajudar a alcançar os objetivos políticos que o movimento estabelecer
- b) Colaborar no planejamento das atividades para qualificar a prática
- c) Antecipar pela reflexão as conseqüências e os resultados políticos que queremos alcançar.
- d) Elaborar e desenvolver métodos de trabalho que considerem a realidade, os valores e o pensamento socialista.
- e) Desenvolver a mística em torno da causa maior pela qual lutamos.

Quem deve fazer isso?

Todos aqueles que acreditam na possibilidade de darmos um passo à frente no rumo da transformação social. Os que acreditam em outras possibilidades não devem merecer respeito nem atenção, pois estarão apresentando alternativas que causam confusão nas consciências, e consciências confusas desenvolvem práticas

confusas. As formas de luta e de disputas que atrasam o desenvolvimento da consciência devem ser revistas desqualificadas.

3. A LINHA POLÍTICA DA FORMAÇÃO EM SEU NOVO CONTEÚDO

A linha política que orienta o processo de formação é a de preparar a base do MST através das atividades de massa e de grupos. É da massa que se extrai a base, por isso é preciso estar atentos nas mobilizações quais são os ativistas que se destacam para ajudá-los a crescer.

Ao se agrupar as massas, fica mais fácil de perceber seus anseios e repassar a ela os objetivos maiores que queremos alcançar. Mas há duas formas de agrupar as massas: em assembléias e em reuniões. As assembléias nortearam o estilo de trabalho até aqui, agora é a vez dos núcleos para que além da convivência em grupos menores se multiplique a base através das tarefas de coordenação, seja do núcleo, dos setores ou de qualquer outra representação.

Esta mudança de visão, muda a prática e os resultados. Se na assembléia a relação da base para com a massa é de 100 para 1 (100 pessoas para um militante) a reunião baixará este percentual de 10 para 1.

É fundamental, porém, ter clareza da teoria a ser adotada como referência para a correta formação da consciência. O materialismo em todos os seus aspectos continua sendo a filosofia da classe trabalhadora para se conseguir transformar a sociedade.

Os reveses sofridos pela expressão negativa das experiências socialistas no leste europeu, não devem servir de desmotivação para se estudar e defender a verdadeira ciência da história e desenvolvê-la ainda mais. Certamente no futuro os filósofos acrescentarão como parte da ciência materialista, a teoria da mística do MST. Prova de que ela está se desenvolvendo.

O momento é ainda mais confuso, porque as disputas ideológicas e as guerras estão sendo feitas pelo império Norte Americano e pela filosofia religiosa do islamismo. O pensamento socialista fundamentado no materialismo está alheio a isto. Mas é justamente este o elemento que nos alerta para termos cuidado.

As religiões nunca substituirão as ciências, por isso também não substituirão as organizações políticas. O islamismo ocupou o espaço vazio deixado pelo socialismo, por que, pelas leis das contradições, as coisas sempre têm dois lados. Com a caída da potência bélica que era a URSS, tinha que haver outro lado de contestação, e este lado foi ocupado pela filosofia religiosa do islamismo.

Devemos torcer para que ela enfrente o imperialismo Norte Americano e o amedronte cada vez mais, mas devemos entender que o islã nunca será um novo modo de produção para a humanidade e nem tampouco derrotará o capitalismo. O socialismo e o comunismo continuam como referência filosófica para se superar o capitalismo e isto será alcançado através da luta e da consciência.

Portanto, o que fizemos até aqui está correto, apesar dos erros nos tornamos um movimento conhecido e admirado no mundo todo. Mas “as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias”. Elas mudaram, precisamos então mudar os homens e mulheres para acompanhá-las.

O maior temor que devem ter os dirigentes de uma organização, é serem superados pela história, pois como as enchentes, as organizações são jogadas para fora da história pela força das águas das circunstâncias. Quem fica rente às margens da história, ilude-se que ainda faz parte dela, quem for jogado para longe, seca e desaparece.

Para finalizar, fiquemos com este pensamento de Confúcio: “Se um homem não pensar sobre o que está distante, ele encontrará tristeza muito próximo de si”. Somos filhos da alegria e acreditamos no futuro, por isso não devemos temer as mudanças elas fazem parte das vitórias.

O “conservadorismo” pertence aos derrotados. As mudanças pertencem aos dinâmicos. Como as águas dos rios, nascemos para chegar ao mar de um novo tempo num mundo alegre, livre e solidário: o socialismo.

XII.

VÍCIOS E DESVIOS POLÍTICO- ORGANIZATIVOS: ORIGENS, IMPLICAÇÕES E MECANISMOS PARA COMBATÊ-LOS⁵

⁵ Subsídio preparado, por Adelar João Pizetta, para o Curso dos Coordenadores do Programa Nacional de Formação e Multiplicação de Militantes, em setembro de 2000.

“Um violonista toca sozinho, mas uma orquestra precisa de maestro”.

Introdução

Alguns militantes poderão dizer: “de novo os vícios”? Isso eu já estudei há muito tempo. Pois bem, “de novo os vícios” porque como disse Mao Tse Tung, *“a gente deve varrer o chão e lavar o rosto todos os dias, pois, se não fizermos isso, a poeira se acumula”*.

Essa reflexão é extremamente vigente e atual porque está ligada ao processo de balanço crítico e ao salto de qualidade orgânica que o MST colocou em marcha. É, portanto uma necessidade histórica, pois, ainda é tempo de ir corrigindo falhas, identificando erros individuais e coletivos, observando desvios na prática dos militantes e dirigentes e, buscar elaborar e implementar métodos de trabalho e direção que superem essas deficiências e signifiquem avanços políticos para a organização.

Objetiva-se com esse subsídio, despertar a preocupação permanente que precisamos ter em relação aos vícios e desvios políticos e organizativos. Refletir sobre nossa prática, sobre nosso comportamento na organização, buscando entender o que significa dirigir e ser dirigido. Compreender a complexidade do momento político atual, do enfrentamento na luta de classes, para que possamos construir métodos e lutas que acumulem força para superar os grandes desafios postos para o MST e para o conjunto da classe trabalhadora. É hora de darmos qualidade à organização, ampliar a participação da base, inovar nas lutas e métodos de trabalho e formar sujeitos com consciência de classe.

Por isso, a importância de buscar entender o que são os vícios, quais suas origens, como e quando se manifestam e, acima de tudo, discutir mecanismos de como superá-los.

1. O que são os vícios e desvios

Existem muitas maneiras de explicar e entender essa temática, mesmo porque, o assunto não é novidade para a grande maioria da militância que está no Movimento, uma vez que tem sido objeto de estudo em diversos espaços de formação. No entanto, eles continuam se manifestando em nossa prática política e organizativa, dando a impressão que temos evoluído pouco na superação dos mesmos. Por isso, sempre é bom retomar o assunto, aprofundar, refletir, analisar para identificar e superar nos tornando cada vez melhores, qualificando assim organização política.

De modo geral, podemos dizer que o **vício** é uma postura, uma prática, um comportamento ideológico e político, que se opõe à virtude. É uma deficiência, que possuímos ou desenvolvemos, uma falha que herdamos, reproduzimos e transmitimos, um aspecto negativo (limite) que atrapalha, que dificulta o avanço da organização coletiva. É uma deficiência que prejudica o bom funcionamento da organização, que mina, destrói e corrompe a vida da organização se não soubermos combatê-los.

Em oposição aos vícios, temos as **virtudes**. Estas são as qualidades positivas que uma pessoa possui, adquire e as desenvolve como uma força ou potência que impulsiona e beneficia um grupo, uma organização coletiva.

Quando na coletividade, os vícios são mais fortes que as virtudes, a consequência natural será a mudança de rumo, muitos problemas internos, limites na ação política, chegando ao extremo de serem destruídas por si mesmas, com a influência externa. A própria história, infelizmente, já nos demonstrou isso com destinos trágicos de algumas organizações pretensamente revolucionárias, combativas e de luta.

Podemos dizer, portanto, que os vícios são desvios, deficiências políticas- organizativas, e de conduta moral, que vão se formando na consciência social e utilizam nossas ações, nosso corpo para se manifestarem. Estão presentes em nossa forma de agir, de pensar, de se relacionar, na maneira de dirigir um coletivo, de atuar numa organização, afetando, principalmente, a Unidade e a Disciplina dessa organização.

Os vícios se parecem com o “cupim” que se instala no interior de uma madeira. No princípio não o percebemos, mas ele vai corroendo o interior da madeira e, quando nos damos conta a peça está corroida, sem condições de uso, podendo desabar sobre nossas cabeças. Isso causa prejuízo e se fosse detectada a ação dos “cupins”, daria tempo para eliminá-los pela raiz e conservar a madeira, ou, substituí-la.

Com os vícios é assim, se não tivermos o cuidado de identificá-los, de entendê-los e se não estivermos dispostos a removê-los, eles vão se acumulando, se desenvolvendo e causando prejuízos enormes para o indivíduo, para os outros e para a organização, até o ponto em que será necessário dispensar o militante, o dirigente e substituí-lo por outro para “salvar” a organização.

Já dizia Mao Tse Tung: “*A batalha mais difícil é aquela que devemos travar contra nós mesmos*”, pois sabia o quão difícil era controlar as “tentações”, os vícios da antiga sociedade que se alojam

na consciência, e estão ali, esperando a hora para se manifestar, eles não perdem a oportunidade. A questão é que não podemos lhes dar essa oportunidade.

Além disso, a batalha é difícil porque precisamos desenvolver a disposição em controlá-los e renunciá-los sempre que surgir a sua manifestação e, em seu lugar desenvolver novas virtudes. É um processo de desconstrução e construção ao mesmo tempo.

Não somos culpados de tê-los, pois, por vezes se manifestam inconscientemente, quando percebemos já cometemos o erro, ou, podemos nem perceber, pois somos produtos de uma determinada ordem social, somos resultado do sistema capitalista e trazemos conosco toda a carga de valores negativos em nossa consciência. No entanto, somos responsáveis para identificá-los e extirpá-los de nosso meio, de nossa consciência e de nossas ações, pois temos virtudes e qualidades a desenvolver.

2. Algumas Origens

Devemos buscar a origem desses vícios, na convivência social, no modo como produzimos e reproduzimos nossa existência e na visão que construímos em torno do funcionamento da sociedade em que vivemos. Estão condicionados ao modo como participamos dos processos produtivos, qual seu grau de desenvolvimento e nível de divisão técnica do trabalho, pois, a maneira como produzimos nossa existência determina, em grande medida, a nossa forma de pensar e agir numa determinada organização.

Para elucidar melhor essa questão, vejamos algumas explicações que Marx, formulou sobre o assunto:

“Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida [...] O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, político e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; pelo contrário, seu ser social é que determina a sua consciência [...] Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincidem, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (Marx).

Para entender nós mesmos e as pessoas que participam da nossa organização, necessariamente precisamos observar a sua trajetória de vida, ou melhor, as condições de produção material da sua existência, pois estas condições determinam e desenvolvem os reflexos ideológicos, o nível intelectual e a consciência social de maneira geral.

Tomamos como ponto de partida o indivíduo real, de carne e osso. Essa pessoa é um ser com dupla existência, isto é, traz uma carga individual (como ser único, resultado de uma experiência que somente ele viveu) e, uma bagagem como membro de uma comunidade, integrante de um processo produtivo determinado, portanto, fruto de um meio social.

Nesse sentido, o indivíduo é algo não acabado, está em constante realização, num processo permanente de construção sócio-histórico (passado, presente e futuro), pois, se produz a si mesmo por intermédio das relações que estabelece com a natureza e das relações que são estabelecidas em sociedade, tanto aquelas por ele já encontrada, como as produzidas por sua própria ação. Produtos, portanto de uma determinada ordem social.

Esta, por sua vez, é produto da ação humana desenvolvida historicamente, ou seja, de nossos antepassados e de nós mesmos, como resultado de uma progressiva ação humana.

Portanto, se nós somos produzidos historicamente, somos resultado de uma determinada ordem social e esta, por sua vez, é produto da ação humana, necessariamente temos a faculdade, a potencialidade e as possibilidades de forjar novas pessoas e uma nova ordem social, de forma dialética tendo como ponto de partida a base material.

Em resumo, podemos dizer que os desvios, vícios do passado se reproduzem na consciência individual dando corpo a um determinado Comportamento Ideológico (um complexo de valores culturais, morais e políticos que condicionam uma visão de sociedade, da natureza, do homem, e de mundo, etc), que se manifestam em nossas ações concretas, de âmbito individual e coletivo, quando participamos de uma organização.

Por isso, ocorrem contradições entre o comportamento dos indivíduos e as estruturas organizativas propostas, o que dificulta o avanço da organização. Explicando melhor: temos por definição a implementação dos princípios organizativos (divisão de tarefas, centralismo democrático, crítica e autocrítica, planejamento, disciplina, direção coletiva, estudo, profissionalismo, etc.), mas na

prática muitos militantes não conseguem implementá-los de maneira eficiente, por causa dos vícios e desvios herdados do processo de produção e reprodução de sua existência. Até aí é natural, mas, se essas contradições não forem resolvidas no sentido do crescimento dos indivíduos em relação à superação e implementação das virtudes, a organização enfraquece, emperra ou, pode se desviar do caminho e dos objetivos a que se propõe alcançar. Vejamos, portanto o quão importante e urgente é a mudança de nossa práxis, enquanto ainda existe tempo.

3. Alguns exemplos de vícios organizativos e como se manifestam

3.1. Percebemos muitos vícios de caráter **oportunista**, que nada mais é do que o reflexo de uma sub-ideologia provocada pela **propriedade privada dos meios de produção:**

a) **Individualismo:** É um inimigo poderoso se não for controlado, combatido e extirpado. Por mais que de a impressão que estamos superando esse desvio, ele está sempre disposto a se manifestar, esperando o momento certo para entrar em cena e se desenvolver. Para tranquilizar alguns, extirpar o individualismo não significa destruir o “indivíduo” nem o interesse, habilidades e ansiedades pessoais, pois, cada um possui uma personalidade, qualidades, deficiências, vida familiar, etc., que se não estiverem em contradição com os interesses coletivos, devem ser respeitados. Mas, é sempre bom lembrar e praticar a lição do Mestre: *“O interesse pessoal de cada um só pode ser satisfeito quando o interesse coletivo estiver assegurado”*. O individualista tem dificuldade de entender o funcionamento da organização, age por conta própria e coloca a pessoa (indivíduo) acima do coletivo. Também, detesta o planejamento, pois nele deve estar contemplado a divisão de tarefas e o individualista gosta de agir sozinho, por isso dificilmente exercita o planejamento e forja novos militantes.

b) **Espontaneismo:** Não gosta de planejar, quando o faz é apenas para atender a uma obrigação e preencher um papel, porque depois, se guia pela conjuntura e por seus interesses e não pelo que havia sido planejado. É comum fazermos planos dos setores nos encontros estaduais, por exemplo, no final ou início de ano; com o passar do tempo e as mudanças na conjuntura, nas lutas que o movimento desenvolve, esses planos são esquecidos e atua-

se, como dizem: “no rolo”. Por não planejar, vive sempre o imediato e isso é amplamente prejudicial ao desenvolvimento da organização.

- c) Personalismo:** Mesmo que as conquistas forem do coletivo, frutos da luta, ele atribui a si os resultados – “eu consegui”. Considera-se o dono da verdade, sabedor de tudo. Gosta de aparecer e ser importante, quer ser notícia, que os outros falem dele, por isso, gosta de estar em tudo, ser consultado sobre todos os aspectos. Daí, a necessidade de usar telefone celular, veículo, dar entrevistas, etc. Gosta de fazer aquilo que dá ibope, status, satisfação pessoal. Sua pessoa é maior do que a organização da qual faz parte. Cuida mais de sua pessoa do que do trabalho que precisa desenvolver na organização. Centraliza tarefas, responsabilidades e informações, isto é, poder, nem que para isso tenha que excluir companheiros. Essa prática não forma novos militantes, não dá e não cria oportunidade para os outros, quando dá um problema que tem de se afastar, a organização fica “sem cabeça”. Mas, como o movimento cresce, vão surgindo outras pessoas, lideranças e dirigentes, fazendo com que o personalista vá ficando de lado. Daí, para não perder a posição, seu prestígio, apela, muitas vezes, para o “grupismo”.
- d) Anarquismo:** O anarquista é um militante desorganizado, reclama quando vê as atividades e locais bem organizados, acha que é burocratismo. Quando lida com dinheiro não sabe onde gastou, perde notas e na hora de prestar contas sempre tem problemas e se irrita com as pessoas que cobram. Quando utiliza um veículo, pode estar caindo os pedaços de destruindo, mas deixa tudo bagunçado. Quando coordena uma reunião, esta vira uma bagunça, não consegue encaminhar nada, não organiza as falas, não consegue dirigir a reunião. Quando dirige um setor ou uma regional, cada militante faz do seu jeito, pois, não consegue estabelecer e seguir um plano de trabalho. Satisfaz o seu oportunismo em meio à confusão. Essa prática é extremamente prejudicial, pois descaracteriza a organização, não forma, não constrói.
- e) Sectarismo:** É uma manifestação do subjetivismo/oportunista no domínio da organização. Acontece quando os militantes vêm apenas a parte e não o todo, acentuam a importância do setor que atuam em detrimento dos interesses e necessidades do todo da organização. Não entendem e não implementam o princípio

do Centralismo Democrático, onde a minoria deve submeter-se à maioria; os escalões inferiores aos superiores e as partes ao todo. Entendem que as coisas devem ser feitas imediatamente, não importando se existe ou não condições para tanto. Têm dificuldade de discutir sobre suas posições, pois acham que as suas são sempre as melhores, mais corretas, infalíveis.

f) Comodismo/Imobilismo: Parece que existe uma tendência natural à acomodação. Alguns, por acharem que já deram a sua quota para o coletivo, outros, alegam cansaço, strees, etc. Para esse, do jeito que o movimento está, é o suficiente para não se preocupar, não enfrentar problemas, deficiências. Justamente porque, como disse Rosa Luxemburgo: “*Quem não se movimenta não sente as cadeias que o prendem*”. Sempre estão de acordo e evitam discordar para não se comprometer. Não falam os problemas nas reuniões, mas ficam depois falando por fora. Não mostram, nem criticam os erros dos companheiros, para que não critiquem os seus. Se sente bem, quando no mesmo coletivo encontra um personalista, de maneira que um alimenta o outro.

3.2. Outros vícios são de caráter **subjetivista**, ou seja, um reflexo de uma sub-ideologia gerada pela visão **idealista** das formas artesanais de trabalho:

a) Amadorismo/aventureirismo: Caracteriza-se por agir sem consultar a realidade, nem consegue medir as conseqüências e os resultados que determinadas ações podem causar. Age de acordo com suas idéias, nunca planeja baseado na análise da realidade e nas condições objetivas, o faz, com base naquilo que pensa e acha ser correto. Pensa estar fazendo uma grande ação radical, revolucionária, quando na verdade é uma ação sem conseqüências, isto é, sem ganhos políticos nem organizativos. Por vezes pagamos caro por essas atitudes. Geralmente acaba atuando isoladamente e, facilmente rompe a unidade da organização. É contrário ao estudo científico e a reflexão.

b) A Autosuficiência: É um desvio poderoso para destruir a organização, pois quem o incorpora considera ter o conhecimento, a força que não tem. Se acha satisfeito com seus feitos, com os resultados obtidos nas ações que coordena (curso, acampamento, mobilização..). É o tipo do militante que já fez um curso importante e aí, pensa que não precisa mais estudar. Fica utilizando alguns chavões e se considera o tal. Não busca se aprofundar, compreender as questões do seu tempo e quando

vai disparar o tiro, não encontra o alvo, acaba atirando ao acaso, perdendo munição e terá como recompensa a derrota. *Saibam que a auto-satisfação é inimiga do estudo e, portanto, inimiga da organização.* É o tipo de pessoa que tem resposta para tudo, não ignora nada, nunca tem dúvidas, mesmo não tendo conhecimento. Quando vai discutir, não escuta ninguém, não toma notas nas aulas nem nas reuniões, pensa que grava tudo na cabeça. Como não consegue gravar, acaba fazendo tudo de acordo com o que vem na cabeça. Nunca se preocupa com a precisão dos dados, calcula conforme sua própria intuição e oportunidade.

3.3. Temos também **desvios de caráter mais interno**, criados pela própria situação da organização, e motivados pela prática dos anteriormente mencionados:

Vejam os:

- a) É importante observarmos nossas posturas em relação a utilização do patrimônio, principalmente em relação aos veículos. Existem militantes que se não for de carro ou de moto para uma determinada atividade, não vai, simplesmente porque de ônibus gastam muito tempo, ou porque ir de carro é mais barato. Essas são justificativas para a utilização da comodidade. Mas, o mais grave disso tudo, tem sido a imprudência no trânsito. Bastaríamos observar o nº de militantes que já foram vitimados pelos equívocos nas estradas. Os acidentes, as mortes continuam acontecendo e não conseguimos mudar de atitude. É pertinente a observação do Bogo quando disse: *“Normalmente, quando o corpo resiste a sair de certas comodidades ou, reclama certas regalias, logo a cabeça busca explicações e justificativas para não ir; para deixar para depois; não posso ir porque estou com outra tarefa, etc. Aí está o “ninho” dos vícios.*
- b) O uso do telefone celular, é claro que é importante e tem ajudado em muitas situações. Assim como as viagens de avião e de carro também em alguns momentos são necessárias. Mas, isso não pode se transformar em *status*, privilégios e acomodações. Não podem mudar o método de trabalhar e dirigir a organização. Existem dirigentes que para dirigir o MST basta estar de posse de um carro e de um telefone celular, pois, podem estar em todas as atividades em assentamentos, acampamentos, negociações, etc. e, se comunicam com os militantes por telefone, dando orientações. Mas ao mesmo tempo não participam efetivamente de nada, nem dirigem organização alguma, pois, pensam que basta “mandar”..

- c) O computador é um instrumento extremamente importante, ágil e, por meio da internet pode-se comunicar, enviar notícias para as mais diversas partes do mundo simultaneamente. No entanto, em alguns lugares ao invés de ser um instrumento de trabalho, para elevar o nível e eficiência de nossa organização, tem se transformado num meio de diversão e lazer por intermédio do quais muitos militantes ficam durante horas navegando por sites eróticos, jogos, msn e outros assuntos que não trazem nenhum proveito para si e para a organização, a não ser o gasto com telefone.
- d) Outra tentação e desvio têm sido os *holófores*, para os quais muitos gostam de estar voltados, adorando aparecer no jornal, na rádio, na televisão, pois se acham importantes, sendo famosos e conhecidos. Mais do que estar a serviço da organização, buscam satisfazer o ego pessoal, incentivando e desenvolvendo os vícios do personalismo, do “*estrelismo*” e do oportunismo, muito nocivos para a organização, pois, mais importante que as pessoas é a organização.
- e) O uso da bebida alcoólica. Existem militantes que chegam a dizer que beber é *cultural*. O que pode fazer parte da nossa cultura é a cachaça, mas, consumi-la em excesso é um vício que prejudica o corpo e a organização e não cultura. Qualquer bebida que contenha álcool, se consumida em excesso, ela prejudica a pessoa, os outros e a organização. Talvez não nos demos conta, mas, ela torna o raciocínio lento, diminui os reflexos e, por vezes, se torna motivo de discórdias e intrigas nos acampamentos e assentamentos. São prejudiciais os males causados à saúde, pois, não faremos uma revolução com pessoas desequilibradas, viciadas e doentes. Seria bom prestar atenção também no cigarro, pois, os pulmões são órgãos fundamentais para o nosso organismo e o câncer ainda é uma desafia para ser curado.
- f) Outro comportamento nocivo à organização são as “fofocas”. Existem pessoas que sentem prazer em colocar uns contra os outros; rebaixar certas pessoas que se sobressaem na postura correta, na disciplina, na eficiência, para manter o seu lugar. As queimações, calúnias, etc, são práticas que conseguem ir liquidando um coletivo para que alguns possam se manter no poder e ocupando os espaços que deveriam ser compartilhados. Normalmente os fuxiqueiros são pessoas que não se preocupam com o desenvolvimento, com a grandeza das propostas e com o

tamanho dos desafios da organização. Certamente existem outros exemplos de comportamentos nocivos à organização. É bom identificá-los para poder combater.

Por vezes, é mais fácil e menos exigente nos desfazer dos bens materiais como casa, terra, ajuda de custo, etc., mas não temos a capacidade de nos desfazermos daquelas coisas que satisfazem os interesses pessoais, como o status, o poder dos cargos, o conhecimento e acesso a informações, quando na verdade tudo o que possuímos e somos deve estar a serviço do coletivo, da organização.

4. Mecanismos que ajudam a superar os Vícios

Sabemos que nenhuma mudança acontece automaticamente na consciência dos indivíduos e, tampouco de forma mecânica. Toda mudança é resultado de um processo, de uma convivência social prolongada, da análise, estudo e conhecimento da problemática que se pretende enfrentar e, fundamentalmente dos mecanismos e ações conscientes implementados para superá-los.

O ponto de partida nesse processo é a base material, isto é, o meio social em que as pessoas estão submetidas, é a organização que poderá ir moldando, reeducando seus membros, numa relação dialética onde, se por um lado os indivíduos fazem a organização, por outro, são produtos dela, isto é, ao mesmo tempo que construímos a organização estamos sendo construídos por ela.

Com o intuito de contribuir com o crescimento dos militantes na organização, através da superação de vícios e desvios que atrapalham o seu desenvolvimento e da própria organização, elencamos alguns mecanismos que, se forem implementados, podem cumprir esse papel.

- 1º) É necessário admitir que temos deficiências e vícios organizativos alojados em nossa consciência individual e, em determinados momentos, se utilizam de nossas ações, de nosso discurso, de nossa postura de militantes para se manifestarem. Essa humildade e pré-disposição é condição *sine qua non* para qualquer processo de mudança, pois, o militante que se acha perfeito, sem vício algum, continuará se “atolando” sempre mais na sua auto-suficiência, causando prejuízos para o avanço da organização.
- 2º) Precisamos estudá-los para conhecê-los com profundidade, somente assim, poderemos estabelecer um conjunto de

procedimentos que possibilitam a sua superação. É pertinente o ensinamento do Mao Tse Tung quando diz: “É preciso tratar a doença para salvar o doente”. Ou seja, devemos sempre acreditar nas possibilidades de crescimento das pessoas, na capacidade de recuperação e superação dos vícios, no seu “salvamento”. Para tanto, é necessário um diagnóstico profundo e correto (estudo), mas, mais que isso, é fundamental a disposição e o desejo de o “doente” ser tratado. Do contrário, os males se alastrarão chegando a um estado irreversível que é a “morte” - a morte do militante para a organização. Estudar para ir à raiz dos problemas, perguntando sempre o “por que” das coisas? Não ficar envolto na aparência, pois sempre é bom lembrar que o fenômeno mostra a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. Estudar, portanto, a ciência, a filosofia, se apropriar do instrumental marxista de análise e interpretação da realidade para desenvolver uma práxis que visa a transformação dessa realidade.

- 3º)** Adotar conscientemente o mecanismo da vigilância. A vigilância consiste em prestar atenção e zelar pelo rígido cumprimento dos princípios organizativos em nossa prática cotidiana. É garantir a implementação das linhas políticas que orientam a prática da organização em todos os níveis.

A vigilância evita equívocos, não deixa ninguém inseguro quanto aos procedimentos políticos a serem adotados, porque analisa as situações e toma as posições orientado não por idéias de alguns, mas, pela linha política da organização. Por isso, é fundamental a atenção e perceber quando os vícios e desvios querem se manifestar e aí, reagir imediatamente contra eles.

A vigilância deve ser exercida sob os aspectos: ideológico, político, organizativo, ético/moral, etc. conjuntamente. Ou seja, de nada adianta ser radical do ponto de vista político e anárquico, personalista do ponto de vista organizativo. É preciso buscar a coerência nos diferentes aspectos.

- 4º)** É fundamental estabelecer um processo de Crítica e Autocrítica corretamente. Existem instâncias que passam mais de um ano sem fazer uma avaliação de seus membros e de sua atuação enquanto conjunto. Devemos desconfiar dos dirigentes que temem a avaliação, isto é, nunca existe tempo na pauta para a avaliação. Aí, os problemas vão se acumulando, se alastrando e quando se dá conta já é tarde. Por isso, deve ser sistemática, regular e bem

feita, a tempo de corrigir e evitar erros, pois, um erro do tamanho de uma polegada pode causar um desvio de metros.

A crítica e autocrítica são dois momentos de um mesmo processo avaliativo, que permite analisar, identificar as deficiências individuais e coletivas e, mais do que isso, ajuda os companheiros a buscar alternativas, apresenta pistas de superação dessas deficiências. É, portanto, um mecanismo eficiente de educação e reeducação da práxis, desde que exista uma postura de humildade, compromisso e responsabilidade de ambas as partes.

Mao Tse Tung, ao insistir e explicar esse princípio organizativo, recorda um provérbio chinês: *“A água corrente não apodrece e os gonzos das portas não são carcomidos pelos vermes”*, significa que o movimento constante impede a ação desagregadora dos micróbios e de todos os parasitas. Verificar constantemente o nosso trabalho e, durante esse processo de verificação, desenvolver um estilo democrático, não temer a crítica nem a autocrítica e aplicar essas valiosas máximas populares chinesas que dizem: *“Não cales o que sabes nem guardes para ti aquilo que tens a dizer”*, *“Ninguém tem culpa pelo fato de ter falado, e ao que escuta incumbe tirar todo o proveito disso”* e *“Se tiveres cometido erros, corrige-os, mas se os não tiveres cometido, guarda-te de vir a cometê-los”*, eis a única via eficaz para evitar que a poeira e os micróbios políticos infectem a mente dos militantes e de todo o corpo da nossa organização.

Portanto, a crítica deve estar centrada em expor objetivamente os erros e desvios políticos, de organização e de comportamento. Deve evitar-se o subjetivismo, a arbitrariedade, a observação sem fundamento e a banalização do princípio da crítica e autocrítica. Todas as afirmações devem basear-se em fatos reais e do ponto de vista político, do contrário, perde o sentido e a eficiência.

Qualquer organização, qualquer instância, militante, enfim, qualquer pessoa está sujeito a cometer erros e falhas, afinal, somos humanos. Mas, precisamos errar o menos possível e, quando erramos, devemos corrigir-nos imediatamente e a fundo, pois, a luta mais árdua é aquela que devemos travar contra nós mesmos.

5º) Ir forjando a vivência de novos valores. No lugar dos vícios devemos desenvolver as virtudes. O tempo para a construção do homem novo já começou, pois, este, bem como as novas relações sociais, nasce e se desenvolve nas entranhas da velha sociedade.

Existe uma luta entre o velho que busca se manter e o novo que busca nascer, durante um bom tempo essas duas realidades coexistem e se disputam, até o ponto de o novo estar desenvolvido e forte o suficiente para suplantar o velho.

Para tanto, precisamos desenvolver intensamente as virtudes, a vivência dos valores humanistas e socialistas (solidariedade, companheirismo, indignação, a atenção à pessoa humana, etc.); precisamos nos remodelar, remodelar as pessoas, desenvolvê-las, pois, aqueles que não progredirem serão superados pelo movimento da história e da organização.

O homem novo começa a existir quando tivermos a capacidade de pensar menos em nós mesmos e pensar e viver pelos outros. O importante é a vida de todos, de nada adianta viver melhor individualmente, se a grande maioria do povo passa enormes necessidades. Nossa vida só tem sentido se estiver em função da vida do povo. Por isso os novos valores são fundamentais para a construção da nova ordem social e a produção de novos seres humanos, com outra roupagem e outra ideologia. Isso não cai do céu, é resultado de um esforço contínuo vivido no dia-a-dia desde as pequenas coisas até as de maior envergadura.

6º) Implementar o método de planejamento com divisão de tarefas e responsabilidades. Existem militantes e dirigentes que não possuem tempo para nada. Vivem num ativismo desenfreado, quase sempre nervosos, cansados, impacientes muitas vezes. Reclamam que tudo está sob sua responsabilidade e que os outros não desenvolvem as tarefas de acordo com seu interesse. Acontece que normalmente, o problema não está nos outros, nos militantes; está sim, no estilo de trabalho do dirigente que precisa ser retificado.

E, o planejamento, a divisão de tarefas, de responsabilidades aliviam a tensão, dão mais segurança na condução do processo e, o mais importante, vão formando novos militantes e dirigentes para assumir as novas tarefas que irão surgindo.

Na luta política e, especialmente como militante do MST, nossa vida, nossos atos e planos não dependem somente da nossa vontade, desejos e aspirações. O individual, particular, está em função de um coletivo maior, de uma organização. E, nesse particular, ou a gente milita organizadamente, ou, nós próprios estaremos contribuindo com o espontaneísmo, o personalismo e a anarquia dentre outros vícios.

Fazer um plano qualquer não é tarefa difícil. Mas, elaborar um plano conseqüente e exeqüível, requer certas habilidades e procedimentos profissionais, que permitam o avanço da organização e a qualificação de novos militantes.

Planejar é ver mais longe. É analisar e compreender quais os passos (táticas) que devem ser dados para alcançar determinados objetivos. Sempre é necessário olhar para a frente e não apenas para o “umbigo”. Quem olha para frente consegue ir mais longe. Planejar é definir o que é prioritário e o que é secundário, permitindo a organização e utilização de nossas forças e recursos, para fazer o movimento crescer.

Planejar é dividir tarefas e responsabilidades com outros companheiros. O bom dirigente não é aquele que consegue fazer tudo sozinho. Pelo contrário, é aquele que consegue elaborar planos e empregar os militantes, criando oportunidades para que cresçam e se capacitem politicamente.

Planejar é estabelecer metas concretas, dentro de um espaço de tempo determinado. Com isso, será possível medir os resultados de nossas ações; possibilita avaliar o planejado, já que este tem um prazo para ser executado. Por isso, a avaliação é parte integrante do planejamento e, fundamental, porque permite corrigir possíveis desvios da prática.

O planejamento deve se tornar um hábito de todo o militante. Para tanto, precisamos exercitar, treinar, nos acostumar a ele.

É sempre bom lembrar mais um ensinamento do nosso grande Mestre: *“As qualidades fundamentais de um dirigente é elaborar métodos de trabalho e saber colocar os quadros”*.

7º) Avançar na prática da disciplina consciente. A história tem demonstrado que sem unidade e disciplina nenhuma organização triunfa; nenhuma batalha é vencida. Todas as organizações estabelecem normas com o intuito de orientar a prática, o comportamento de seus integrantes. Muitos buscam a disciplina cumprindo cegamente essas normas para não serem penalizados, vira algo imposto e cumprido mecanicamente.

A disciplina consciente é ir além do que as normas e leis estabelecidas exigem. É a capacidade de orientar-se por consciência da responsabilidade, por compreender a importância de colocar em prática as decisões, apesar de suas conseqüências, para alcançar os objetivos propostos.

Ela busca o aperfeiçoamento individual e coletivo, ou seja, “ao fazer a organização o indivíduo faz a si próprio”. Por isso, a disciplina nunca pode ser um fardo, uma ameaça que persegue o militante. Deve ser encarada como um valor que por intermédio do comportamento diário se transforma numa virtude, passando a ser exemplo a ser seguido, pois, está acima da mera obrigação do cumprimento das normas. Deve se transformar num jeito de ser e viver.

Assim propõe Che: “O jovem comunista deve se propor a ser sempre o primeiro [...] É claro que nem todos podem ser os primeiros, mas podem estar entre os primeiros, no grupo de vanguarda. Ser o exemplo vivo, ser o espelho em que se olham as juventudes...” Exemplos, em nosso caso, em que se espelham os demais militantes e lideranças de base dos assentamentos e acampamentos e a sociedade de uma forma geral e, através de nosso exemplo, possamos arrastar centenas e milhares de pessoas sem esperança, dando-lhes razão e sentido de vida.

Nesse sentido Bogo também esclarece: “A disciplina é a própria consciência em ação, materializada pelas atitudes individuais daqueles que acreditam em um projeto porque o conhecem e por isso possuem a responsabilidade de convencer quem os rodeia, de que, este é o melhor e mais revolucionário”. Em última instância, a disciplina consciente é uma conquista que precisamos alcançar.

8º) Ser tolerante com os que erram, mas, intolerante com o erro. Nisso consiste “tratar a doença para salvar o doente”. Precisamos buscar sempre a coerência com os princípios político-organizativos e de conduta e observar o seu estrito cumprimento.

Muitos militantes ainda não tiveram a oportunidade de assimilar os conhecimentos científicos, de entender o funcionamento de uma organização que busca a transformação da realidade e das pessoas e por isso, cometem erros. Mas, podem se recuperar e corrigirem-se a tempo de não prejudicar a fundo a organização e, melhorando suas práticas podem ser úteis e contribuir para o crescimento da organização.

A questão é que os erros, os desvios não podem passar em branco por causa de afinidades e/ou porque também temos desvios e por isso não cobramos. Erro não pode ser tolerado, deve ser extirpado para que não se repita, por mais insignificante que seja.

Agora, devemos ter toda a atenção com os militantes, ajudando, refletindo, analisando e incentivando a correção dos desvios. É um processo pedagógico, formativo que faz as pessoas crescerem.

Cada erro ou desvio superado é um avanço importante na qualificação individual e coletiva da nossa organização, devemos comemorar como uma vitória do novo sobre o velho. Deve receber uma recompensa, um prêmio e, através dessa prática, incentivar a vivência dos novos valores, do desenvolvimento das virtudes que cada carrega dentro de si, despertando o espírito de “águia” que o meio o transformou em “galinha”, que apenas cisca o chão ao invés de voar rumo à edificação do novo homem e da nova sociedade.

Resulta desse aspecto, a necessidade de estabelecer um sistema de punições (medidas corretivas/educativas) e de emulação (estímulos morais) adequados para a correção dos vícios e desvios que afetam a organização.

9º) Implementar os princípios organizativos, dentre eles, a direção coletiva, o planejamento com divisão de tarefas e responsabilidades, a avaliação, o estudo. Para tanto, é necessário compreendê-los para entender como funcionam e nos vigiar, garantindo a sua implementação – ao fazer uma reunião, coordenar uma assembléia, um setor, uma instância estadual e/ou regional, elaborar um plano de trabalho, etc, para que sejam um modo de agir na organização, pois, o militante não se identifica apenas por aquilo que faz mas, pelo modo como faz a militância na organização. Se não atuarmos de forma organizada, as idéias, propostas, depois do impulso do primeiro momento, vão perdendo importância e eficácia, vão caindo no esquecimento, se perdendo na rotina, vão caindo no conformismo e, acabam sendo apenas mais uma recordação. Por isso, é imperiosa a necessidade de existir uma organização.

Conclusão

Esse foi mais um exercício incompleto. É a sensação que se chega ao ter que interromper, não a reflexão, mas, a escrita neste momento. Certamente outros aspectos fazem parte dessa abordagem, tanto em relação aos vícios como no que se refere aos mecanismos de superação, inclusive, a partir da experiência de cada militante que pensa e reflete sobre a organização. Por isso, a reflexão e a elaboração devem continuar, no sentido de ir iluminando a

prática, para que através dela, possamos elevar o nível organizativo e de qualidade do nosso movimento.

É imperiosa a necessidade e corrigir desvios e vícios que se reproduzem na organização para que esta não mude o rumo. A revolução cultural já está em andamento, precisamos impulsioná-la, ampliá-la como forma de contribuir inclusive, com o processo de revolução política que pretendemos alavancar em nosso país.

Desenvolvamos nossas virtudes, nossas qualidades, nossa autoestima, por vezes reprimidas pela sociedade excludente em que fomos criados; forjemos o novo em cada ação cotidiana ; tenhamos muita esperança no futuro que estamos decididos a construir, pois, *“A revolução se faz através do homem, mas o homem tem que forjar dia a dia o seu espírito revolucionário”*, nisso consiste a superação de nossos desvios e deficiências. Pois, *“O caminho é longo e em parte desconhecido: conhecemos nossas limitações. Faremos o homem do século XXI: nós mesmos”*, acreditemos e sejamos arquitetos construtores desse novo homem, dessa nova mulher e da sociedade socialista, pois a história nos dará a recompensa.

Sejamos maestros dessa grande orquestra de seres humanos sonham e por isso lutam pela edificação de uma sociedade de homens e mulheres livres.

XIII.

A MÍSTICA: PARTE DA VIDA E DA LUTA⁶

⁶ Texto de Ademar Bogo. Elaborado em abril de 2008 por ocasião da V Assembléia Internacional da Via Campesina realizada em Maputo, Moçambique.

Nos últimos tempos os movimentos sociais passaram a usar a palavra mística como sinônimo de animação. Muitos até vêem a mística como uma sessão dentro da atividade política, como se ela fosse um momento apenas de encenação e pronto, daí em diante o encontro estaria liberado para “falar sério”.

Mas a mística é muito mais. Ela é a motivação que nos faz viver a causa até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda. É a vontade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de querer ajudar e realizar coisas que façam a luta ser vitoriosa.

Mas então, aquela apresentação que fazemos no início dos encontros, não é mística? É também. As pessoas que se envolvem na preparação querem expressar, através de uma mensagem, as razões pelas quais lutamos, criando, de forma imaginária, o mundo que queremos alcançar, para que os presentes vejam e se animem a ajudar a construir aquela idéia, aquele sonho.

Por isto a mística é fundamental para a vida e para a luta. Sem mística na vida cotidiana, perdemos a alegria, a vibração, o interesse e a motivação de viver. Sem mística na luta, perdemos a vontade, a combatividade, a criatividade e o amor pela causa.

Neste sentido, a mística se expressa de muitas maneiras. Cada militante, homem e mulher dão de si, aquilo que possuem como carisma, talentos ou habilidades, cooperando e oferecendo-se como elementos centrais do programa, sendo a parte física e mental da tática e da estratégia do programa.

Cada qual à sua maneira, vai se oferecendo para preencher espaços nem sempre previstos. Assim ocorre quando uma equipe prontifica-se a cozinhar os alimentos para o encontro. Outros dedicam-se a melhorar e ornamentar o ambiente. Um terceiro grupo, cuida da pauta. Mais um grupo cuida da segurança. Outros preparam a cerimônia de abertura e, assim, o encontro se transforma numa grande festa, uma confraternização de seres humanos que marcaram de se encontrar para pensar o que fazer de suas vidas e das vidas de tantos outros seres e espécies.

Neste pequeno texto, vamos aprofundar este assunto da mística para que tenhamos a mesma compreensão e assim possamos valorizar a sua importante contribuição para a transformação da realidade, por isto podemos dizer que precisamos para a luta ser vitoriosa de: força, idéias e mística.

1. O QUE SIGNIFICA A MÍSTICA

A palavra mística é a representação de mistério. Usa-se geralmente a palavra “mistério” para designar coisas inexplicáveis ou coisas indecifráveis, mas neste caso não é. Mistério para a mística é saber a razão porque na luta as coisas extraordinárias acontecem. Por que o ser humano tem a capacidade de ir tão longe na resistência? Por que desafiamos todas as forças e todos os limites, para que uma causa coletiva seja vitoriosa? Por que tomamos estranhos como aliados e os protegemos como se fossem parte de nós, simplesmente porque se identificaram como a nossa causa?

Embora a palavra *Mysteriön* seja oriunda da língua grega, que descende de outra palavra *múien*, “quer dizer a busca de entender o que está escondido nas coisas”⁷, a mística é a procura de explicações e ao mesmo tempo o incentivo para viver o inexplicável.

Na linguagem cotidiana poderíamos chamar este viver de heroísmo. Mas qual é a razão que faz mexer com a bravura para que um ser humano desenvolva atos heróicos? Ou seja, podemos explicar o fato, mas não conseguimos explicar a motivação que levou alguém a realizá-lo.

Se buscarmos explicações, vamos entender a mística como manifestações nas atitudes de energias, persistências, vigor e reações positivas inexplicáveis do ponto de vista analítico. Ou seja, são reações que acontecem sem sabermos de onde se originam e nem porque se manifestam com maior intensidade em uns, e menos em outros.

Para nós, mistério será sempre a dimensão de profundidade que tem as coisas. Com tudo, a profundidade não se opõe ao conhecimento decifrável. Na vida e na luta, há coisas que se explicam por si só, outras nem mesmo a pesquisa consegue desvendar os seus segredos.

2. AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DA MÍSTICA

Há diversas formas de ver e de explicar a vivência da mística. Para efeito metodológico vamos tomar três referências que tratam com outros conceitos o mesmo assunto.

⁷ BOFF, Leonardo. Ecologia mundialização espiritualidade. São Paulo; Editora Ática. 3^a. ed. 2000.

1º – O sentido religioso

Nas religiões usa-se muito a mística e nelas se adota costumeiramente, mais o sentido de espiritualidade, devoção ao sagrado, compenetração e adoração às forças divinas que guardam o mistério da superioridade onipotente. Estas forças influem diretamente sobre o comportamento social e leva a praticar valores, como a solidariedade, justiça, companheirismo etc.

Pela via da religião podemos chegar a duas visões da mística: uma que se manifesta nos místicos, aqueles indivíduos que tem por opção a relação cotidiana com a divindade para explicar e solucionar os problemas sociais. É representante terreno deste espírito. Outra forma é a espiritualidade militante. Estes, pela força da fé apegam-se aos problemas sociais e buscam soluções pelas contradições. Querem a igualdade e a fraternidade entre as pessoas, mas buscam atacar as causas econômicas e políticas dos problemas. Passam por todas as dificuldades, prisões, torturas e não desistem.

Há exemplos diversos na história de lutadores que, motivados pela fé, transformaram a justiça em causa política e entregaram a vida para alcançar este fim. Nas lutas de milhares de camponeses, percebe-se que, junto com a rebeldia estão as crenças religiosas. São valores culturais que ajudam a fortalecer a luta de classes.

2º – O sentido das ciências políticas

Nas ciências políticas podemos encontrar algo próximo do que significa a mística, mas é tratado com outro nome que se chama CARISMA.

Por esta visão, as pessoas agem porque, além da motivação, possuem características, habilidades e convicções. Morrem se preciso for para defenderem aquilo que acreditam.

É uma forma diferente de perceber esta força estranha. O carisma também tem manifestações inexplicáveis e também é rodeado de mistérios. Por exemplo, por que alguém se mantém firme na luta e outros não? Por que uns tem habilidades naturais e não as usam como por exemplo, falar em público? Por que alguns militantes ao entrarem na política institucional não se corrompem e outros sim? Por que em alguns, destacam-se qualidades que os levam a serem as lideranças?

São manifestações que a ciência não explica na totalidade, por que algumas pessoas atraem mais que as outras? Muitas possuem

a capacidade de chamar a atenção de seus ouvintes quando falam, que mal conseguem sentir o tempo passar? Já outros, ouvi-los é um grande sacrifício. É o carisma que se diferencia de um para outro, mas também pode ser entendido como algo inexplicável, razões especiais etc.

“As habilidades ou o carisma, que se destacam mais em uma pessoa do que em outra, escondem o mistério de saber fazer naturalmente, aquilo que, mesmo querendo, outros não conseguem”.⁸

Sendo assim, as diferenças das habilidades individuais ao invés de se constituírem em um problema, tornam-se grandes soluções, pois nos fazem encontrar um lugar na luta de classes para colaborar com ela. Nos ajuda também a perceber que a força está na coletividade e somente com ela conseguimos alcançar os grandes objetivos.

3º – O sentido filosófico e da valorização cultural

Aqui a mística é a própria existência. Nasce da vida, das formas de trabalhar, se organizar, conviver, lutar etc.

Cada grupo social tem as suas manifestações culturais; uns são mais alegres, outros são mais contidos, mas todos vivem a memória de seus antepassados; desenvolvem valores e acreditam na continuidade da vida, por isso preservam o ambiente como o berço de todos os nascimentos.

Os movimentos sociais resgataram este sentido da mística e o trouxeram para a prática política. A luta de classes tornou-se um lugar de convivência, admiração e esforço coletivo. Lutar faz parte da existência como o trabalho ou a festa. Por isso é que, cantar na festa de aniversário e cantar na luta, nos enfrentamentos sangrentos, não há contradição. Encenar os problemas da vida e imaginar soluções, faz parte da capacidade misteriosa de cada ser humano, onde cada qual demonstra os sentimentos e as habilidades de seu jeito.

Acreditar no futuro é saber aliar-se no presente com aqueles que acreditam nas mesmas coisas para que este futuro não corra riscos.

⁸ BOGO, Ademar. O vigor da Mística MST. São Paulo. 2000 p. 39

De qualquer forma, a mística é esta força calorosa que temos dentro de nós. Assim como o corpo precisa de uma certa temperatura para permanecer vivo, os sentimentos precisam de vigor, energia, para continuarem quentes. Quando alguém morre, sabemos que muda sua identidade porque seu corpo esfria. A mística é o calor que o ânimo precisa para continuar quente.

3. A MÍSTICA NA MILITÂNCIA

Olhar para alguém desanimado é o mesmo que querer jogar futebol e ver que a bola está vazia. O ar que está dentro da bola é quem a faz dar os saltos quando posta em movimento. A energia que está em cada militante, é a razão de seu ânimo. Sem energia revolucionária os poderosos triunfam sem esforço. Com energia na militância, os poderosos não triunfam nunca na totalidade, pois, mesmo nas derrotas, sempre resta uma chama acesa para iluminar o caminho da grande luta que será um dia vitoriosa em todos os lugares.

A militância é mais do que uma tarefa ou um cargo que assumimos na organização; é uma paixão. Por isso é que não importa o tipo de ação, pode ser uma atividade na produção que alguém faz, um combate na guerrilha, o preparo de um almoço para a reunião de base. O que move a força e a torna útil, é a paixão que cada um tem dentro de si. Os mercenários agem por dinheiro e por isso precisam trair o grupo a que pertencem, mas perecem facilmente, desanimam e desistem.

A paixão se torna convicção e, quanto mais se faz, mais se quer fazer. Quanto mais se entra na luta, mais se quer seguir em frente. É uma força que não deixa parar.

Quem está apaixonado já não vive para si, mas para aquilo que se apaixonou. Cuida-se, veste-se, prepara-se para encontrar-se com este motivo vivo e consciente que arranhou para si.

Militância é praticar a liberdade de forma apaixonada. É querer ser livre, mas não sozinho. A busca da liberdade individual é uma aventura que termina mal. Um ser livre só se realiza se encontrar outro ser livre. Não pode haver felicidade, se no relacionamento, um é o senhor e o outro é o escravo. Se um é o patrão e o outro é o empregado. Se um é o dirigente e o outro é o dirigido. É por causa desta busca da igualdade que existe a militância. Todas as tarefas e funções são importantes.

Quando vemos militantes entregando a vida para que seja utilizada em favor do bem comum, estamos diante de pessoas de espírito superior.

4. SINAIS DA MÍSTICA

Vejam os textos seguintes, como a mística passeia por todos os sentidos.

“Mística é um sentimento que passeia delicado e lento por dentro de nosso coração. Como se tivesse mãos, coloca o ânimo em cada pensamento. Mexe no comportamento, no jeito de andar, falar e sorrir; é a força que nos faz sentir, prazer e arrependimento.

Quem tem mística está sempre crescendo. A cada dia sente-se renascendo nas coisas que vai realizando. Seja na base ou no comando, a mesma energia se manifesta, como a alegria em uma festa, instiga quem está participando.

Mas a mística não é só bondade, às vezes se serve da ansiedade e angústia o corpo inteiro. Como uma chama no candeeiro que bebe o líquido que está dentro, provoca todos os talentos e esgota as capacidades. Desafia as habilidades para enfrentar certos apuros, nos cobra para sermos mais maduros diante dos acontecimentos.

As vezes se confunde com paciência, penetra fundo na consciência e nos convida a esperar. Nos pede para irmos devagar para não estragar tudo, mantém a emoção a flor do couro cabeludo e excita os olhos a chorar.

Para alguns a mística é simples emoção, para outros é dedicação; depende da convicção que se tem com a causa objetiva. Manifesta-se de forma desigual, frágil quando é individual, forte quando é coletiva.

A diferença a se comparar, está na capacidade de sonhar. Embora alguns sonhem sem nada edificar, há os que vão os sonhos construindo. Os dois lados andam juntos e separados, são os ativos e os acomodados. Os primeiros sonham acordados, e os demais sonham estando dormindo.

Assim fazem-se os edificadores; homens e mulheres em plena construção, que sentem, choram, vibram e correm, mesmo dispersos na mesma direção.

A mística empurra quem procura. Não deixa desanimar. Mesmo na exaustão de procurar ela incentiva a tentar mais uma vez. Até na hora que estamos desistindo, aparece e como a flor se abrindo, nos traz um sentimento de honradez. Com sua energia plena, nos diz que tudo vale a pena.

A dúvida durante o caminhar é natural que exista. A mística nos faz acreditar que há outro lugar além deste que alcança a vista.

Mas, cuidado, a mística também pode morrer, é só deixar de crer, de gostar e de querer.

Vive em nós enquanto há ânimo e curiosidade, como para ver nascimento. Faz-nos sentir que o tempo passa lento quando temos pressa, ou rápido demais quando está boa a conversa. Querer ficar e ir ao mesmo instante; estar próximos e em seguida bem distantes, mantendo sempre a lealdade na saudade submersa.

Mística não é um teatro, é atitude! Mantém a energia da juventude, mesmo quando envelhecemos por fora. É como o tempo que ultrapassa as horas e desrespeita a lógica dos ponteiros. Ela é a razão que nos faz ser herdeiros e herdeiras, de sonhadores que nunca foram embora.

Sem mística pode-se andar, dar passos, mas nunca sentir o prazer de um forte abraço; porque, é certo, real e verdadeiro que, para andar sozinho basta ter duas pernas, para lutar e amar precisa dispor do corpo inteiro.

A mística enfim é uma força crítica, que nos ajuda na prática política a garantir o rumo e a unidade. Mas, de nada vale querer o socialismo, se não cultivarmos o companheirismo, a alegria e a afetividade”.⁹

5. O COMPROMISSO DA MÍSTICA-

O ser humano além de todas as suas características, é altamente apaixonado. E por ser apaixonado, um ser que sofre e se sacrifica conscientemente para modificar o rumo dos acontecimentos. Isto porque, o ser humano é dotado de uma capacidade superior a dos animais. Ele tem a imaginação como força especial que o move para frente.

“O que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele consegue figura na mente a sua construção antes de transformá-la em realidade”¹⁰. De imediato podemos concluir que:

- a) O ser humano pode prever o que irá produzir.
- b) Fazer é antes figurar na mente com responsabilidade o objetivo que nos propomos a construir.
- c) As diferentes imaginações levam a diferentes fazeres por isto é importante respeitar princípios e programas.

⁹ BOGO, Ademar. Cartas de Amor.

¹⁰ MARX, Karl. O capital. São Paulo: Bertrand Brasil. 15^a. edição. 1996. pg 202

d) Entre os seres humanos, os fazeres são diferentes porque os interesses e as motivações são diferentes.

Isto nos diz que, na luta de classes, as habilidades individuais podem ser diferentes, mas os interesses e objetivos devem ser únicos, para que a luta contra os inimigos seja vitoriosa.

Por isto dizemos que, as motivações devem estar voltadas para a causa. Mas as motivações podem ser diferentes, depende do projeto e dos seus condutores. Se não vejamos:

1ª – Motivações condicionadas

O que condiciona o comportamento social é a estrutura da própria sociedade. Cotidianamente somos movidos por uma força estranha que está fora de nós, a qual Marx chamou de FETICHE. Este nada mais é que a personificação das mercadorias ou a coisificação das pessoas que ficam “enfeitiçadas” ou temerosas diante das mercadorias ou instituições.

Você já se perguntou por que vemos as instituições do Estado e nos submetemos a elas como se por si só tivessem uma força de controle? Por exemplo: o que sentimos quando passamos por uma delegacia, uma igreja, uma escola, um hospital, um cemitério, um mercado, uma propriedade rural?

Propositamente estas motivações já estão orientadas para serem assim em cada ser social, isto porque:

- a** - Pensamos sobre o pensado. As estruturas já foram pensadas para serem assim. Cabe, no dizer da ordem, respeitá-las como são.
- b** - Quem determina quem somos e como devemos agir, é a força principalmente do capital. Através dele se estabelece a divisão social do trabalho, dando nome e profissão aos diferentes fazeres. Assim, alguém pode ser o José, mas passa a ser conhecido, devido o ofício, de pedreiro. A função social nos condiciona a pensar e a sermos pelo que fazemos; assim o lixeiro “não pensa”. Professor não carrega lixo, nem varre a rua.
- c** - As funções sociais se orientam pela moral social e levam a determinados comportamentos sociais que reforçam o machismo, o preconceito, o centralismo etc.

2ª - Motivações de mudanças

As motivações para as mudanças sociais alimentam-se da causa crítica que temos. A causa por sua vez torna-se consciência na medida em que vamos edificando o projeto.

Há momentos em que as causas perdem o sentido porque estagnamos na consciência. Deixamos de acrescentar conteúdo e as contradições vão desaparecendo das análises.

A mística precisa da causa e da consciência. Sem elas não há compromissos. Não há razão de lutar. Não há permanência de projeto. Não há persistência das práticas. Também não haverá coerência nos comportamentos.

Motivar é incendiar as consciências com o fogo da revolução. É pôr vigor nas ações para que elas sejam maiores que a própria força.

Cada momento precisa ser motivado. A história da humanidade é feita de saltos de quantidade e qualidade. Às vezes estes saltos levam séculos para acontecerem. Mas ninguém luta em vão. As forças revolucionárias têm a função histórica de espalhar sementes. As colheitas podem ser feitas pelas gerações que vêm depois. O ciclo da vida individual é muito curto para querer plantar e colher ao mesmo tempo as revoluções. Quando estas acontecem, com certeza, foram iniciadas por gerações antecedentes.

A motivação é a vontade de viver outro momento fora do qual vivemos. Viver para além de si. Viver outro tempo. Queremos sempre fazer parte do futuro, mesmo que pareça tão distante. Quando o tempo demora a trazer as realizações, a única maneira de fazermos parte do futuro é fazermos bem feito no presente, para que, aquelas gerações que lá viverem tenham saudade do passado vivido por nós.

Como conclusão podemos dizer que a mística é esperança. Apesar das contradições algo será parecido com aquilo que imaginamos no futuro.

Quem luta deixa através das impressões digitais, os seus desejos não realizados, para as gerações que vem. Neste sentido, a esperança é mais do que um sentimento é uma causa a ser construída. Cada grupo, cada classe, cada povo a seu modo, em cada tempo, faz a sua parte. A parte que nos cabe é viver e fazer neste tempo aquilo que dará condições de vida para as gerações futuras. Vivemos a serviço delas. Que elas não se envergonhem de nós, mas, ao contrário, exaltem no futuro, com alegria as gerações passadas, que preparam com amor o lugar onde deveriam viver seus descendentes.

É tempo de colher

Ademar Bogo

Há momentos na história
em que todas as vitórias
parecem fugir da gente.

Mas vence quem não desanima
e busca em sua auto-estima
a força pra ser persistente.

O tempo passa lento mas também passa
com ele a glória do imperador
quem tem as mãos de construir
terá de levantar-se e decidir
o dia de enterrar a dor.

E erguer-se de todos os lugares
para dizer que é hora de colher
tudo o que se plantou.

Gente é como água do mar
mesmo se movendo de vagar
mostra no seu balançar
que nunca se dobrou.

Regamos o deserto da consciência
e um novo ser nasceu
é hora de ir em frente companheiro
você é o guerrilheiro que a história nos deu

Regamos o deserto da consciência
e um novo ser nasceu
é hora de ir em frente companheira
você é a guerrilheira que a história nos deu.

www.msi.org.br